



**MÁRIO
GALANGUNGA**

EFEITOS

• EDIÇÃO 2021 •

MÁRIO
GALANGUNGA

EFEITOS

ROMANCE

COPYRIGHT © MARIO GALANGUNGA

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor.

TITULO

®EFEITOS

AUTOR:

MÁRIO GALANGUNGA

E-MAIL:

mariogalangunga17@gmail.com

CAPA

WILDBERTO FARIA

™FACEBOOK/CASSIANO.FARIA

Kuito/Bié-2021

1ª Edição

ISBN: 978-989-33-2827-9

NOTA DO AUTOR

Esta, é mais uma obra de ficção, acontecendo num cosmos real, noutras vezes em espaços que eu mesmo os inventei, como resultado daquilo que foi o universo vivido pelos personagens.

Prezado Leitor!

Estás mais próximo de conhecer um enredo de emoções diversas, inspirada de alguma forma ínfima no meu preferido romance **A culpa é das Estrelas**, porém desejo-lhe, uma bela e apaixonante viagem, na cosmo-cidade desta fascinação...

Assim que se olharam, amaram-se;

Assim que se amaram, suspiraram;

Assim que suspiraram, perguntaram-se um ao outro o motivo;

Assim que descobriram o motivo, procuraram o remédio

William Shakespeare.

PRÓLOGO

Pouco tempo mais para sair da fase da adolescência à época da juventude, papai resolveu mandar-me para um grupo de apoio, pois ele, argumentava que a vida é para ser vivida, e que eu tinha de explorar mais o mundo. E ele teimava que já não dava para mim, ter a mesma vida que eu levei até aos 16 anos se bem que, não foi assim tão descontextualizada da realidade do mundo lá fora, isto porque me fechava sempre em casa com diversos livros, redes sociais, Verónica minha única amiga. Eu não saía e esta era a minha rotina, e sem se esquecer do meu diário branco, ambientado de algumas esferas vermelhas, onde eu ficava escrevendo frases, e poemas de Shakespeare, meu prezado autor. Eu dizia, apesar dele não fazer, mas parte do presente globo, para mim ele fazia, não que ele ficava comigo, não porque nos abraçávamos ou eu escutava a sua poética voz, mas porque conversávamos literalmente por telepatia, através da colectânea de seus escritos.

O motivo que me fazia não sair de casa era meu estado de vida, eu tinha um câncer, hereditário da minha família, era aquele tipo que ficava com as mulheres e depois de tempos ele não permitia ela fizesse tranças, aplicarem variados tipos cabelo, pois *ficava descabelada*.

Deixa-me explicar para você, desde as primeiras gerações desta minha família, que a principio foi fazendo parte dos avôs da minha avó, e depois da minha mãe, que pereceu quando eu tive apenas 9 anos de idade. e agora ela esta em mim, e dentro de pouco tempo eu ficarei careca. E talvez eu não tenha esta sorte, evidentemente porque os médicos disseram que provavelmente no futuro, eu possa ter Leucemia. —Eu não queria fazer parte do grupo de apoio, pois não queria ouvir aqueles idosos, e jovens falando simplesmente de Deus, era chato permanecer num local onde falavam o mesmo assunto, até preferia continuar com a minha rotina. —como eu sei disso? Sei porque a Verónica, única amiga minha, que também era temperada de pneumonia, frequentava tal associação, e ela me contava todas as coisas que lá se passava.

O grupo de apoio ficava num edifício que ficava na última quadra da centralidade belo horizonte do Kuito, e para lá chegar teria de se caminhar levava muito tempo para lá chegar, claro...! Caso queira ir sem um automóvel. Eu vivia a 6 ou 7 quadra de intermitência com ela.

Meu pai, era muito sobrecarregado, tinha simplesmente tempo para poder falar comigo no fim de semana, pois nos dias normais da semana, ele chegava sempre tarde em casa, e eu ficava nalgumas das vezes com a Verónica o dia todo, e só nos separávamos, apenas pelas 17horas, ou mesmo durante a noite.

Foram tantos discursos sedutores, que meu pai foi me contando, sobre paraíso, estar com Deus, e viver uma outra vida de eternidade junto a minha mãe, e para lá chegar, teria de seguir os caminhos de Jesus Cristo, e sim queria poder ver outra vez mamãe. Me persuadiu, persuadiu mais e mais, por mais que minha vontade de não encarar o grupo era enorme, eu não tive outra escolha a não ceder ao seu incrível conjunto de palavras, que me corrompiam.

Estive sentada na cama, no meu quarto cujas as paredes eram feitas de bolinhas tal como no meu diário, também as paredes coloridas da cor branca e as esferas de cores vermelha. A cama ficava ao lado da janela, que eu cobria com uma cortina, também de cor vermelha, que quando eu pudesse olhar para a rua teria de abri-la.

Meu quarto ficava a uma porta depois do quarto de banho como são feitas todas as casas da Centralidade, então quando eu quisesse banhar tive que dar uns quatro ou cinco passos, no corredor para lá chegar. Estive mexendo o meu computador da *Samsung* de cor azul quase preto. Navegava nele, na *fã-página* do *facebook* de William Shakespeare onde publicavam modestamente suas frases e poemas, e quando eu via uma frase assim que me encantasse escrevia logo, no meu diário, assim abalroei a frase: *a vida é um palco, onde todos os homens e mulheres são autores representando o papel de sua própria vida.* –A frase tinha 60 curtidas, 70 partilhas e 30 comentários. E nesse caso eu fui logo segurando no meu diário que estava bem ao meu lado junto a minha esferográfica de cor vermelha que também vinha com o tal diário. E nessora escrevi-a. Logo meu pai chegou no quarto encontrando-me mesmo sentada,

deu-me um beijinho da testa como ele fazia todas as noites antes da sonolência.

— Minha filha já não são horas. — Papai disse, eram 21 horas minha hora de estar na viagem noturna, (dormir), eu mesma me tinha inculcado esta regra. — Não te costume a ver a esta hora no seu computador.

— Esta bem pai vou só terminar de passar esta frase no meu diário. — Falei

— Você e o seu diário! — Disse. — Igualzinha a sua mãe. Ela também não dormia sem que escrevesse ou lesse qualquer coisa.

— chama-se resultado congénito, o câncer, até nalgumas maneiras de viver. E isto papai me agrada. — Comentei. — Talvez vovó tinha sido assim e os avôs de mamãe também, é... uma pandemia familiar.

Porem, meu pai e assim vinha sentar-se ao na cama, enquanto eu fechava o diário pois já tinha escrito a frase. Ainda acrescentou:

— Hum! Ela esta fazendo falta nê? — assenti, e que era verdade. — filha tenha uma feliz noite. — Falou dando-me repetidamente beijinho de boa noite na testa.

— Obrigada, pai. —Falei

Quando se levantou, eu colocava o meu diário e o computador por cima da banca pois tinha fechado ele quando o meu pai se levantou da minha cama, e assim antes mesmo dele sair do quarto, como eu era uma seguidora de Shakespeare e talvez a mais fã dele, lembrei de uma sua frase que dizia que *é necessário dizer as pessoas que amamos palavras amorosas, pois pode ser a ultima vez que as vejamos.*

— Papai! — O chamei quando ele estava quase saindo pela porta.

— Sim filha. —Respondeu.

— Eu amo-te mil milhões, ou seja, a um número incontável de estrelas.

— Uau! — Vociferou. —Meu amor por ti é inúmero filha. Feliz noite.

E assim meu pai foi saindo, desligando a lâmpada pelo interruptor que ficava fixado na parede bem na entrada do meu quarto, então eu me acobertei e assim fui dormindo.

Dentre os maiores presentes, da existência, está o amor, ainda que a dor inata nos faça temer. Ele tudo pode, só nunca rejeite o amor, ou deixes de amar alguém, só porque quem lhe estiver dando este amor seja pequeno, o mundo é complexo, porém, você pode caminhar mais de três décadas para achar um outro, e isto seria bizarro. Como esperar que a estrela cadente passe aos seus olhos a cada segundo que você desejar. Então ame e viva sua vida com intensidade.

Stella Lauren(personagem)

1

Porém, o primeiro dia de participar do grupo chegou, a ansiedade e a indolência tomavam conta de mim, pois fora a escola, ainda nunca tinha participado de um grupo somente de interações ou refutações. Mas como era comum, que no primeiro dia que enfrentas um novo meio, o foco é conhecer-se a todos, partindo de nomes, idade, sonhos, medos ou apreensões, então estávamos todos sentados em forma de um U ou meia lua. Eramos na média 12 pessoas dos quais 3 ancianos o restante adolescentes caminhando para os 18 anos. Bem na frente de todos, sentava o senhor Afonso, que por atributo, era o responsável do agregado, e naquele dia estava calejado de uma camisa branca de mangas longas, que se fazia acompanhar de um colete preto e um laço, também da cor branca. Ele tinha câncer no seu pulmão esquerdo, ele era um senhor bacana, e tinha em sua cabeça um revezamento de cor de cabelo, isto é, cabelos brancos e outras que era a maior parte eram pretos, uma voz roncadura, parecendo-se com a timbre de um autentico ébrio. Nessora, começamos com as exposições. Apresentaram-se Orlando, Joana, a Verónica, todos da mesma jornada de pneumonia, em seguida foram se apresentar outros idosos que também faziam parte de um pacote de câncer nos órgãos vitais.

Ostentaram-se também, Elisa, Rosa, Amândio, que eram feitos de Leucemia da que provavelmente eu possa vir tê-la a mieloide aguda. Mas enquanto eles se apresentavam, eu encarava uma batalha de olhar, com um garoto alto, bonito, com cara de inocente, e simpática, com o corte de cabelo estilo ponck, que para além disso, usava óculos escuro, parecia um cego, porque actualmente, adolescentes odeiam claraboias escuras. Não usam, óculos escuros sem que o sol esteja muito ardente, e ainda mais em um ambiente onde só se poderia trocar experiências, de vida, onde todos são iguais, não física, emocional e psicologicamente. Todos parecidos porque, provavelmente se esta a jogar as ultimas jornadas da

grande temporada. O garoto vestia-se de um olímpico manjuco de cor cinzenta, e uma camisa branca toda virgem em fim um ténis preto marcas adidas. Porém a guerra parou por um instante pois tinha chegado sua vez de se apresentar, mas antes ele soltou um sorriso mais sensual do que já tinha visto.

— Olá! —Disse. —Eu sou o Isaac Routers, podem tratar-me de Rous. Tenho 19 anos de idade. E... eu estou bem.

— E por que resolveste fazer parte deste grupo. Êh.... sabendo que estas bem? —Afonso perguntou, concentrando seus olhos nos do garoto.

Isaac, que agora já tinha o seu nome, desviou sua atenção do senhor, cruzando-se com os meus olhos, levantou seu braço direito, segurando-se no queixo por uns segundos, quando também ficou de boca meio aberta sem dizer nada, voltou no Afonso, e explicava-se:

— Bem, eu... —Disse. — Minha mãe, sempre me contou sobre vida eterna, e para alcança-la, você deve primeiro buscar Jesus Cristo, ainda afirmou, Jesus proferir *que ninguém vai ao pai se não passar por ele*. E então, se ele é o caminho e a verdade..., eu gostaria de viver ainda mais uma vida... digamos que este é um dos objectivos, que me trouxe cá.

—Tudo bem você está no local certo. — Comentou. — E... e qual seria o outro?

Rous, voltou a olhar-me e com o seu sorriso respondeu:

— Amizades. Quer dizer pessoas que fazem-me sentir diferente, que mudem a minha vida. —Sorriu, e desta vez caí na dele também soltei um de leve. — Pois para além dos meus pais eu não tenho amigos. porque para alem deles, todos me rejeitam, e pensam que eu vou atacá-los a qualquer momento.

Quando ele disse isto, me entusiasmei e pus fixamente meus olhos nele, e pensava como um garoto tão lindo, poderia ter uma vida assim de rejeições e então continuei a ouvi-lo.

— Pensam que eu sou uma lenda da noite, como nos filme de terror, por causa dos meus olhos vermelhos.

— Mas vampiro não existem. — afirmou Verónica.

— Êh, mas eles não acreditam. — Falou o garoto. E um som em forma de coro veio:

Nós estamos contigo Isaac.

Então ele sentou, e, em fim chegou a minha vez.

— Sou a Stella Lauren. — Falei. — Estou caminhando para os 18 anos, tenho câncer, e provavelmente, venha a ter Leucemia no futuro, e... e dentro em breve, ficarei careca talvez ninguém querará saber de mim. Como... como diz a maior parte das histórias de garotas que foram desniveladas por competirem a este jogo.

— Eu vou. — Verónica, disse.

— Êh! Você e o meu pai, e talvez todos que estejam neste lugar.

Mais uma vez o coro que parecia bem ensaiado para ser dito para alguém, que se sente só. Dizendo:

Nós estaremos contigo Lauren

E assim começou a oração que era dirigida pelo responsável do grupo.

— Ok. Então oremos:

Ó! Pai celestial, a ti entregamos toda a nossa confiança, fé e esperança. Ó senhor venha estar a cada um de nós presentes cá nesta sala, venha convalescer a pneumonia da Verónica, Orlando e Joana, venha abrir os olhos de todas as pessoas lá fora pra acreditarem que vampiros não existem e que os olhos do Isaac são mais uma das suas obras, faz com que ele não seja simplesmente aceite por nós, ou pelos seu pais, como também seja aceite por toda a sociedade, e venha estar também com a Stela, que tem vivido uma vida, muito intensa, carregando um câncer, e com a esperança de que possa carregar uma leucemia também, Ó senhor, venha fazer que esta leucemia, não se turbe sua carne e

prolongue mais dias de vida a cada um de nós cá presente. Em nome de Jesus Cristo, nós lhe pedimos amém.

— Amém. — Falamos em coro.

E Assim Afonso, vinha falando, sobre o assunto a tratar...

— Bem, para hoje nós vamos falar do Salmista, mas antes partilharemos alguns outros assuntos sobre temas que têm marcado a nossa juventude, como é o caso do aborto, que ultimamente tem sido uma prática bastante repetida aqui na centralidade.... Mas antes.... — Segurou na sua guitarra que estava bem ao seu lado, e disse: — vai uma música para purificar mais as nossas almas.

O som que era produzido, parecia-se com uma música que conhecia bem, —que tocava todas as vezes que ia com a mamãe à igreja. Sinceramente, sempre gostei deste hino, e Afonso tocava perfeitamente com o seu violão, fazendo a maioria da gente segui-lo. A canção era:

1. Senhor meu Deus

Quando eu maravilhado,

Para a pensar no teu grandioso Ser,

Vejo a tormenta o céu estrelado,

A declarar ao mundo o teu poder.

Então Minh 'alma canta a Ti Senhor.

Quão grande és tu,

Quão grande és tu!

Canta Minh 'alma a Ti, oh, meu Senhor.

Quão grandes és Tu, Senhor ó és.



Tocou-se simplesmente a primeira estrofe e o coro. E...

O tempo foi passando, cada um deu seu cunho pessoal, a respeito dos temas apresentados, sobre tudo no que tange a prática de abordado. A aglomeração teve a duração de uma hora e meia, mas enquanto isto ia passando, na maioria das vezes eu e aquele garoto que dizia a ser o Isaac, continuávamos, aquele nosso embate dos olhares, até cheguei a despertar um interesse por ele, pois ele era mesmo um gato. Depois de tudo, estive já fora daquela sala esperando pela Verónica. enquanto ela ia falando com Afonso, e justamente quando o garoto, caminhava com sua simpatia, em minha direcção.

— Oi, você é a Stella Laureen ... — Demandou sensualmente.

— Oi... sim. — Falei.

Ele fixava novamente seus olhos nos meus.

— O que foi...? — falei, sorrindo. — Por que me olhas deste modo, não que inibida sou?

— Não acho... sabes porque, você é foi uma grande guerreira naquele nosso embate. — Comentou. —Stela você é muito linda.

— Nós não vamos rejeitar você... bem pelo menos eu. — Falei, fingindo que não tinha ouvido o elogio. — Olha você pode a partir de hoje acreditar que as pessoas são simplesmente... diferentes.

— Obrigado.

E lá vinha a Verónica.

— Vamos Stela. — Verónica, disse

— Adeus, Stella Laureen — Rous, eximiu.

— Ok.

E assim, Isaac foi descendo os degraus, que nos levavam a porta do prédio, quando a Verónica levou suas mãos ao meu ombro, quando os meus olhos ainda estavam presos, no Isaac que caminhava. Conquanto, fomos descendo também, rumo a casa.



Junto a Verónica no meu quarto, estávamos batendo um festo, na mesma ocasião distraídas, nas redes sociais, desfrutando da *internet grátis*, que papai tinha plantado em casa. Eu estive navegando no meu computador, sentada em uma cadeira que vinha junto a minha banca, cadeira branca, e muito linda mesmo e confortável. Quando a Verónica estava deitada na cama com o seu celular, da mesma marca que o meu e telefone, que também era do meu cérebro eletrônico, diferença do meu e o dela estavam nos seus modelos, pois que o meu era *galax s4*, e o dele era o *galax A 5*. O clima estava meio quente, por isso é que eu estive vestida, de uma camiseta a calor, e um *short jeans azul* que não, passava do joelho. E ela vestia-se da mesma blusa branca, torneada de alguns brilhantes da espécie de diamante, que por sinal, era resistível ao calor. –Vou contar-te, mais sobre a Verónica, ela é uma garota linda, com uma cor da pele a caramelo como a minha, seus olhos são tão pretos, na maioria das ela usava um que tinha uma bola no seu seio de cor violeta, voltada de brilho a diamante. E em fim era magra, e tinha uma voz fina parecendo uma criança. Esta é a minha e incrível amiga. De repente veio ele quebrando o silêncio.

– Ó Stella...! – Disse.

Tirei, os olhos do ecrã, do cérebro eletrônico, e com minha cadeira que me permitia menear a qualquer lugar simplesmente girando com ela, e a olhei.

– Sim.... Vê. – Era assim que eu a chamava.

– Vi-te muito caidinha...muito centrada no garoto que dizia ter olhos vermelho...

– Vais me dizer que ele não é lindo?

– Êh! Lindo ele é. – admitiu. – Mas tu não devias ficar já a fim dele logo na primeira vista.

– E quem disse que eu estou? – disfarcei.

Verónica, estava certa, eu tinha me encantado pela primeira vista.

— Seus olhos me diziam isto. — Comentou

— Hum...! Quês saber, gostei do meu primeiro dia lá, no grupo de apoio, falam coisas lindas. E de inteira relevância.

— Eu até acho aquelas historias engraçadas, fazem-me rir muito. — Falou

— Gostaste por falarem coisas boas. Ou porque...

— Ou quê...? — descontinuei.

— Nada, vamos mudar de assunto... — Proferiu

— Está...melhor mesmo. — Aliei.

Hora de tomar dois dos meus antibióticos recomendados pelo meu médico, chegava e então fui pegando eles na primeira gaveta da banca e tirei o *Dopcetaxel Glenmark* e o *Docelibbs*. segurando o copo que fica junto o meu garrafão de agua bem na lateral da banca, cliquei na torneira enchendo o copo e fui bebendo eles. E assim não haveria, mas necessidade de poder guiar-me a cozinha para tomar todos eles. Enquanto eu estive tomando eles, a Verónica tinha se levantado, da cama, ordenando as partes enrugadas do cobertor que ficava na cama. E parecia que ele estava para ir já em sua casa, e fui colocando o copo de volta ao seu lugar.

— Hum! — sussurrei. — Está pensando em ir?

Verónica, terminou de arrumar, olhou-me.

— Êh... vou fazer alguma coisa lá em casa, e também aproveitarei para estar com o António.

— Está bem. — Falei. — Vamos, eu acompanho-te até fora.

Colocámo-nos a caminhar. Chegamos em de frente do apartamento, a beira da estrada, quando passavam dois táxis de marca Toyota dos mais comum em Angola de cores azul e branco. Enquanto no passeio, passava um jovem que aparentava ser um artista musical, de estilo Kuduro, dava-se conta pela indumentária, calças caídas e despedaçadas em ambos os lados

— Olá Kanucas! — o jovem, cumprimentou-nos quando estava bem perto de nós.

Kanucas, era um calão, proferido por vários homens, para figurar damas, mulheres ou garotas.

— Oi. — respondemos.

— Loucos.... — Verónica, eximiu, e colocamo-nos a sorrir.

— Dá um abraço meu, para o António.

Então abraçamo-nos e Verónica, soltou um riso e disse ainda abraçadas:

— Farei questão.

Soltamo-nos. — Ok. — Falei.

Ao passo que estiva no meu vestida do meu pijama cor de rosa, pronta para me deitar a cama, meu pai estava chegando do seu serviço, se bem que ainda não o tinha visto, dei conta que ele chegara pelo barulho de chaves sendo balançadas vindo do corredor. E já eram 9:03 da noite, então quando eu me pus na cama antes mesmo de fechar meu computador, atualizei *feed-notícia* do meu Facebook, e encontrei uma mensagem da Verónica, que me surpreendeu, com o texto:

“Oi Stella, venho por esta informar que, foi acrescido mais três dias de reunião do grupo de apoio, ficando assim marcado para as Quarta, Quinta, e Sexta-Feira, no entanto amanhã teremos mais uma reunião. No entanto venho buscar-te quando forem 9:40 da manhã.”

— Que saco! — cochichei.

Apesar do primeiro dia eu ter gostado de participar do grupo, não gostei nada da informação. Mais três...! era muito, bem, mas fazer o quê. Então fui enviando uma mensagem de confirmação que eu tinha visto a mensagem dela, e daí fechei o meu computador e coloquei-o no mesmo lugar de sempre. Quando meu pai entrava no meu quarto.

— Então filha, como estas? — cumprimentou-me. Quando estive com a cabeça apoiada no travesseiro.

— Eu estou bem. — Disse. — Na verdade um pouco aborrecida. Papai sentou, e apoiou seus braços na cama, e pasmo exclama:

— Aborrecida! Porque princesa? O primeiro dia no clube foi mal?

— Não! Adorei o meu primeiro dia. O que me aborreceu na verdade foi a informação, que diz passaremos a participar dele, três vezes por semana.

— Como assim, não era simplesmente um dia por semana? — Perguntou.

— Êh! Recebi recentemente o informe.

— Não faz mal filha, a boa é que adoraste.

— Êh... — ciciiei.

É, isso era o bom da coisa, que eu achei legal, porque caso contrario, não queria mais volta para aquele grupo e muito menos agora que cresceram mais dois dias para tal reunião. Outra coisa boa, para além dos conhecimentos bíblicos e os debates, — é o lado bom das pessoas que lá lesnavam, que permanecerão sempre ao seu lado até a ultima página do seu livro. Como um bom leitor, veleja até ao final do mar das ideias de um livro, mesmo ele tendo um monte de páginas. Ou mesmos que muito os desveneram por ser tão complexo. Porem, papai, respirou fundo, inclinou seu corpo até a minha bochecha, e deu-me um beijinho.

— Bem filha, tive um dia tenso. Desejo-lhe uma excelente noite meu doce. filha. — Arremessou-se. E mais uma vez foi desligando a lâmpada, e fechando a porta do quarto.



Meu segundo dia no grupo, e por sinal que teria sido a primeira vez da sexta-feira, de se presenciar dele chegou, e pelas 10:18 da manhã estive junto a Verónica entrando no compartimento. Nos sentamos nos nossos devidos lugares e pelo clima que havia lá, estava aparecendo que já tinham feito a oração. Não cumprimentamos porque cessaríamos com a sonância que estava sendo emitida pela Joana, que manavam em meus ouvidos visceralmente: *então eu acho que, simplesmente devemos viver nossas vidas, não se importando com o que outros.* — Perdi o som por um instante, pelo barulho que provoquei quando me posicionava melhor na fila com a minha cadeira. E sentindo-me culpada, silenciosamente pedi desculpa no Orlando que vestia um casaco jeans, uma camisa que não dava para perceber se era de manga compridas ou curtas, e coberto de uma toca preta, uma calça cor azul jeans iguais ao casaco, não dava para ver o sapato porque seus pés estavam guardados debaixo de sua cadeira. — E concentrando-me novamente nas falas da Joana que vinha: *porque? O mais importante é isto, a vida que nós temos independentemente das nossas deficiências físicas ou sei lá... emocional...* Terminou de falar. E lá vinham as palmas que vibraram por duas vezes.

— Mandou bem Joana. — Declarou, um som deslocalizado e acaçapado. Quando ela se sentava.

— Chegaram um pouco atrasadas... — disse Afonso. Por entre os meus olhos.

Verónica olhou-me, voltou para o Afonso, e murmurou:

— Êh...!

— Ok. —disse, Afonso. Quando lá do meu lado esquerdo vinha novamente aqueles lindos olhares, e rosto simpático do garoto, quando Afonso continuava a falar: — Bem, Stella e Verónica, sendo hoje o segundo dia especificamente o segundo dia, nós não...

E enfim, começamos a segunda guerra de olhares, quando senho Afonso falava, mas não dava para perceber o a e o b delas, aquilo era somente o som que rondava em meus ouvidos, e parece que Isaac, estava no mesmo lago, poi vibrou, quando ouviu seu nome que pelo clima foi chamado por duas vezes.

Isaac

Era a voz de Afonso. E Isaac, perdeu o equilíbrio, parecendo que tinha visto o diabo, curvou seu rosto ao Afonso, parecendo um Robô. E titubeava:

êh... sim... êh... sim o que foi...? sim, sim estou presente.

Alguns colegas se os poderia assim os chamar, colocaram-se a rir, mas calaram-se de imediato. E assim com outra parte que não ria, todos se silenciaram, e com os olhos preocupados.

— Isaac, você... está bem...? —perguntou Afonso.

— Êh! Sim estou...

— Está...

Eu lá no meu canto, tapei a boca com as duas palmas das mãos, pois a gargalhada não parava.

— Você poderia compartilhar, é sua vez. — Afonso disse.

— Compartilhar.... Compartilhar o que? —Disse.

— É sério você perdeu o fio que estamos compartilhando nossos medos? — começamos pela Rosa e estamos girando, e chegou sua vez. Vamos lá...

Isaac, olhou-me, com a boca meio aberta sinal de que estava surpreso, voltou para o Afonso, e disse:

—Ah! Ok, eu perdi-me um pouco.

— É o que acontece quando você fica perdido nos olhos de alguém... tão linda.

Esta frase, sua adjetivação, deu-me a perceber que Afonso sabia do nosso jogo. É, esta era para ele aprender que nunca deve competir com uma mulher em jogos de olhares, ninguém, seria capaz de nos vencer.

— Mas gostaríamos que primeiro, mostrasses-nos os seus olhos... — continuou Afonso.

O garoto levantou-se, levado suas mãos as nas algemas finas e douradas de sua claraboia. quando um silêncio tomou a nossa sala, e a minha graça foi-se totalmente. Na sala, pois todos fixaram seus olhos ao garoto, porque estavam curiosos em ver seus furos vermelhos, e notava-se, que ele estava um pouco vexado.

— Sério? — Perguntou.

Afonso, levou seus ombros para cima e balançou a cabeça, que significava uma afirmação. E nesse caso, veio os olhos mais belos que eu já tinha visto na época. Seus olhos não eram todo ele vermelhos como um vampiro dos filmes de terror. Eles eram diferentes, sua cromia era tão branca como lã, simplesmente aqueles corros é que eram totalmente vermelhos como o carmesim. E pelo fluxo dos olhos dos colegas transmitiam mensagem de que a maioria deles, estavam duvidosos em relação ao Isaac. Pensando na possibilidade vampiraria do garoto.

— Olha eu. Eu não, me aclimatei, e espero o dia que todos se apercebam que não sou o que realmente eles pensam quem eu sou. Agora quanto aos meus medos...eu acho que é somente este de ser colocado fora do mundo, ou no lugar de que não possa dar o meu contributo neste calhão azul.

— Calma miúdo, você pode crer que esses olhos são um efeito natural. — Falou o Afonso tranquilamente.

Bem, para mim aqueles olhos vermelhos, mais do que um fruto de inato, por mais que não conheço o lado de seu coração, tirei meu conceito, o de que aqueles olhos estavam mais para um amor visível do que um olho vampirais. Ainda mais com aquela carinha inofensiva tudo concluído, pareceu ser, uma grande metáfora do amor. Então, o garoto vendou de novo seus olhos.

— Desculpem-me, mas não me sinto estável. — Disse. — O óculo é meu consórcio.

E assim o segundo dia no grupo de apoio foi indo, desta vez mais legal ainda. Eu não cheguei a compartilhar meus medos, pois, ainda esgrimia, outros dos condiscípulos, desta vez não muito diferente,

estive esperando Verónica que se despedia do namorado. António era como ele se chamava, tinha um cabelo supre preto, pintado a loiro nas suas pontas com estilo, corte francês. Ele é meio alto e moreno. Vestia uma calça *skiny*, *vermelha um ténis preto, quase jacula da jordan, e uma camisa gola O, de mangas fixas aos seus cotovelos, com letras no seu seio todas maiúsculo estilo grafite com o dizer da Nike. Os enamorados estavam* aproximados de um carro *Hilux*, de cor vermelha, e com uma carroça fechada de uma tampa com ondas de cor preta. Que era de António. Porem, ambos estavam em beijos, e pelo gesto que eles colocavam eu decidi nomeá-lo de beijo indomesticado.

Então lá estive eu sozinha sem namorado, com a brisa do vento esmurrando meu rosto. Cruzei os braços e fiquei simplesmente os contemplando, apoiada no posto de iluminação noturna, quando aproximava dois carros, que levavam o Orlando e a Joana.

— Oi Stella. — Uma voz veio de trás de mim.

Era Isaac que descia os degraus com as mãos guardadas nos bolsos da sua jeans . Virei, dei um sorriso.

— Por que estas sozinha? — Perguntou.

E então a luz da ideia do meu escritor favorável, acendeu como uma lâmpada em minha mente, e para impressionar o garoto disse:

— Êh...! Shakespeare dizia que companhia nem sempre significa segurança.

— Uau! Um rabisco velho. Sabes ninguém liga mais para isto, ninguém vive de rabis...

— Ei calma aí! — exaltei-me. — ninguém fala deste feitio do meu escritor, nomeadamente na minha presença.

Isaac, desalgemou, suas mãos das calças levantaram—as, e as gesticulou como se estivesse a ser crucificado.

— Desculpa-me tá, nunca pensei que eras tão virada nele.
Eu.

— É tens razão não sabia porque a pouco nos conhecemos.
— Cortei-o. — E te perdoou só por isso, mas nunca mais volte a falar dele deste modo okay?

Então balançou sua cabeça de cima para baixo, concordando com minha disposição.

— Ok, aceito.

Voltei para a Verónica que já tinha culminado com os seus beijos, e estavam de mãos dadas, com olhos presos num do outro, quando senti um o raio solar batendo bem nos meus carrilhos.

— Você é linda. — Disse o garoto.

Meu coração bateu forte, voltei para ele que se concentrava absolutamente em mim, com os braços cruzados, fingi que não o tinha ouvido só para ter certeza.

— Disseste alguma coisa?

— Êh disse que você é excessivamente linda.

— Sério?

— É. E fiquei pensando como uma garota tão estética pode ser dotado de duas enfermidades. —Deixa-me...

— Uma... — melodiei. — Outra é ainda uma verosimilhança, que possivelmente vou granjear brevemente.

Movimentou a cabeça de baixo para cima, sentindo-se embasbacado com a minha resposta, empurrou os lábios mais adiante. Enquanto eu continuava.

— Eu costumo a dizer que não dá para escolher o que vai te matando, ou o que não desejas ter, quando se trata de coisas naturais ou doenças. São simplesmente ilusões da existência. Algumas vão ser passageiras, e outras nem por isso, viverão dentro de ti até ao ultimo suspiro.

— Nossahhh... — alvoroçou. — Você é majestosamente muito inteligente. Sabes Stella, estou começando a gostar da ideia.

— Qual ideia? — interrompi-lho.

Ficou, meio de boca aberta, por um instante e continuou. — A ideia do grupo. A princípio eu não queria fazer parte dele, e acho o mesmo em ti.

— Como sabes disso?

— É onde muitos de nós jovens...

— Ainda sou adolescente. — Cortei-o.

Isaac, pestanejou, não hesitou e continuou com seu pensamento.

— Tanto faz, não queremos ficar, pois pensávamos que era uma má ideia. Mas em fim estamos cá e possivelmente mais perto de Jesus.

— É estamos. — Concordei.

— E Laureen, já que encararemos o mesmo grupo, olha eu nunca tive a oportunidade de ter amigos nem amigas, você acha que podemos nos tornar?

Profundamente, eu fiquei empolgada, parecia que tínhamos uma similaridade, pois, apesar de que durante as aulas no meu ensino médio, eu não fazia amizades, com rapazes, nem mesmo com do género oposto, era meramente eu e a Verónica. então não achei uma má ideia vinda dele, além disso o garoto era bonito, atraente, e não faria mal tornar-se amiga dele. porém fiquei olhando para ele, fiquei uns segundinhos pensando, em uma resposta que o deixasse mais confortável.

— Ok, podemos até chegar lá.

— E isto é um sim...?

olhei para o lado da Verónica com a boca meio aberta, carregada de um sorriso.

— Anda Stella, vamos aproveitar que o António cá está para levar-nos, para casa. — Verónica chamou.

Não a respondi, voltando novamente para o Isaac, ainda com o mesmo riso estendido em minha face, falei:

— É.

O garoto ficava me olhando.

— Ok. Eu agradeço. — Disse. — Stella, gostarias de ver um filme hoje, pelas 18 horas aproveitando, que estamos na Sexta-feira?

Nunca tenha ainda estado as 18 horas fora de casa, ao menos quando andava no ensino secundário. Fiquei olhando para ele pensando, por alguns segundos. *“Ai como ele é lindo, parece que sua beleza está a comandar todos os meus sentidos. Não consigo resistir”*. — Pensei. E logo afirmei:

— Podemos.

Fechou as duas mãos, alegoria de graça, deu mais um daqueles seu sorriso, desdobrou suas mãos e colocava uma delas no bolso do seu casaco, que saiu um mini diário. Junto uma esferográfica.

— Poderias escrever seu nome aqui no meu *Notebook*? Para que eu possa fazer-te um pedido no facebook, e assim nos mantermos ligados

Não são muitos que dão um papel ou uma agenda para uma garota colocar seu nome das redes sociais, a maioria vem, simplesmente com o seu celular, e pede para que a garota escreva seu nome no centro de pesquisa e já está.

— É necessário? — perguntei.

Ele simplesmente fez um gesto com a sua cabeça, do ar para o chão, E então eu segurei na sua agenda e esferográfica, e com a minha grafia que era bem desenhada como daquelas que aparece no caderno de caligrafias, escrevi o meu nome *“Stella Lauren”* pois eu não usava outros nomes no facebook, como a maioria das pessoas faziam. Terminei e devolvi-lho. E aí ele veio, enquanto colocava sua esferográfica no bolso:

— Eu só queria que uma garota pulcra como você escrevesse seu nome na minha agenda. Olha nesta agenda só consta nomes de pessoas que eu acho de especial, e você é uma pessoa especial.

Deixou-me sem mais palavras, tensa e ardendo em incêndios.

— Anda Stella, vamos. — Novamente chamou.

Respirei fundo não reagi ao seu comentário, e disse imediatamente.

— Adeus, Isaac. — E assim fui caminhando para Verónica, subindo no carro, na porta de trás.

2

Mais um dia favorável, tinha começado, não unicamente porque tivemos boas conversas, ou porque fui convidada para sair, mas porque fui fazendo parte na lista de figuras peculiares de alguém. Melhor do que tomar antibióticos, de vários tipos, durante o dia para sentir-se melhor, do que possivelmente vai acabar com você, era ficar ao lado de alguém que te fazia esquecer disto. Não que estou, apressada caminhando rápido de mais, mas porque senti que bom íntimo no Isaac, pois que quando ficamos juntos, quase que me esquecia por total, do câncer.

Em casa, fui até a minha banca onde estava os meus antibióticos, e fui tomá-los. a Verónica, tinha saído com o seu namorado, então após ter tomado os remédios, fui até a minha banca dos livros que estavam amontoados um por cima do outro, fui escolhendo, segurando primeiro o livro de *José Neto com o título lidere a sua vida*. Fiquei contemplando sua capa por alguns segundos. Segurei no livro seguinte de Mário Sérgio Cortella, **O QUE A VIDA ME ENSINOU**. *Viver em Paz Para morrer em paz (paixão Sentido felicidade)*, fiquei empolgada com a frase que estava escrita na capa, na verdade era uma pergunta “*Se você não existisse que falta faria?*” — certamente, nunca ainda tinha começado ele, então deu-me ideia de começar a lê-lo.

Deitei-me na cama e fui verificando o sumário e logo o primeiro tema me comoveu, “*o que se aprende com o óbvio*”. E fui lendo. Então, passando um tempo de leitura, terminei os dois primeiros capítulos e comecei por gostar do livro. Tão logo, levantei-me, fui até a cozinha, segurei um copo, e o enchi com sumo *nutry*, que era uma das marcas mais consumidas de Angola. a sabor de manga, pousei-o por cima do mármore, e fui preparando uma sanduíche, de pão integral, com alface e tomate e queijo.

Terminado voltei para o quarto. Eu não era muito de assistir, salvo quando apresentava meu favorito programa.... Coloquei o que carregava por cima da banca, arrastei a cadeira, e pus-me a sentar, abrindo o meu computador, e liguei-o, tomava meu sumo e dei uma mordida na sanduíche, enquanto a palavra **SAMSUNG** processava no cérebro eletrônico. Quando de repente oiço:

Bhum... bhum... bhum...

Batiam a porta, levantei-me e fui abri-la. Era a Verónica.

— Oi Stella. — disse com sorriso nos lábios.

— Vê. Entra...

Verónica entrou, e eu fechava a porta. Sua alegria era imensa, que não conseguia controlar sua a ansiedade.

— Adivinha só Stella. — Falou, Verónica.

Ela sabia que eu não era boa nisto, e que não teria pontaria alguma para acerta sua adivinha. Bem, mas fui tentando.

— Seu namorado comprou-te o relógio das suas apetências...?

— Não! — negou.

— Humm! Deixa-me ver...—melodiei, enquanto segurava-me no queixo com os olhos a cima. — Comprou um vestido, daqueles que você sempre quis?

Ela não respondeu, simplesmente balançou a cabeça da esquerda a direita, gesticulação negativa, respirei fundo, não sabia mais o que falar, não me vinha em mente, só saiu como uma pólvora de bala.

— Então estas gra-vi-da...

— Stella! Nada disso. — Exclamou. — Você ainda continua péssima neste jogo Lauren. Gravida eu? Cedo é ainda.

— Olha, melhor contado para mim, porque tu sabes nunca acertaria. Mas antes vamos para o quarto.

Não obstante, quando caminhávamos para o quarto, Verónica vinha me contando sobre a sua ansiedade.

— Olha fui hoje ao médico, e ele disse-me que não acreditavam o que tinha acontecido comigo.

E falando em medico, lembrei-me logo que no seguinte dia tinha uma consulta marcada na Clinica Raíar da Vida. Para um findo exame sobre as minhas probabilidades do tipo: *a) positiva em leucemia; b) negativa; e c) quando ficarei careca.* Fitei meus olhos na Verónica enquanto entravamos no quarto, e indaguei:

— Como assim?

Verónica ia sentando, na cama. Eu me dirigia para a banca. Sentei e dei um gole no sumo. O computador já tinha processado, actualizava-o, ao tempo que Verónica explicava-me:

— Olha, a principio eu não acreditei, nem os meus pais, e nem mesmo os doutores. Não sei mais... está parecendo um milagre e tanto.

— O quê que eu não entendo? — indaguei.

— Já não sinto dor Stella. A pneumonia se foi.

Fiquei de boca aberta, e senti-me feliz que levantei da cadeira e fui correndo de imediato, dando-lhe um abraço, pois esta é uma novidade que muitos desta jornada esperam receber, e melhor que isto é viver pensando que terás mais um longo percurso pela vida.

— Isto é majestosamente marcante. — Falei ainda abraçadas. — Que bom. Vê.

Desabraçamo-nos, segurei suas mãos enquanto nos olhávamos com os rostos, mais alegres do século.

— Olha você mereceu. — Falei. E de repente murchei pensando na minha situação, na probabilidade de ter menos tempo de vida.

— O que foi Stella. — exclamou, desalgemamos nossas mãos, virei para outro lado da janela. Gesticulei o ombro para cima,

justificando-se de que nada havia ocorrido. — De repente seu rosto entristeceu.

— Desculpa-me, Vê. Eu não devia. Não-devia cortar este momento, não seu, de repente, só pensei no meu estado. Talvez eu não tenha a mesma sorte.

— Amiga! — melodiou. Quando me sentava na cama bem a frente da janela. — Vai tudo ficar bem.

Não reagi, ela aproximou-se de mim, também sentou, e segurou-me no ombro com uma das mãos.

— Olha, aqui Laureen, você precisa saber uma coisa. — disse mansamente, e eu a olhei, meio melancólica. — Pensamentos negativos geram destruições, nosso cérebro é como um soldado submisso ao seu general, e que queira subir de patamar, e para isto, ele obedece todas as regras que lhes são colocadas pelo general, ainda que vão contra as leis, ele executa. Não seja como este soldado, seja como aqueles que jamais fariam algo contra a lei, mesmo sendo ordem de seu superior. Em fim nosso cérebro é o soldado e nosso pensamento é o general.

— Verónica! — Exclamei. — Nunca soube que eras tão filosófica.

— Não sou, na verdade, é o que meu pai aprendeu, com meu avô, e ele decidiu passar para mim.

Verónica, uma vez contou-me sobre a história de seu avô, que trabalhou nas forças armadas, e que por sinal era um soldado regrado, conselheiro, e escrevia alguns provérbios, e isto justifica, a existência de soldado e general, na frase que Verónica foi citando.

— Tá, mas seja qual for o resultado de amanhã vou continuar a viver, minha vida.

— Assim é que se diz.

Dei um sorriso com os lábios, segurei-a na sua mão que estava junto o meu obro.

— Está bem, olha desculpa-me por estragar sua felicidade.

— Nada a ver.

— Ok. — Falei, ainda com o mesmo sorriso.

Então levantei-me e fui para o meu cérebro eletrônico, sentei-me e fui actualizei minha página inicial do facebook, e fui encontrando a sugestão de amizade de Isaac, que também usava o mesmo nome, uma foto de perfil com o seu óculo, uma camisa branca polo, e na face um sorriso lindo, e nessora fui aceitando ele.

— E então como vai você e o Isaac? — Verónica perguntou-me. Quando o pedido estava sendo aceite.

— Como assim. — exclamei desapercebida. Pois o garoto estava em online.

— Não finja você percebeu nitidamente o que quero dizer.

— Ham! O garoto de olhos... — solfejei, olhando-a. — Estamos na linha de amizade. Só isto.

Voltando para o écran, do computador, surpreendi-me, após atualizar a minha pagina inicial, pois Isaac, tinha enviado uma mensagem. E fui abri-la:

Isaac Router: oi Stella Lauren! Venho por esta saber se chegaste bem em sua casa?

Stella Lauren: cheguei bem obrigado, e você como chegou?

Bem, por sinal o Isaac Router, tinha saído do facebook, e conquanto fiquei esperando a mensagem dele, alvoroçada, actualizando momentaneamente sem parar, o meu feed-notícia.

— Tens certeza? Ele vai mandar mensagem, não precisas actualizar sem parar por um instante, ansiedade mata, e além disso, vocês mal conhecessem-se.

— Não estou ansiosa. Só quero saber como vamos nos encontrar, para ver o filme.

Houve, um emudeço por parte da Verónica, a olhei e estava admirada, com o dedo polegar quedo no écran do seu celular.

— O que foi? — perguntei.

— E não acredito, Stella, você não acha que está indo rápido demais? tem certeza que pretende, sair com aquele garoto?

— Sim. — Contestei. — Qual é o seu problema, porque procedes desta forma? Eu não estou impaciente. Nós só estamos a tentar existir uma amizade entre nós, alias, eu seria a primeira amiga dele.

— Eu não tenho nenhum problema, eu só estou cismática contigo. Nunca te vi assim tão amantética, na classe havia vários garotos lindos, e você nunca te apaixonou, e vais logo enfeitiçar-se pelo Kanuco de olhos vermelhos.

— Eu não me apaixonei. — Fingi. — Olha eu só estou tentando ser simpática com ele.

— Você não me engana Stella Lauren. Olha eu não estou a estorvar de ti o anseio de se apaixonar. Podes sim, mas acho que estás muito depressa. — Tagarelou, e levou para cima seus ombros. — Vê se ele não é um homicida

Nunca pensei que poderia ouvir aquelas palavras da Verónica, se calhar ela tinha razão, mas eu nunca errei nos meus palpites, e se posso ter certeza de uma coisa, é que o garoto me parece boa pessoa.

— Verónica você é minha única e grande amiga, você precisa me apoiar com isto, só para garantir, acompanhar-me no cinema com ele, até poderias ir com o António. Essa poderia ser minha primeira e ultima oportunidade de conhecer um garoto, você sabe por favor, apoia-me nisto.

Respirou fundo, colocou seu telefone, na cama, levou ambas as mãos na cara e fez um movimento subindo, e descendo com elas, parecendo que asseava, o fervor dela.

— Está bem você me convenceu.

Foi quando escutei uma notificação da vinda do Messenger do Facebook, então voltei e fui abri-la, era o Isaac.

— Olha é ele, enviou-me mensagem. — Falei.

— Ok. Vou deixar-vos a conversar na paz.

Foi quando a Verónica se deitou na minha cama, e segurou no seu telemóvel, e continuou com que o deixava.

Isaac Routers: eu cheguei bem.

Stella Lauren: e então...!

Isaac Routers: diz-me a quadra, onde você vive que eu venho buscar-te para vermos o Filme.

Stella Lauren: fico na quadra 33, no segundo prédio. mas tem um problema,

Isaac Routers: qual problema?

Stella Lauren: meu pai chega tarde do serviço, e se ele não saber, onde eu vou ele morre de atenção, tu sabes, que quando se neste mundo nossos, pais preocupam-se mais connosco do que o normal.

Isaac Routers: tens razão, você poderia falar para ele. Tipo: ligar para ele e dizer que vais sair, vais para o cinema, com um amigo...

Stella Lauren: falar é fácil, meu pai não, ficaria sereno, caso não saiba que eu esteja em casa. Ao menos que eu esteja com a minha amiga.

Isaac Routers: olha você poderia dar-me o número dele, e aí eu falo com ele.

Stella Lauren: hahaha... você é louco, isto seria tipo um suicídio para você.

Isaac Routers: louco estou para sair contigo.

Stella Lauren: Ummmm. E qual seria seu discurso?

Isaac Router: um discurso do tipo: olá senhor Pai de Stella Lauren, eu sou o Isaac, um colega do grupo de apoio, se posso dizer novo amigo, e desejo tirá-la de sua casa, para vermos um filme. Pelo menos ela não fica mais ali sem fazer nada e presa no facebook.

Stella Lauren: Umm. Eu não fico simplesmente no facebook. E tá, achas que meu pai aceitaria?

Isaac Routers: eu não me importaria, pelo menos eu tentei. Olha fale com ele, e vê se o convesses, se não o convenceres na boa, o mundo não acaba hoje.

Stella Lauren: esta bem vou falar com ele, independentemente, da resposta dele eu falo para ti.

Isaac Router: ok, até logo.

Stella Lauren: ok.

Então ficou combinado, eu teria de pedir permissão de papai para poder sair com o garoto, e eu sabia perfeitamente que ele não aceitaria, eu sair simplesmente com um garoto, mas se envolvesse a Verónica, a situação seria outra. E é por isto que me bateu na cabeça a ideia de falar para convencer o meu papai. Foi então quando me levantei da cadeira, olhando para a Verónica que estava lá na minha cama feito uma estatueta não falava, simplesmente ficava colapsa ao seu celular.

— Olha, preciso da sua ajuda. — Falei.

Nessora, levantou-se, ficando sentada na cama, abandonou seu telefone na cama, e fitou toda sua atenção em mim. Quando eu me encostava a parede da janela com os braços cruzados. nó

— Com que. — Sua voz saiu meio seca, efeito de permanecer deitada na cama, sem proferir, qualquer palavra, fazendo simplesmente a deslocação dos dedos e dos olhos. — Como posso ajudá-la?

— Eu quero que você me ajude a convencer meu papai, persuadi-lo com um bom discurso, para possa sair, ver um filme com o garoto. — Pronunciei.

Levantou-se despreguiçando-se ao mesmo quando bocejava.

— Humm! Exclamou terminando seu bocejo. — E como queres que eu faça?

— Bem, eu vou ligar para ele, e vou falar que vamos sair, juntas que vamos ao cinema.

— Ups! Parece que você esqueceu que seu pai não te deixaria sair de casa, pela noite.

Verónica sabia perfeitamente da regra que papai tinha inculcado em casa. A) das 18 horas em diante, eu não poderia sair de casa o mesmo valeria caso tivesse um irmão superior a mim. B) acima desta hora dormirias fora de casa. E neste caso a probabilidade maior era levar uma negação. Mais ainda quando o caso seria com um garoto. Mas é como dizem nê, nem todos os dias são os mesmos, e nem todos os exames, vácuca para o mesmo termo.

— Eu sei, mas nada valerá se não tentarmos.

— Esta bem. — Aceitou. — Mas se ele não aceitar, não vamos tentar de novo.

— Eu sabia que poderia contar contigo, Vê.

Então eu, segurei no meu telefone, por cima da minha banca, bem ao lado do meu computador, e fui marcando o número dele. E estava chamando, houve 4 cliques.

“O que foi minha querida? –atendeu exaustado.”

Nunca tinha ligado para ele em uma hora daqueles, por isso é que ele me atendeu com uma voz, exausta pensando que algo me tinha acontecido. Então tranquilamente eu fui respondendo.

“Nada pai...”

Houve um suspiro de alívio.

“Então o que foi?”

“Pai, será que posso sair hoje junto a Verónica, por volta das 18 horas?”

“Filha, tu sabes que isto eu não posso consentir. Vê se te acontece alguma coisa, e como eu ficaria.”

“Pai por favor...”

Então a Verónica segurou no meu telefone, e pôs-se a falar com o meu pai.

“não adianta filha, você conhece as regras.”

“senhor Thomas, é a Verónica”. — Ela falou. Quando eu me sentava na cama, sem mais esperança.”

“Aí!!” — vinha um suspiro do meu pai. “Então Verónica, você sabe que...”

“Eu sei sim, senhor. mas olha, sua filha vai entrar na juventude, e ela precisa de **VIVER A VIDA**”.

“Não convenceu-me este discurso”. — Falou meu pai.

“Senhor, olha eu prometo que vou estar com ela em todos os momentos, e qualquer coisa, ligamos para o senhor”.

Houve uma respiração funda do meu pai, e um tempinho de silêncio.

“Esta bom e quantas horas vão fazer no cinema?”

“Senhor prometemos que até 8 da noite estaremos em casa.”

“Esta bem, três horas e mais nada. Passa o telefone para a Stella”.

Então a Verónica veio dando-me o telefone.

“Filha três horas, assim que o filme terminar, saiam dali e vão para casa. Mais do que isto, mando todo SIC, procurar você, venho cedo do serviço hoje”

“Esta bem papai eu amo-te muito”

“E eu também. Até mais...”

O gáudio era tamanho, que não me conseguia conter, pensando nesta que seria a primeira vez de mim sair de noite e a primeira a sair com um garoto, em meu rosto surtiu um sorriso, que fui logo abraçar a Verónica como forma de gratidão.

— Obrigada, amiga.

Logo, desabracei-a, e fui até em frente do meu PC, sem ter mais que sentar, e fui enviando mensagem ao Rous, de papai, tinha aceitado, fui correndo por outro lado onde ficava o guarda-fato. Quando Verónica simplesmente observava. Dentre os vestidos, estacionados nos cabides, fui escolhendo em primeira instancia o de Alcina rodado a cor vermelha.

— Stella, não precisas exagerar, este é apenas o vosso primeiro encontro, vista uma roupa menos chamativa.

— E por que?

— Olha que vocês vão simplesmente ao cinema, e não num restaurante ou num casamento, ou em uma outra festa.

— Está. — Falei. — E o que achas de melhor eu vestir? Já que tens mais experiência?

— Vista algo que te faça parecer normal, anda vamos te ajudo a escolher.

As horas foram passando e as ruas já estavam sendo iluminadas pelas luzes dos postos noturnos, pois já eram 17:45, eu tinha me vestido uma calça *jeans*, de cor azul escura quase preta, uma camisola, virgem de cor branca e por cima meu casaco que também era da mesma marca da calça, e pela costa estava mesmo pendurado os dizeres da marca com letras maiúsculas e brancas. e da mesma cor que a do ténis, a cor preta, e Verónica tinha se vestido também de uma forma normal, um casaco castanho, cujas golas superior e dos braços pareciam-se com a como pele de um urso, também se fazia acompanhar, uma calça branca que também lhe ajustava bem. E um ténis raso da *adidas*.

Estávamos no meu quarto, sentadas na cama, eu ansiosa esperando pelo sinal do Isaac, e Verónica, preocupada com António que não lhe dava dica alguma se poderia ir connosco ou não. quando de repente ouvimos um abuzino de um carro que vinha lá de fora, assim me levantei e fui olhando para a janela, não sabia de quem era aquele carro, só me apercebi que era o Isaac, quando ele estava descendo do carro.

— Ele chegou. Vê.

— Está bem, podemos ir. — Falou num tom melancólico, levantando-se da cama.

Respirei fundo, baixei os braços e fui segurando-a nas mãos, cheguei a pensar na probabilidade, de que talvez seu namorado estava a fazer uma surpresa para ela.

— Calma. Vê. — disse. — Talvez ele esteja a planejar qualquer coisa, e lembre-se de que foste curada hoje...

— Que assim seja.

Lá fora estava o Isaac vestido de uma calça jeans pretas, um sapato castanho que se parecia com o casaco da Verónica, até pareciam ser da mesma marca, também estava com uma camisa virgem preta, sem ter posto casaco, encostado no seu carro de marca hiluxo de cor preta, e vidros fumados, então ele foi abrindo a porta para nós entrarmos, assim fui logo sentar na cadeira de frente e a Verónica sentou-se no lado de trás.

— Olá! Senhoras. — Cumprimentou o Isaac minutos antes de termos subido no carro.

— Olá! — respondemos em coro. E então fomos indos.

3

Isaac Routers dirigia feito um sacerdote, diferente de António, que seu estado normal de velocidade era de 80 km/hora, Isaac parecia ter pânico em dirigir, porque sua celeridade máxima, rondava ao menos de 40km/hora, eu não entendia esta fenomenologia, — pois não era que os jovens actuais faziam loucura quando se esta a dirigir, brincando com as estradas como se tivessem em velocidades furiosas ou em qualquer outro filme de ficção, como need for speed, tudo para impressionar. mas dava para compreender ele, evidentemente porque num Universo de demências existe alguém tentando fugir dela. Bem, foi assim que nós íamos caminhando, passando por todas as vias mais destacadas para se chegar ao *Cine Sporting* do Bié, na rua Joaquim Capango, a avenida principal da província. Verónica, ainda permanecia na sua tristura, pois António ainda não havia lhe dado uma divisa, no carro era somente eu e Isaac que confabulávamos, ela efluía aferrolhada no écran do seu Smatphone.

— Então Stella qual é o seu maior medo? — Isaac perguntou, quando dirigia. — digo não chegaste a partilhar no grupo.

Antes de terminar, tirou seus olhos concentrados na frente, e conduziu para mim, na altura que já estive fitada nele — Se importarias contar, para mim?

Fiquei meio fora de mim, com a pergunta, pós eu não sabia mesmo qual era o meu maior medo, fiquei olhando para ele enquanto estava dirigindo, sem responde-lo, e assim voltou a concentrar-se na rodovia.

— Então Stella. — Terrificou-me. Quando tentava buscar uma refutação mais garantida, no cosmo do meu eu.

— Olha na verdade não.... — Falei. — Não sei se eu tenho medo de alturas, de uma aranha gigante, ou medo de não realizar meu sonho. No fundo de todas estas coisas, eu já perdi o medo, quando soube que esta coisa dentro de mim pode me matar.

— Uau! Você é diferente, eu por exemplo temo, muitas coisas, e a morte é inclusa.

— Eu, gostaria de descobrir qual é meu medo, ninguém é isento disto.

Isaac, deu de ombros e balançou a cabeça. — Sabias que tens toda a retidão. É como nos cinematografes, o vilão sempre se exhibe a não ter medo de nada, mas lá bem no fundo, ele tem sim um pavor, seja de olhar o protagonista resistir a tanta surra, de perder um parente, ou mesmo da própria morte.

— Olha eu, eu não sei, mas medo da morte eu não tenho. Talvez o único medo que eu tenha é deixar as pessoas que amo neste mundo. Como o meu papai. Com muita dor. Ou o oposto.

Finalmente chegamos, depois de uma caminhada extremamente lenta chegamos, as pessoas estavam entrando ao cinema, alguns entravam dois a dois e outros entravam mesmo sozinhos, frente do cinema, tinha simplesmente alguns carros que estavam estacionados, procurávamos por um lugar para poder estacionar o carro, no estacionamento dos carros que ficava no lado esquerdo, bem a frente do cinema.

— Olha pode estacionar ali. — Falei. Quando indicava num espaço onde estava, um carro que parecia ser de António.

— Wow! — Isaac, exclamou enquanto estacionava.

Estava soprando o bastante, até parecia que poderia chover, o céu estava nublado, mas não se dava muita conta, porque era de noite. e quando descemos do carro tive de colocar minhas mãos aos bolsos, assim como fez também a Verónica. O azar foi do Isaac, que não tinha se agasalhado.

— Então. Vê. Este não é o carro do António? —perguntei, olhando para o carro.

— Acho que não, pois ele mesmo disse que não viria.

— Está bem. E como te sentes?

— Não te preocupes, são apenas algumas horas. Isto não vai mudar nosso conceito.

Não, respondi simplesmente movimente a cabeça de cima a baixo, pestanejando ao mesmo quando nos olhávamos. E fomos dando alguns passos até a calçada abeira do estacionamento, esperando Isaac, que paparicava o carro. Verónica estava de braços cruzados, eu ainda com as mãos atadas nos bolsos.

— Sabes Vê. António ama-te.

— Sei... — ciciou.

— Então vamos entrar ou não? — Isaac, perguntou olhando para frente do cinema quando entravam duas pessoas. Ao tempo que, chegava ao nosso lado. Dei de ombros.

— Não vimos passar a noite aqui. — Falei. Sem intenção de agressividade

Então fomos caminhando, trespassando a via. Quando chegamos na penetração do cine fomos mostrando os ingressos que ficavam em nossos pulsos feito uma fita. Enquanto esperávamos a bicha, de dentro vinha apenas um som medonho, parecendo um filme de terror. Então primeiramente passou a Verónica que estava na frente da fileira em seguida o Isaac, depois um jovem, e finalmente eu fui seguindo, sendo recebida com amabilidade pelo recepcionista, que estava vestido de uma camiseta branca junto um colete preto escoltado de um amarro a cor do colete.

— Boa noite senhorita. — Falou o rececionista. — Seja bem-vinda. Que as emoções do filme te comprazam.

— Obrigada. — Falei sorrindo.

Então fomos entrando, dentro somente iluminava a luz da tela que estava apresentando o filme, passamos duas fileiras e sentamos assim

na terceira, que estava ocupada simplesmente por seis pessoas lá bem no fundo do lado esquerdo do cinema. Não estive enganada, o filme era mesmo de terror. o título era “*A Hora da sua Morte*”. Um cinematografe, que foi lançado no ano de 2020. Era assim em nossa província as fitas eram muitas das vezes antigas, raro era apresentar novas. Agora estamos em 2024, fazendo uma viagem no ano mais trágico do milénio dois mil devido uma pandemia que assolou o planeta. Apesar de tudo o filme era legal, segundo o historial que eu tinha lido antes no facebook, pois as pessoas comentavam muito sobre ele, mas eu não estava lá muito interessada, não pela sua história, mas porque eu não gostava muito filmes de terror, mas em fim, eu fui, graças ao garoto. — Bem apesar dos conflitos, das mortes, que eram drásticas, poderia se tirar uma boa lição, ainda mais para jovens que adoram baixar de tudo na internet, sobre tudo aplicativos estranhos. Não que não se possa baixar nê, mais antes de tudo ler todos os termos de condições, nos sentamos e ficamos concatenados a tela focados simplesmente no filme, já tinham se passado, 15 minutos, de apresentação, e estava na parte que uma garota de cabelo loiro estava na sua casa meio assustada vendo sua irmã que estava com o seu namorado, de trás de um guarda fato. Depois disso foi apresentando no garoto que que estava no hospital, e que andava de moletas, e que por fim seu tempo de vida segundo o aplicativo, estava esgotado, em fim o filme prolongou.

20horas..., quando o já filme terminado, pois tinha apenas longevidade de uma hora e trinta minutos e quarenta segundos, estávamos em um Bar, na mesma rua do cine a rua, que ficava após o prédio mais alto da cidade do Cuíto, o famoso Gabiconta, e nossa noite estava correndo bem, e a Verónica já estava sorridente, mesmo que seu amado não aparecera, porém, no Bar, estávamos comendo hambúrguer, e sorrindo de uma piada que Isaac tinha contando sobre o filme.

— É serio. — Isaac falou. — Eu achei brega com o padre, como a cara era bom, inteligente e...

— E comilão. — Terminei a frase, talvez não fosse isto que Rous, tinha para falar, mas era o que me veio logo em mente. Também esta era uma das suas características apesar de ser o que Isaac disse.

— Pessoal! Eu realmente fiquei assustada com o filme. — Comentou Verónica.

— Olha melhor ir falar para os seus irmãos, não fiquem a baixar aplicativos meios estranhos. — Falei para a Verónica.

— É, o bom é que é simplesmente uma ficção.

— Chega de aplicativos estranho, olham aqui. — Falou o Isaac, quando eu dava uma mordida no meu hambúrguer. — Eu adoro filmes de terror, e adoro baixar aplicativos diversos e estranhos, eles são divertidos, até já pensei em escrever um conto de terror.

— Uau!!! — Admirei. E como poderia se chamar, conte-nos mais sobre isto.

Isaac deu um gole no seu sumo. — Olha, não sou muito bom com os títulos talvez vocês me ajudem. — respondeu. Quando Verónica, dava uma pequena mordida no seu hambúrguer. — Mas a história que eu quero contar tem haver com caras que traem mulheres, o seu destino seria simplesmente a morte, normalmente eu tenho visto muitos homens, brincado com as mulheres trocando-as como se fossem calças, desculpem-me pela expressão.

E antes de terminar, eu e a Verónica demos de ombro balançando a cabeça fazendo que sim não tem problema.

— Mas então, o cara que se apaixonar por uma mulher, desde o primeiro dia que a viu, e criar um relacionamento com ela, seria tipo que seu destino é de viver eternamente com a garota até que a porte os separe.

— Tua visão é boa Isaac. — Verónica comentou, antes mesmo que ele terminasse.

Olhei para a Verónica, passei um dedo sobre o circo do copo. — E caso ele a abandone no meio da estrada. E para aquelas garotas que também têm este hormônio, como ficariam?

— Bem, como disse seria um terror, o garoto desvive. E ainda não pensei neste quesito das garotas, talvez o destino delas serão mais serenos. Mas de certa forma, terminaria com a garota, ficando solteira até que todos os cara estiverem ligados ao fenômeno, e...

— Deverias fazer o mesmo para as garotas, uma vez que a infidelidade está em ambas as partes. — Cortei-o.

Fez que sim com a cabeça. — É sim tens razão Stella, mas falta muito o livro, estou apenas no princípio, há tanto para escrever

Isaac, ficou mudo, parecendo que tinha visto um demónio, em direção a porta de entrada do Bar. — Mas Verónica aquele não é o cara que estava em beijos contigo na manhã de hoje lá no grupo?

Levamos nossos olhos em direção a porta eu e a Verónica, e um sífon esparrou-se para a minha amiga, e que coincidência, justamente quando Isaac, tagarelava daquela fenomenologia que os homens tinham de se atirarem para varias mulheres, António entrava no mesmo lugar onde nós estávamos, com duas garotas, não é que ele tinha se recusado de ir ao cinema com a Verónica sua namorada? — E com certeza aquele seria a pior trama da história, para o dia da Verónica, não a vi quando se levantou, simplesmente assustei que ela á estava lá.

— Uau! Será que agora fiquei rude ou perdi o conceito de uma leitura? não foste tu que disse não estar com vontade de sair. — Falava a Verónica, enquanto, Isaac e eu observávamos ainda sentados.

— Que mal. — Murmurou Isaac.

Dei que sim com a cabeça. — É... e ela que julgava que duraria para sempre.

António, levantou-se e tentava explicar-se, mas Verónica não parava com a sua gritaria e agitação, dava para entende-la, ninguém estaria feliz por ver uma traição ao vivo, ela estava muito magoada, partida. E naquele momento pude perceber que a traição é amarga, que nem uma erva, pior do que isso, é que ela parecia cavar um buraco negro em seu coração quase impossível de o tapar, ou se calhar impossível mesmo. Dava para perceber pela Verónica como ela agia, a cada poça de lágrimas caindo de seus olhos, naquela ocasião. Eu e Isaac, levantamo-nos e fomos nos aproximando dela.

— Você é um idiota, um porco perverso... Ou pior do que isto. — Falou Verónica, com a voz cintila.

— É. E é este porco, que ajudou com os medicamentos para a sua doença. — Repontou António.

Na verdade, nunca julguei, ou nunca pensei que por de trás da sua beleza física vivia um espírito tão cruel, repontador e ou julgador. Mas como Shakespeare disse. *“Descobre que se levam anos para se construir confiança e apenas segundos para destruí-la”*, ou para conhecer o bem pode levar-se anos, mas para ver o mal um segundo basta. — Eu acreditei, e em fração de segundos o António perdeu minha confiança.

— Obrigada, mas saiba que nós podemos devolver este dinheiro. — Verónica reagiu.

— Quem...! — levantou as sobrancelhas. — Você com os seus pais?

— Sim, nós vamos devolver o seu dinheiro.

Ria-se o António, segurando na sua companheira que também estava fixamente olhando para a Verónica, enquanto outra que aparentava ser a mais calma, estava sentada. Simplesmente bebendo seu sumo, era como se não tivesse acontecido nada para ela.

— Olha, você não tem vergonha. — Falou o António, prevaricando do estado banqueiro da família de Verónica. — Mas não preciso da devolução, só quero que isto entre nós termine.

— Nós vamos pagar e pronto.

Deu de ombros, fez suas bochechas vibrarem, e sentou-se apoiando as mãos nos seus joelhos.

— Está bem se tu insistes, tudo bem, mas como sei que já não conseguirão pode deixar.

— Hei escuta aqui. — Interferiu Isaac. E António o olhou inclinando a cabeça, com o rosto orgulhoso. — Cara, eu vou pagar, por ela, fale o quanto custou seu dinheiro que eu pago.

E lá vinha Isaac, fazendo o papel de herói. Estranho, não era o que Isaac tinha dito para António, o estranho, foi mesmo Isaac, que a pouco nos conhecemos e já vinha tentando oferecer uma ajuda para a

Verónica, na verdade eu fiquei desconfiando que, como outros cara que se oferecem ajudar uma mulher, e no final querer algo em troca, foi o que estive cogitando no meu emudeço.

— Ah... lá vem o herói da história, pensando que assim poderá conseguir conquistar a minha garota. — António rumorejou.

— Já não sou sua garota. — Verónica disse.

— Mano, eu não conheço você, não sei qual é a sua intensão com a Verónica e a Stella, mas olha aqui eu estou falando sério não preciso de devolução alguma, depois me resolvo com a Verónica.

— Ok. Está bem, mas vê se a respeite. Pois mulher é para ser valorizada, amada, bem tratada...

— Chega disto... isto é discurso de covardes... Não cara não venha com este discurso. Todos nós homens estamos sujeitos a isto, se é que você é homem.

Neste momento Isaac, ficou furioso, e foi segurando nas golas da camisa preta, de longas mangas, quase que dá um murro em sua cara. E naquele momento o Bar ficou agitado, outros clientes fixaram seus olhares ao Isaac, e António ainda sentado, com os olhos fitado nos óculos de Isaac. Quando eu de imediato fui segurando ele numa parte dos braços que ainda segurava António, tentando acalma-lo.

— Se acalme Isaac, não vai arranjar problema aqui. — Finalmente minha voz foi sentida naquele cenário.

— Não, eu não sou como você está, e não tenho tempo de brigar contigo. Mas uma coisa é séria respeite a Verónica.

Admito que naquele instante sentia invejas, por ele estar a defender tanto minha amiga, chegando no ponto de gravetar, António, pensando que ele estaria a fim dela. Por outra Isaac, o largou, e fomos saindo do Bar. Todos nos acalmamos, e Isaac, ia nos explicando o porque defendia tanto a Verónica, ele apenas disse-nos que faria isto com qualquer mulher. E naquele momento fiquei mais aliviada. Ah! Então comecei a ver que ele era diferente, só pelas suas palavras, mas talvez ele venha a querer outra coisa, mas não quis falar que estive pensando isto dele a seu respeito, simplesmente decidi ficar calada,

mas isto não fez com que, eu deixe de estar fascinada por ele. E vendo Verónica sofrendo por dores de amor, de traição, era o que mais me contristava, mas porém, o Isaac continuava a dirigir, e já estávamos no piloto, especificamente estávamos passando a clinica Raiar da Vida. E fomos prosseguindo com outras conversas. E finalmente, depois de algum tempo, o Isaac deixou-me em frente do prédio.

— Adeus. Isaac. — Falei quando estive na calçada olhando para ele.

— Adeus. — respondeu, sorrindo, com seu sorriso sincero.

4

Fui subindo as escadeiras, quando Isaac, ligava seu carro e retirava-se. Cheguei à porta, e fui abri-la. Dentro, estava o papai, deitado no sofá concentrado na TV, pelo seu clima não havia sinal algum de que estava deprimido com a minha não chegada, fechei a porta morosamente sem que ele se apercebesse, segurei meu telefone para atestar a hora, quando já estava batendo o último suspiro da hora vinte, pois o Relógio já assinalava 20:59. Não planejava, surgiu de repente a ideia de sentar a uma cadeira da mesa de jantar, preta e arredondada de seis cadeiras de cores pretas e brancas, ela que ficava alguns metros da entrada. “*Vou assusta-lo, vou ver no que vai dar quando bater 21hora*”. — Pensei, e quando circunscreveu a hora, passaram alguns segundos, e ele olhou para o Zanzo do seu pulso, depois disto, e segurava no seu telefone não sei para quem ele ligaria, e fui me rendendo do meu próprio jogo, chegando a pensar na possibilidade de ele, culminar com o laço de amizade que estive começando com Isaac Routers.

— Tudo bem. — Falei levantando-me. — Não precisas chegar tão longe eu já estou presente.

Parece que o tinha assustado, que seu suspiro foi tão profundo, e seu coração parecia ter batido fortemente fazendo o todo de seu corpo, tremer por um instante, razão do gemido colossal.

Papa, assentiu devolvendo o telefone a mezinha. — Que susto meu bem. Ligaria para você, não para o SIC.

Aproximei-me mais, quando pestanejava. Eu conhecia-o bem mais do que ele pensava, e pelo tom que proferiu o nome SIC, na tarde ele estava falando sério, mas no caso de ligar para mim, creio que não.

— Não precisas fingir babo, sei que ligarias o SIC, não o contrário, e dou-te razão o senhor deveria sim pois que prometemos apenas três horas.

Assentiu, quando se aproximava, levando suas mãos aos meus ombros. — E como foi o filme?

— Mortes, tempo de vidas contadas, padre, aplicativo. É... O filme... foi bom, meio assustadiço, mas foi bom. Agora chega para de me abraçar papai, porque foram apenas três horas e o senhor já está agindo assim. Como se tivesse passado 3 dias fora do mapa sem GPS ligado.

— Filha... sabes, sem energia elétrica, todos aparatos parecem mortos, e como você para mim, caso você não esteja ligada a mim morro. — Falou, baixando seus braços muito antes de terminar de falar.

— O senhor deveria, se acostumar, um dia... não sei quando... talvez esta coisa dentro de mim não me permitirá viver, longo período. levando os olhos para cima, com aquele seu sorriso, parecendo cura da sua ansiedade quando me viu.

Houve um emudeço, por parte dele, entristeceu. — Não precisa ficar pálido, desculpe-me se estou sendo... fria ou dura, mas está é a verdade...

— Não, não estás, talvez eu é que esteja muito desconfortável, sei lá inseguro. Me perdoa filha...

Dei um sorriso, fiz que sim com a cabeça. — Tenha uma noite feliz. Amo-te muito. — Falei.

— Ok filha. Coloque o despertador, porque amanhã temos de ir fazer o seu hemograma.

— Está pai. sei. — Sorri.



Pelas 7 da manhã, após terminar meu banho, estive toda unificada ao espelho que ficava pregado na gaveta do seio do meu guarda-roupa castanho, penteei o cabelo, pus rabinho-de-cavalo, que segundo a Verónica eu ficava muito bem naquele estilo, e a verdade é que eu ficava mesmo. Então fiquei me observando após ter me agasalhado do meu casaco jeans, por cima da minha blusa vermelha, que combinava com o punho que eu tinha colocado no puxinho. fiquei simplesmente olhando, meus olhos marrons, meus lábios rosas, e pensando no resultado do exame da Leucemia. — Ficava entediada tentando atrair positividade, por mais que a negatividade dos pensamentos eram tamanho, prendi-me por uns 3 minutos no meu reflexo. Assenti, baixando meus braços que estavam presas no pescoço quase no ombro ao tempo que respirei fundo. Dei alguns passos chegando a banca, no computador, — eu não planejava isso, mas dei uns dois cliques no botão **ENTER** e no ecrã do meu visor, isto é, na minha página inicial do facebook apareceu uma publicação com a frase: *Não importa o resultado você tem de continuar a viver, seja um sucesso, seja um fracasso, a vida é para ser vivida.* Até pareceu que aquela frase era para mim, não tinha comentário algum, tinha somente dois gostos pois tinha sido atualizada há 1 minuto, nesses, cliquei em reagir e coloquei o *Emo ji adoro.* Uma vez incentivou-me positivamente, gostei daquela frase, guardei a publicação, e comentei: *Uau!* Quando papai chegou até o meu quarto, ele que estava vestido de uma camisa branca e uma calça preta social, e um sapato cabedal, de cor da calça, e a cima de tudo tinha feito uma somada, como de todas outras vezes que ele ia ao serviço.

— Filha, já está na hora. —Papai, pronunciou

Assenti. — Ok babo, vamos. — respondi. Ao mesmo tempo fechando o meu computador.

Lembrei-me que teria de tomar os meus antibióticos.

— Se importarias de esperar fora? É que deixei algo por fazer.

Acenou que sim com a cabeça. — Olha, eu estou lá fora,

— Ok. — Falei.

Assim fui segurando, eles que estavam na gaveta onde eu tenho posto sempre, onde eu tenho posto, um copo de água, e tomei-os.



Logo, fui ao encontro do meu pai, que estava me esperando no seu carro, Hiluxo, distinto do carro do Isaac, do meu pai, era de cor vermelha e tinha um camarote fechado, pneus e chaparias sempre limpos, além disso, ele perfumava sempre a um aroma de uva, em homenagem a mamãe, cuja fruta predileta era a uva. Também tinha uma marioneta da espécie de macacos de cor branco, dependurado a uma corda escura na alçaprema do retrovisor de dentro, o macaquinho rodava sempre quando o carro estava em movimento. Fora, o céu estava enfeitado de nuvens limpas nalgumas partes, permitindo o sol fazer o vaivém, por entre elas. Então quando eu descí as escadas, fiquei um tempinho observando o seu carro estacionado bem na frente do prédio, quando ele abuzinava por uma única vez. Nessora, fui caminhando até lá no carro e entrei nele.

— Filha, não te preocupes. — Articulou mansamente sorrindo, quando eu colocava o cinto de segurança.

— Eu estou bem... não estou preocupada.

— Isto é bom querida.

Papai ligou o carro e foi conduzindo, a caminho da Clínica Raiar da Vida. As ruas estavam pouco movimentadas, talvez por ser o dia 11

de Novembro celebração da independência de 1975 da nossa Angola frente aos colonos portugueses. Razão de vários centros públicos fechados, Escolas encerradas, Bancos fora de serviços, lindamente o clima estava favorável para um dia, familiar na praia, — pena que papai está ainda de serviço, pois todas as suas férias passavam-se na praia. Pena que talvez este ano ele esteja dispensado simplesmente na véspera de natal, por mais que desse viajar, papai tinha traição de sua família que nestes contextos não se poderia viajar. Este era um dos momentos que me fazia lembrar sempre dos momentos bons vividos com a mamãe, e como ela era linda em roupas de praia. E pensar varias vezes por dia, mês e ano, que a qualquer circunstância eu possa ficar careca e viver de duas enfermidades, fazia-me pensar que a vida é cada vez mais injusta, para variar, o bom da coisa é que tenho um pai muito carinhoso, que posso com ele contar em qualquer situação, e a Verónica, minha quase irmã, cara metade, e para crescer vem o garoto na qual estou me apaixonando. — Com isto posso concluir que a vida, dá-nos sempre momentos para sorrir, viver e ser feliz. **“É... A VIDA NOS DÁ”** ... — Pensei em voz alta quando papai concentrava-se na via, e eu estive com a mão direita por entre os lábios.

— No que estas pensando? O que a vida nos dá? — papai perguntou sensualmente com sorriso nos lábios.

— Nada, só estou tentando...ter pensamentos positivos. — Falei olhando. — Pensar na hipótese de o exame confirmar negativo.

Papai simplesmente balançou a cabeça com sorriso nos lábios ao sim da musica que ele gostava muito, e que colocava sempre que dirigia. Pelo menos é o que constatava das vezes que me levava a escola. A música era *Cry* do álbum *All the lost souls* de décadas passada do artista *James Blunt*, assim, respirei fundo e continuei nos pensamentos, com a música tocando no fundo de meus ouvidos.



Quando lá chegamos, fomos atendidos por aquele doutor cubano, que pela primeira vista ele me apareceu, ser uma boa pessoa, só o que eu não gostei nele, era a sua forma de falar, talvez o português e o espanhol, não o culpo porque tudo isto devia-se ao facto da interferência linguística regional ou geográfica. Ele se chamava Alonso Albaró, era o que dizia seu cartão que ficava no fixo no lado direito de seu peito por cima de sua bata. O doutor, tinha uma cor morena, que se parecia com a minha, além disso era um bigodinho, e tinha uma careca no meio de sua cabeça que me fez logo pensar no como eu ficaria, quando cortar cabelo, quase idêntico a ele. Mas em fim, ele estava confabulando com o papai, enquanto eu estive sentada numa das cadeiras do corredor as cadeiras de espera, provavelmente eles falavam do meu câncer. — Pelo menos foi isso que eu deduzi. E então leles vinham se aproximando dei um clique no botão power do meu telefone, fazendo com que ele se apagasse.

— Quer dizer que a senhorita é quem fara o exame, e o Hemograma...? — Indagou-me o doutor.

Fiz que sim com a cabeça

— Então faça o favor de a acompanhar-me.

E então fui fazer o tal esperado exame. Posta lá, sentei em uma cadeira que ficava quase ao lado da parede do laboratório revestido de vários equipamentos necessários para efetuação provavelmente de diferentes tipos de exame. Enquanto o doutor preparava os equipamentos para o meu exame, eu tirava o casaco pois pelo visto e o tamanho da agulha que ele implantava na seringa, poderia tirar-me sangue no pulso como nos mais variados exames. Passando alguns minutinhos, o doutor aproximou-se até mim, mergulhou uma poça de algodão sobre o álcool etílico, e por cima da sua secretária, colocou o boião do álcool. Depois passou o algodão alcoolizado acima do meu pulso, segurou meu braço e foi tirando o sangue. Depois disso fomos fazendo um hemograma, parecido com *Raio x*. Ao culminar, voltei para o papai, ainda segurando no pulso por causa da dor que a extracção de sangue tinha provocado nele.

— Filha, como foi o exame? — perguntou o meu pai que se levantava enquanto eu me aproximava.

— Não sei, o resultado falara por mim...

Papai assentiu, que desviou seus olhos para o doutor que por sinal vinha comigo. — Então doutor, quando poderemos ter acesso aos resultados?

O doutor, espirou fundo, que o fez ficar por um tempo em silêncio, ainda com as luvas nas suas mãos, encolheu-as nos bolsos da bata.

— Bem lo resultado poderia muito bem ser-lhe entregue daqui a duas horas senhor Thomas.

Meu pai balançou a cabeça, e voltou a olhar para mim. — Está bem doutor. Quer dizer que podemos ainda ir para casa?

— Sim senhor, mas tenham Fé, Deus...—antes de terminar sua frase olhou para céu da clinica. — Sabe o que faz, ele é grande misericordioso

— É. — Concordei.

— Querida, poderias deixar-me a sois por com o doutor por um instante, podes esperar dentro do carro.

— Vê se não demores. — E então fui.

Ainda sobre o exame, por mais que eu não estivesse tão confiante sobre uma pesquisa recente que eu tinha feito a respeito de pessoas diagnosticadas com a Leucemia, provou que elas apresentaram sintomas antes do exame, que não era meu caso. — Eu nunca apresentei nem se quer um sintoma estranho que não fosse do câncer. E para varia é que as pessoas diagnosticadas a leucemia o número de glóbulos branco, vermelhos e plaquetas, rondava entre os 90 a 100 mil, no seu sangue. Talvez o doutor venha para dar mais explicações. Não se passaram 5 minutos e o meu pai já tinha despedido o doutor, e assim entrava no carro.



Enquanto o papai encarreirava num emudeço, segurei no meu telefone, e comecei a averiguar as várias chamadas, perdidas algumas de Verónica, e outras que eram de Isaac. Fiquei embasbacada, e por mais que eu quisesse retornar as chamadas para o garoto, naquele momento não podia, pois sentia apreensão do meu pai, ainda mais tratando-se de um garoto, certamente ele julgaria que possivelmente Isaac fosse alguém mais do que amigo para mim. Permaneci na minha serenidade controlando a ansiedade. Foi assim que resolvi devolver a chamada para Verónica. Houve três cliques até que ela atendesse.

“Aló!”

“Oi. Vê. Ligou para mim?” — falei.

“É. Liguei, é que estou aqui batendo a porta, da vossa casa e ninguém está abrindo”

“Pois é..., estamos mesmo agora saindo, da Clínica... Se importarias esperar por mais um tempinho?”

“claro que não...”

Houve um suspiro de sua parte, antes mesmo que terminasse. Quando eu encarava a janela, que por outro lado houve alguém encostado em uma árvore a beira estrada, que fez um gesto de adeus ao papai, quando ele também correspondia.

“estou aguardando”

“até logo...”

“até...”

Portanto fui desligando o telefone, e fiquei simplesmente observando à janela, vendo o movimento das pessoas, dos carros, que se pareciam estar na normalidade, o sol deixava uma distância as nuvens que impediam seus raios baterem a terra, ele brilhava

ardentemente que parecia estarmos em pleno meio-dia, mas eram simplesmente 10:21 da manhã. Meu pai ia dirigindo sempre no seu emudeço. E em fim já estávamos na entrada da Centralidade, e a minha ansiedade para voltar a ligar para Isaac, crescia a cada vez mais. Quando em fim papai decidiu quebrar o silêncio, olhou para mim e perguntou-me:

— Então filha, não vais ligar para ele?

Paralisei, toda chocada. “todo seu emudeço durante a viagem foi pensar devido a ligação do garoto, talvez vivendo na expectativa de que ele ligasse mais uma vez e aí ouvisse nosso palatório... — Pensei. E maldita foi a hora que deixei meu telefone nas mãos de papai, era bom se eu levasse comigo no laboratório. Fiquei boquiaberta, por alguns segundo nos pensamentos sem uma resposta pensada para lhe dar. Só depois pensei fingir não sabendo do que ele falava.

— Para quem? — questionei.

Papai assentiu, quando meus olhos não paravam de o olhar pestanejar.

— Quem é ele, filha... — antes de terminar olhou-me e voltou para a via. — Esse com nome Isaac, que não parava de ligar para ti?

Parecia até que estávamos num jogo de perguntas sem respostas.

— Hamm! — exclamei. — É um amigo de lá do grupo de apoio.

— Ok... — ritmou. — Já fez um achegado. Isto é bom filha.

Pelo padrão de sua fala carregado de um sorriso, fez-me entender que até esta parte ele foi compreensível, afinal era novas amigades que ele queria que eu buscasse. E na verdade isto ajudou-me a manter a calma.



Enfim chegamos, papai, foi estacionar do outro lado da rua, por onde ele vem parquear a bastante tempo, quando eu segurava nos

corrimões ao período que subia as escadas. Ao passo que aproximei para o nosso apartamento, constatei-me com Verónica que estava sentada no ultimo degrau a entrada de nossa casa, presa no ecrã do seu Smartphone.

— Bhoo! — Gritei com intenção de assusta-la.

Ela quase que deixa seu telefone cair, pois suas mãos tremiam de tanto pavor, alegando-se talvez que fosse um mostro tentando a devorar. Quando ela olhou para mim com a fisionomia aterrorizada, botei um sorriso com os lábios.

— Que susto Stela!... — Protestou

— Hahahaha... — Sorri. — Hum! aprenda a derrotar o vicio!

— Como estás? –perguntou.

— Nada mudou até então... — respondi disfarçando que estive bem, com um sorriso meio doentio nos lábios.

É, quando te apercebes que há algo dentro de você que possivelmente acabará com a sua trajecto de vida tarde ou cedo, esquece-se, do que é estar bem, mesmo tendo motivos para sorrir para ser feliz. Mas apesar disto eu estava me conformando com a hodiernidade de minha presença no mundo. Do lado de fora eles podem concluir que você está bem, podem concordar com o seu argumento, mas eles nunca saberão se é a verdade ou não, ao menos que você coloque uma postura serena ou benévola.

— Aii... Stella! — exclamou sorrindo, quando me segurava no ombro. — Fico feliz que estejas bem

Inspirei expirei fundo, quando abria a porta.

— Vamos entrar.

No meu quarto, tirei o casaco, e levei-o para o guarda-roupa. Depois disto, deixei Verónica a só e fui até a cozinha, segurei dois copos do armário, um pacote de leite momo que estava na geladeira e enchi-lhos, após isto, segurei também no queijo, que também estava na

geleira, cortei-o em duas fatias e estacionei-os em um pire, segurei quatro metades de pão integral, junto de tudo que havia preparado, coloquei em uma bandeja.

— Verónica, venha comer. — Falei enquanto colocava o tabuleiro no tampo da banca.

Verónica, não respondeia, logo conclui que ela não me tenha ouvido, inclinei a cabeça pelo lado da cama, quando embrulhava o queijo sobre duas fatias de pão. Ela, estava focada no visor de seu aparelho, talvez navegando no facebook.

— Então... — Eu disse.

Olhou-me sem tirar os dedos e a consciência do telefone. — Ok.

Antes de terminar, eu pestanejava para ela mostrando-se não agradável com a sua reação.

— Não, precisas olhar-me deste feito... — Respondeu, quando eu virava todo o meu corpo em direção a ela. —Você também faria o mesmo caso Isaac enviasse mensagem para ti. Não farias?...

Aceitei sussurrando ao mesmo tempo simplesmente. — Deves te razão...

Então, fui sentando frente meu computador, abri-o, e atualizei meu feed-notícia no facebook, quando a Verónica se levantou dirigindo-se ao tabuleiro. Quando no meu ecrã, que já fazia dos dias sem ter uma nova frase do meu autor predileto. voltou a publicar uma nova, e no ponto da mensagem estava amarelado, simbolizado com uma mensagem, cujo meu intuito me dizia que era de Isaac. Logo, fui de imediato abrindo ela sem hesitar., constatei a mensagem, era simples mente um cumprimento de “*Bom dia tudo bem Stella Lauren?*” e era mesmo o garoto de olhos vermelhos. Respondi a mensagem, de confirmação do meu estado. Isaac tinha desconectando-se.

— Então Vê. O idiota do António, ligou para ti? — perguntei, virando em direção dela com a cadeira que me permitia mover-se sem movimentar seus pernos.

— Eu ainda continuo amando ele... — respondeu, quando de repente fiquei camuflada com que ela dizia. — Olha, eu sei que...que, ele disse um monte de coisas opacas, mas... eu... continuo amando ele.

— Eu já vi este romance.... Dois personagens amando-se demais mesmo um ferindo outro, mesmo assim tendem a ficar juntos.

— Você acha-me muito exagerada?

— Olha a uma frase que diz que se está doendo é porque valeu apenas, é porque... viveu-se um amor verdadeiro por uma das partes ou ambas.

Verónica pousou o copo sobre a cama, com o braço direito que segurava, hauriu e espirou fundo, olhando para cima do teto. Voltou para mim, com um pequeno sorriso nos lábios. — Sabes Stella, gostaria que passasse apenas de um mero sonho. E você tem razão isto me está doendo o bastante. E você acha que ele de ter se arrependido?

— Olha, uma flor, sobre um vaso, quando não é regada constantemente, ela vai apresentar o sinonimo de que se esta a secar. E a possibilidade de ela voltar a brilhar torna-se mais rara ainda, ao menos que o regador ou o jardineiro, venha dedicar-se mais ainda, a rega-la, e assim ela volte a brilhar. Tal como o amor. Olha por mim, o amor é como uma flor, e para se manter estável, ele precisa de ser regado. Pelo menos essa é a minha teoria.

Verónica Assentiu. — Sabes tanto sobre o amor! — Exclamou ela

— É.

Com precisão, ter uma teoria, de um desafio que poderás viver futuramente, é muito bom, pois você abraçará o surgido com muita

convicção e certamente um sorriso manso, surtirá em nosso rosto. Dei meia volta com um sorriso decorado no rosto, saboreei de um gole de leite, uma mordida na minha sanduíche, depois estreitei uns dois cliques no botão **SPACE** do computador, uma vez que sua a luz estava desvivida, e assim fui abrindo o blog de Shakespeare, transcrevi o enunciado que me intrigara como de costunança, todas as frases do autor oscilando com meus sentidos. Então fui escrevendo.

Enquanto a terra fazia sua função girar em volta do sol, eu e Verónica continuávamos conversando, sobre diversos assuntos. Quando batiam 14 do fuso horário de Angola, ela tinha ido, eu ficava junto papai esperando pelo doutor que possivelmente viria em casa. Quando isto ocorria, eu e ele estávamos assistindo um programa na TV, por mais que eu quisesse conversar virtualmente com o garoto de olho vermelhos eu não podia, pois seu emudeço nas redes estava activo. Então tive mesmo que ficar ali assistindo. Mas por mais que eu não quisesse o programa estava me persuadindo. Era um tipo de concurso de música **THE VOICE**, onde um dos nossos cantores angolanos, participava Anselmo Ralph, apresentava sempre todos os sábados, na Dstv, canal Banda, quando estreava uma jovem muto bonita de nacionalidade portuguesa com a cor do cabelo loiro, com a cor da pele a caramelo, lábios pintados de batom vermelho, por sinal estava vestida de uma blusa amarela uma calça jeans de cor azul. Ela imitava Adele como a musica semeone like your. Sua voz era realmente muito sublime e voluptuosa, correspondia ao som que estava sendo reproduzido pela guitarra de seu acompanhante.

5

Levantei-me do sofá quando o programa ainda rodava, com um outro jovem, que cantava um estilo de musica portuguesa. Quando cheguei a um passo do corredor, telefone do papai estava vibrando, provavelmente era o doutor, seu telefone estava chamando. Dei dois passos a retaguarda, para ouvir caso fosse o doutor, escutar o que eles poderiam falar, papai levantou-se sofá, e foi segurando o telefone, eu simplesmente o observava.

— Sim doutor.

Estava confirmado, era mesmo o doutor, então decidi aproximar-me mais, fui sentando mesmo ao flanco do meu procriador quando houve um silêncio, sua parte, parece que o doutor o tinha dado uma notícia não agradável, que ele, pareceu ficar deprimido, duma ação respiratória a outra.

— Está bem doutor. — Articulou melancolicamente, e antes de continuar cruzou seus olhos aos meus. — Nós estamos mesmo cá em casa, ela está bem ao meu lado. Está doutor, estamos esperando o senhor.

Houve dois cliques meu pai tirou o telefone do seu ouvido, e colocou-o de volta a mezinha, respirou fundo, levou ambas as mãos a cara como se estivesse levando, fez o sobe desce, e voltou para mim.

— Então babo... o que o doutor disse. Que o fez ficar meio desalentado?

— O doutor vem logo.

— Tá, ele vem, mas o que disse?

Emurcheceu, segurou-me na cabeça e a levou até o seu peito. — Eu amo você, não a quero perder.

Sua reação, seu padrão de fala, tudo implicou-me que o que vinha não seria uma benévola novidade. Então fiquei um tempinho em silêncio, ainda presa no tórax de papai, quando meus olhos pareciam estar a encher-se de poça de lágrimas. Saí de seu peito fiquei o olhando, ele que já estava longe de si, provavelmente pensando que numa vida augura sem minha presença física.

— Talvez, estejamos a viver nossos últimos momentos juntos, talvez...talvez me agasalhar da segunda década não seja meu destino, ou... ou a vida... queira que assim seja.

Chocou-se, com as minhas palavras. — Não! Não querida você... você ainda vai viver, não ouvimos ainda o doutor, vamos esperá-lo, e auscultar todos os seus conselhos e avisos.

Por mais que eu não quisesse, assenti. — Ok.

Bhom Bhom...

Batiam a porta. Ainda presa na aflição, levantei-me e fui abrindo-a, olhei pelo orifício vigilante, verifiquei assim que era o doutor que já não se vestia de bata, simplesmente estava envergado de uma camisa mangas compridas, axadrezada de branco e azul, ele olhava doutro lado quando eu o reparava. Nesta altura simplesmente pensava e pretendia que, o que doutor havia dito pelo número de papai fosse fictício, que não passasse sobriamente de uma ilusão. Transmova meus olhos para o papai, e pensei logo, neste estado pensativo e longe da vida, o melhor seria não poder mais abrir aquela porta, e viver assim com eu já estou vivendo, nem mesmo como dizem na gíria a esperança é a ultima que morre, poderia ter um grau de hipótese de tudo, não passar de uma acção ilusória. Mas enfim nê, melhor ouvir o que ele tem para dizer, suas vozes: recomendações e precauções a tomar, que talvez venham fazer grandes e benévolos efeitos futuros em meu fausto viver. Foi quando segurei na maçaneta da porta e fui abrindo-a.

— Senhorita Laureen. — Cumprimentou, com um sorriso nos lábios gesto de simpatia.

— Senhor! — respondi. — Lá está o papai.

— Posso?

Fiz que sim com a cabeça. E dai ele foi se aproximando, acompanhado de uma pasta à trama de couro e colorida de preto na mão direita, e então fui fechando a porta quando ele se aproximava do papai.

— Senhor Thomas.

— Olá doutor.

Papai tinha levantando-se, quando o doutor o cumprimentara, e ambos se deram as mãos acompanhado a cortesia. Ulteriormente cada um foi sentando papai no sofá maior e o doutor noutra parte do sofá que ficava doutro lado. Nosso sofá era do antigo estilo mais com estética moderna, três cadeirões dos quais um grande que ficava bem na frente do TV plasma, e dois pequenos que ficava de laterais opostas, eles eram de cores branca que tingia o traçado das barras, e preta que cobria a maior parte, assim, doutor estava sentado no que ficava posicionado ao lado da mesa de jantar. Então, fui me aconchegando ao lado de papai.

— Doutor. Então como está a minha filha? Que mal noticia o senhor tem, ela vai ficar bem? — era papai falando ainda angustiado.

— Senhor não garanto uma esperança benévola. — Tagarelou. — Mas antes, gostaria de saber de ti senhorita Laureen, o que foi sentindo nos últimos dias?

Olhei para ele e meio imprecisa, de braços cruzados e levando antes mesmo de responde-lo o lábio inferior para frente e pensando nos percursos dos últimos momentos.

— Não, não passa sequer pensamento algum de fenómeno estranho comigo.

— Isto é estranho.

— Por que doutor? — papai indagou.

— Nenhuma fadiga, nenhuma sensação de perda de ar?

Assenti balançando a cabeça. — Nada do tipo.

— Senhor Thomas, as estatísticas expõem que a maior parte dos casos de doentes leucémicos, apresentaram sintomas antes de concluir que era leucemia.

— O doutor que nós avíamos consultado da última vez disse-nos que possivelmente ela teria, que a tinha suspeitado pelo seu olhar, então doutor quer dizer que há uma possibilidade de os resultados darem errados_

— Não sei como, este doutor foi observando isto dela, talvez venha a ser muito perito na área.

— Ele foi espanhol, acho que seu contrato evaporou, por isso que nunca mais o vimos, deve ser o senhor que o substituiu

— Mas seja como for, ele foi bom ao ver isto. E não tem como os resultados darem errados. Talvez ela seja dos casos raros que não apresentaram sinal. Permitam-me tirar os resultados.

Fizemos que sim com a cabeça eu e o papai, e foi assim que lá ia o doutor colocando sua pasta por cima da mezinha abrindo-a, e foi basculhando em seus papeis. E logo pelo palatário que ambos tiveram, concluí que minha pesquisa estava certa, eu era mesmo dos casos raros que não apresentavam sinal, antes de ser diagnosticadas. Daí comecei a perceber que o que viria não era de bom, e que já poderia saber a que grupo leucémico eu poderia fazer parte, o doutor tirou um envelope castanho e pousou-o na mezinha e pelo visto parecia que é lá onde ele guardava o resultado dos exames. Depois fechou sua pasta e votou a coloca-la ao lado de sua perna. Depois entregou o envelope ao papai, e ele abria, tirando primeiramente um que parecia ser o hemograma do tipo *raio x*, ficou observando por uns instantes, posteriormente foi segurando um que tinha o símbolo

da clinica raiar da vida, este ultimo que depois dele observar segurei. E comecei a contemplar quando eles estavam ainda em conversa.

— Os glóbulos subiram de uma forma bastante inexplicável, normalmente num sangue normal ele aparece varia de maximamente de 11 mil, agora eles ascenderam a 100 mil.

— Há possibilidades de baixarem? — papai perguntou.

— como todas as outras doenças a sim probabilidade de se manter estável, no caso da Leucemia mieloide aguda que é o da sua filha, vai requerer muitos cuidados, e o anormal é que não houve nenhum sintoma, mas isto pode também servir de vantagem, assim trataram com mais cuidado e sugiro que se comesse a tomar quanto maios cedo é, pois não sabemos o que isto pode vir provocar nela.

Terminei de ler o folheto, quando doutor também havia terminado de falar, e coloquei-o na mesinha. Levei meus olhos até ele, respirei fundo e indaguei, quando já começava a aceitar esta realidade:

— E doutor, será que tenho mais possibilidade de viver por um bom período? Meu pai parou de ler, e parece que a sua depressão havia ainda aumentado mais, que falava tão rápido, imaginando na minha chance de sobrevivências?

— Bem, senhorita Laureen sei como estas a te sentir agora, mas digolhe que tudo vai corresponder com a forma de tratamento, e avise-lhes que cá no Bié não é nada fácil os medicamentos são muito custosos.

— Senhor eu quero saber de tudo, o que a minha filha ou não deve fazer tudo doutor.

— Senhor se acalme, pois eu estou cá para isto. — Proferiu o doutor.

— Eu não posso me acalmar doutor. há 8 anos, perdi minha esposa, e minha filha é tudo que sobrou para mim, ela já é possuidora de câncer, o mesmo que acabou com a vida da minha mulher, e para piorar mais uma Leucemia...

Doutor ficou de boca aberta, enquanto papai falava, e pela sua pulsação dava para perceber que se tinha empolhado quando papá referiu que havia perdido minha mãe pelo mesmo câncer que tenho. Também era de perceber a alteração emocional do papai, alias muitos ficariam nesta disposição, *pois pensar que poderá chegar um dia que seus olhos se abrirão, num amanhecer e olharão a volta do mundo quando o sol estiver a brilhar e não verem mais ninguém que amas verdadeiramente ao seu lado para sorrir, abraçar, conversar seria o principio de terror de qualquer biografia*. Apesar De nós já virmos a viver num cinematografe de terror já a bastante tempo desde o dia que perdi minha querida abelha-mestra. E se por acaso ele me perdesse, aí sim seria o inauguro de um temor mais infindo que ele poderia viver. –Bem, mesmo com taciturnidade que eu estive, pode compreender que a noticia de eu estar pior, não mudaria mais o seu conceito, pois como tenho aprendido o bastante com as crônicas Shakespearianas, *que o mundo não vai parar, para que nós concertemos as coisas*, e seria necessário, vivermos o hoje aceitando a nossa realidade. Então, lá estive eu ao lado do meu papai observando sua alteração emocional. E o olhei quando estava entrecruzando os braços, aí eu falei para ele, enquanto o cariciava no ombro.

— Papai, vamos ouvir o doutor, se acalmar é a melhor opção agora.

Papai começou a acalmar-se, parece que as células nervosas no sangue que transcorria em suas veias estavam a serenar, inspirou fundo, levou sua mão ao encontro da minha que estava pousada em seu ombro, e centrou-se no doutor. Foi então que ele vinha nos explicando, começando por responder, pelas interrogações que papai o tinha colocado. Explicou que o hemograma, como acabamos de ver no resultado escrito nos folhetos, haviam os números de glóbulos brancos e plaquetas subindo de uma forma extremadamente agigantada, elevando-se acima do Cem mil, algo que não era normal. Ainda aclarou que os a-tempos de minha resistência a duas enfermidades contextualizando a realidade do nosso país, eram restritas comparada a países desenvolvidos que rondavam entre os 50 a 60% de sobrevivência. Declarou ainda que

os tratamentos deveriam ser levados a sério começando agora que os sintomas crucias não se manifestaram-se ainda. Foram uma aglomeração de explicações, que doutor nos transferia, para que possamos lutar contra o novo filme que teríamos de viver hodiernamente até os próximos dias que talvez sejam meus últimos. Acabando então de explicar chegou as suas recomendações. Até que ele mencionou que teria de viver com uma enfermeira.

— Uma enfermeira! — exclamei exaustada. — por que tenho de viver mais como se fosse uma criança? Tudo bem aceito que estou doente...

— É só uma sugestão, para se poderem precaver-se, caso venha uma surpresa algum dia. — Falou o doutor, com os olhos fixados em mim. Interrompendo minha articulação.

— Está doutor... — papá eximiu. — Senhor contrataria uma magnífica?

Apesar de ser pertinente eu ter alguém sempre ao meu lado, para poder socorrer-me a qualquer ápice, caso os sinais da leucemia aguda ou do câncer que ainda não era tão fatal. Eu não queria viver como uma fedelha de 5 anos precisando de uma babá, em sua existência. Nesta altura percebendo que papai tinha concordado com a ideia, eu queria que pelo menos mudasse de ideia.

— Mas..., mas eu tenho Verónica todos os dias comigo, não preciso de uma enfermeira.

— Não, não filha vamos sim contratar, Verónica nem sempre estará com você.

Neste momento meus olhos e do papai de cruzaram, minhas células nervosas acabaram por ferver, eu não queria ter uma enfermeira de lado, pois seguir-me-ia provavelmente em todos os espaços que eu marcasse. E para tentar me acalmar, levantei-me indecentemente do sofá, e fui caminhando para o quarto. E quando estive deitada na cama, olhando para o teto, simplesmente suas vozes vinham bem baixo nos meus ouvidos de lá da sala.

— Eu entendo ela, senhor. — Era a voz do doutor.

— Eu a convenço depois, doutor, mas quanto a enfermeira gostaria que o senhor escolhesse, e uma das boas.

— Esta bem senhor Thomas, farei a contenda.



Passada algumas horas, no quarto quando cruzava os braços com a parte do ombro esquerdo pousado sobre a parede estive observando o que se passava do lado de fora pela janela, as folhas dos diversos tipos de plantas dos demais vizinhos de apartamentos e não só, tremiam a força física do vento ainda outras voando a mesma resistência, carros e pessoas que circulavam pela rua. Aproveitava a situação para aliviar meu stress, pensar se papai tinha ou não razão para preocupar-se tanto, a conclusão que cheguei é que sim, ele tinha razão, talvez eu não tinha agido de maneira mais promissora, talvez ter uma enfermeira não seria tão mal como eu pensava, não teria nenhuma comparação para com uma criança dependente da babá. Então, concluí que afinal tinha mesmo exagerado, QUE TALVEZ AQUELE ENUCIADO, AFOLORANDO QUE OS PAIS QUEREM O MELHOR PARA NÓS, não esteja errado. Senti um pequeno calafrio, que fez meu corpo gemer por alguns segundos, pois o clima já estava ficando frígido, e pela janela pude observar que o sol deixava sua marcas alaranjadas nas margens que as nuvens deixavam no céu, como ele faz sempre quando pretende entrar. A temperatura rondava entre os 9° a 10°C , uma pirexia bastante familiar, sinonimo de que poderão as nuvens gotejar suas lágrimas na cidade toda. Depois de sentir o segundo tremor, fechei o lado aberto da cortina, liguei a lâmpada pelo interruptor, fui ate ao roupeiro, tirei meu casaco vestido na manhã e me agasalhei. Caminhei até a banca, fui segurando no ultimo livro lido de Mário Cortela, segurei-o e fui para cama, e ali comecei o processo de folheação. Queria me acalmar de todo o modo, e parece que a leitura vinha a ser a melhor distração que poderia assentir com o meu enraivecimento.

— Filha, o doutor tem razão.

Era o papai, que tinha entrado no quarto sem que eu me apercebesse, olhei para ele por uns segundos, voltei para o meu livro.

— Entendo se for para me manter ainda viva, não haveria o porque opor-se. — respondi.

Papai, aproximou-se e foi sentando na cama. Segurou-me no joelho que estava levantado enquanto eu lia deitada.

— Se trata de sua saúde, eu não conseguia ver outra opção.

Respirei fundo, fechei o livro antes mesmo de o responder.

— Não pretendo deixar-te assim muito sedo, penso que se dependesse de mim, ainda terias o direito de ver-me por mais longos dias.

Antes mesmo que terminasse de falar, pousei o livro entre a minha barriga, segurei-o na mão, soltei um sorriso. — Para quando está assinalado meu primeiro contacto para com a enfermeira?

Inspirou firme, prezou de ouvir que estive aceitando sua ideia, não falou nada, e simplesmente pegamo-nos nos abraços.

— Vai tudo ficar bem papai. — Pronunciei mansamente.

6

Para lidar com a mudança, você precisa, sobretudo, prestar atenção nas pessoas. No que elas realmente anseiam para ti, no que elas propõem e que você acha de relevante para sua vida, se o que eles quiserem é algo que não vai com a sua veracidade, com seus interesses, simplesmente o que tens que fazer é não dar ouvidos, melhor, ouvi-los, mas não dar sua preciosa atenção. Este é o segredo de lidar com a mudança. No meu caso apesar de uma nova realidade, na verdade uma não agradável surgindo noutra desagradável. Mas prestei atenção no papai, no que ele queria de melhor para mim, no como ele viveria caso me perdesse, caso eu percesse do planeta, tudo porque talvez eu tinha uma oportunidade de prolongar minha presença neste calhão azul, e não aceitei por julgar que era coisa de criança. Neste, entretanto, decidi aceitar, decidi dar relevância na proposta de papai, e concluí que ele também que para além, de ser salutar para mim, também ele sentir-se-ia melhor vendo-me assistida de uma enfermeira.



Quando eram 21:43, já me tinha vestido do pijama e me acobertado na cama, olhando alguns postes, no facebook de colegas do ensino médio, e outros amigos meus que nunca cheguei a vê-los pessoalmente. Por outro lado, quando minha cortina estava sendo iluminada pelas picagens dos relâmpagos, pois a chuva já estava encenando seu papel. Parei de deslizar meu dedo do ecrã do telefone, quando apareceu uma imagem muito engraçada, parecendo meme de algum perito, pensei e compartilhei por via mensagem para a Verónica, pensei também enviar no garoto dos olhos vermelhos,

quando de repente o flash do celular começou a cintilar, ao tempo que vibrava. Estava chamando, era o Isaac Routers. Coincidência nê, justamente quando eu estive pensando nele.

“Isaac: Oi Stella Lauren” — falou assim que atendi. E pelo som que vinha parecia que ele estava deitado não sei na cama, ou talvez num outro lugar, só me aparentava que estava esfaldado.

“Eu: pensaste-me!” — disse eu.

“Isaac: injusto seria não deixar um desejo de feliz noite para a garota dos olhos marrom que por sinal é vista por mim como estrela mais linda da galáxia.”

Sorri

“Eu: só você para me fazer sorri. E que jogo é este de eu ser a mais linda?”

“Isaac: esta é minha apreciação, e tenho direito de expressar não!” — disse, quando eu me ria sensualmente. Antes mesmo dele continuar dei um suspiro manso.

“Eu: é. Tens razão, mas eu não sou a garota mais bela da galáxia.” — falei.

“Isaac: Stella Lauren, — disse. — Não me venha com argumentos, pois não sou de me render. E mudando de assunto, fiquei sabendo que foste a um exame hoje, então com foi?”

Soltei mais um suspiro, olhei pelo lado da janela, quando bateu mais um vaivém do relâmpago, antes mesmo de o responder.

“Eu: vou disputar uma nova temporada com duas moléstias em simultâneo.” — disse quando me concentrava novamente.

Houve um emudeço, por uns 10 segundos. Parecendo que o garoto de olhos vermelhos tinha se entristecido.

Isaac. — O chamava, para averiguar se alinha tinha caído. — *Isaac.*
Aló, você ainda está aí?

Não respondia, então fui tirando o telemóvel do ouvido, observei que a chamada ainda rodava. Coloquei novamente na orelha.

— *Alóoooo...!*

“Isaac: É.” — Trucidou o seu emudeço. Finalmente. “— Desculpe-me Stella, eu..., eu lamento que isto esteja se passando contigo.”

Isaac, parecia pálido com a notícia, sua voz havia mudado, parecendo-se meio tristonho ou doentio.

“Eu: o que fo...”

“Isaac: Stella Lauren.” — interrompeu-me. “— Eu amo a sonoridade da chuva, junto o vento. são tão puros e verdadeiros”

Tentou, me desapreber de sua melancolia.

“Eu: Eu também amo...mas...Isaac, você não pegou um resfriado, digo por minha causa!”

“Isaac: Meio pálido estou, mas... mas vai tudo ficar bem...”

“Eu: Tá...”

Ficamos um tempinho ambos sem articular palavras.

“Isaac: Feliz noite, Stella Lauren”

“Eu: Para ti também Isaac.” — falei. E mansamente acrescentei: “— Obrigada garoto dos olhos vermelhos.”

...●●...

Numa Quarta-feira ensolarada, pós duas noites intensas de chuva, lá íamos nós mais uma vez ao grupo de apoio. Reunimo-nos por apenas uma hora, alegando-se o dia de Afonso, fazer o controlo do seu

câncer. Muitos antes, refutamos, sobre a RAZÃO, se ela nos permite distinguir o bem o mal ou o certo do errado, tal como afirmam as ciências: razão é o entendimento ou inteligência humana, e que é mesmo esta razão que nos distingue de outros animais, estes por sua vez irracionais. E a questão debatida foi se somos submissos a razão, então, porque muitos vivem sem compaixão, praticam o mal como se fossem um animal irracional? Detestam o bem para outros. Na verdade, foi um tema bastante interessante onde apresentou-se demasiadas ideias. E para aliviar nossos corações, tal como não poderia e nunca haveria uma reunião sem falarmos do papai dos céus, e de Jesus Cristo, tocamos na parte Bíblica, na história e nos ensinamentos de Jesus Cristo, depois falamos do Salmista, este por sua vez que encerrou com a reunião. Mais tarde, eu Verónica e Isaac, fomos a um restaurante perto da centralidade, comemos sanduiche e hambúrguer, também tomamos sumo. No meio de uma conversa, sobre minha nova jornada, ambos se lamentaram, e como os outros do clube, colocaram suas estrelas verde na minha caminhada, dando-me energia positiva para que meus dias se prolonguem por mais anos. — É. Minha nova jornada estava começando com um montão de espíritos positivistas. E creio que isto é todo o ser humano merecia estar rodeada de pessoas deste gênero, talvez não existira tanto mal entre nós. Também Isaac, decidiu por sua vez andar agora sem os seus óculos. Agora facilmente poderia eu olhar naqueles olhos mais belo que alguma vez apreciei.



Em casa, fiquei por terminar a leitura do meu livro, então fiquei simplesmente sentada de pernas cruzadas com as costas apoiadas no suporte cabeçal da cama, enquanto ia lendo, isto quando já eram, 20 horas. Cheguei a um tema bastante pertinente que por sinal estava acontecendo exatamente comigo, ele falava sobre a paixão, Cortela neste assunto estava abordando que A paixão é como um raio; ela brilha, ilumina, tem uma energia imensa – uma energia que precisa ser contida ou canalizada para não fulminar aquilo que está na sua frente, uma energia que precisa ser transformada para que não origine uma perturbação ou um transtorno. Na verdade, eu sentia

medo de que o que sentia eu pelo garoto não era recíproco, de que provavelmente poderia ele ser simplesmente amigo, que ele não quisesse ou não tinha sequer interesse algum, por mim, pois como afirma bem o autor que quando paixão não se tornar num amor, certamente um transtorno poderia seguir ele. Fiquei um bastante tempo com o olhar e com a consciência voltada no texto. Talvez a maneira mais promissora seria eu disfarçar, ter um pouco de controlo e esperar que ele se revele, claro! Caso sinta algo por mim que vai para além de amizade. — Pensei. Fui imaginando também nas suas palavras desde o primeiro dia que começamos a trocar falas, quando ele dizia tantas palavras que mexiam comigo, e concluí literalmente que há uma possibilidade de o garoto sentir também o que eu sentia. Então continuei com a leitura folheando para outra página, com o objectivo de terminar com o capítulo: O RAIOS DA PAIXÃO E A CONTRUÇÃO DO AMOR. Foi então que eu concluí que na veracidade, valeu apenas papai comprar aquele livro para mim. Depois da leitura fui desligando a lâmpada pelo interruptor, mas antes fui colocando meu pijama. Tomei três diferentes novos tipos de antibióticos para Leucemia, depois um copo de leite na cozinha. E quando voltava, para o quarto, meu telemóvel vibrou a um toque de notificações, então fui até a banca ver a mensagem, e era o Isaac, desejando-me feliz noite, com uma mensagem muito linda. Daí, enviei simplesmente um “Ok obrigada” e fui apagando a luz do telefone clicando no botão power, soltei um sorriso, voltei a devolver o telefone a banca, e fui para a cama.



— Só espero que seja legal. — disse eu, por entre um aroma a terra molhada, um arejar puro e fresco, acompanhado de um céu limpo, no telhado do nosso edifício que era recheado de pedrinhas de variadas cores, observando a aurora do por solar, sentadas em cadeiras de praia eu e Verónica.

— Pena que não vou poder conhece-la em primeira instância. — Comentou Verónica.

Vê, viaja no dia seguinte para o Huambo, ela fará por lá alguns dias, em uma visita familiar, então preterimos ficar em silêncio por alguns momentos, quando o ar batia mansamente em minha cara.

— Então, Isaac ligou para ti?

Não tirei, meus olhos da aurora, mas compreendia perfeitamente o que ela queria insinuar. — Sabes, fiquei ontem pensando...— antes de terminar levei meus olhos ao lado da Verónica. — E... e se isto não for recíproco, e se ele estava certo que queria simplesmente ter amizades lá no clube. E...

— Ele só está tentando não ir as pressas, ele é do tipo que adora alcançar o tesouro seguindo todo o mapa sem cortar atalhos. Você me entende?

— E se não for o caso!

— Stell, esta é uma hipótese que não vejo em seus olhos, siga os passos dele, ande com calma. — Comentou sem me olhar, simplesmente continuando a olhar o sol, respirei fundo, quando tentava falar, rapidamente ela cortou-me.

— Bem... pelo menos e pela primeira vez você se apaixonou.

Assenti. — Está. — Voltei para o sol. — Mas ele disse que tem algo a mostrar-me, depois da reunião. E conquê então estas pensando perdoar António.

— Vou conhecer um novo garoto, como você já apreciou, um jardineiro que regue nosso amor fielmente.

— Está. Você é muito linda, e uma gente muito boa, obviamente merecerás alguém assim. — comentei.

Sabidamente, pessoas com coração muito doce, são as que mais perdoam as que procuram não viver com angústia, elas estão consciencializadas de que a vida é uma grande dádiva, ou mesmo a maior, e que não vale desperdiçá-lo por uma simples pedra. — No principio ela sentiu dor isto é natural, e acontece geralmente quando

num jogo em que todos estão caminhando para um fim único e grande com uma esperança ilimitada, em que quem é apedrejado sentia mais afeto, era mais sensível e acreditava mais. Verónica, apesar de eu ainda notar uma carência pelo António, estava tentado esquecê-lo. E talvez que António sentia não era amor, e não passasse de uma mera paixão. Quanto a mim e o garoto de olhos Vermelhos, talvez ela esteja certa, melhor e com calma do que tentar se apressar para alcançar o que desejo.

— Obrigada viu! — disse ela, quando eu me levantava.

— Anda dê-me um abraço, de despedida. Falei.

— Eu não vou definitivamente volto em breve.

— Você sabe que eu amo tanto você. Anda dê-me um abraço.

Então ela veio. E abraçou-me por uns dois minutos. Botei um sorriso nos lábios.

— Tenha uma ótima viagem. — Falei ainda com o sorriso nos lábios, quando já só nos segurávamos nas mãos uma da outra com o sol que parecia estar no meado de nossas mãos. Com o vento fazendo nosso cabelo voar. Mais algo para além da irmandade que tínhamos em comum, entre eu e ela, era a forma natural como tratávamos nossos cabelos, não gostávamos de usar postiço ou cabelo de outra génese. Eu gostava mesmo de do rabinho de cavalo e Verónica o estilo Afro, cujas pontas eram enrodilhadas.

— OBRIGADA IRMÃZINHA.

7

Levantei-me cedo, no dia esperado para conhecer a enfermeira que cuidaria de mim, neste dia papai tinha pedido folga ao seu serviço, e eu por mais que não quisesse tive que adiar meu encontro com Isaac, faltando também a concentração do grupo, tudo porque papai queria prestar um bom recebimento para a enfermeira. Entretanto, quando eram 7 da manhã, estive na suite terminando o meu banho, quando desligava o chuveiro, que traduzia um som fino. O banheiro do quarto-de-banho, era acobertado de vidros quase fumados, por todos os cantos. Então lá dentro, segurei na toalha acobertei-me. Segurei na maçaneta e empuxei a porta para dentro, e fui saindo em direção ao meu quarto. Frente ao espelho do meu guarda-fato, estive limpando o meu cabelo, com uma toalhinha que servia mesmo para aquele ofício. Depois disso fui segurando no meu olímpico manjaco de cor verde, que eu havia preparado muito antes de ir ao banho. Depois fui abrindo meu roupeiro e segurei na camisa virgem de cor branca, e fui vestindo. Voltei para o espelho, e fui alisando meu cabelo colocando o meu predileto rabinho de cavalo que num trecho, sentirei saudades dele. Coloquei o pente no seu devido lugar. E daí fui para a sala, não tinha me apercebido, de alguém ter chegado em casa, ouvi simplesmente algumas vozes vindo da sala. Quando lá cheguei, era o doutor, papai, e uma senhora jovem linda, cor de chocolate com os olhos vestidos de óculos brancos, pelo visto, graduados, lábios vermelhinhos e fofos, ela estava sentada no sofá pequeno do lado direito.

— Bom dia a todos. — Cumprimentei quando lá cheguei, não me tinham visto antes quando eu lá cheguei.

— Filha. —Papai disse.

— Senhorita Lauren. — disse o doutor que estava sentado no cadeirão da primeira vez. Quando, porém, se levantava. — Então como estás?

— Não longe do habitual. — falei.

Porém, levei meus olhos para a senhora, acompanhado de um sorriso nos lábios.

— A senhora deve ser a enfermeira que vai cuidar de mim. — disse eu. — sou a Stella.

— Oi Stella. —disse sorrindo. — eu sou Marta.

Sempre gostei do substantivo Marta, é um nome que provavelmente eu sugeriria para que papai e mamãe, atribuissem a uma irmã que visse depois de mim. Então, pensei em botar um elogio:

— Marta é um nome legal, pra uma enfermeira.

— brigada Stell, você é muito linda...

Assenti. E fui sentando ao lado de papai. E então, fomos nos conhecendo.



Alguns dias depois, novamente num dia de poder ir lá para o grupo de apoio, papai resolveu, que a enfermeira pudesse acompanhar-me a todos os lados onde eu quisesse ir incluindo na associação, dando o seu carro para que ela conduzisse. — Para além de sua beleza física, a enfermeira também carregava o mesmo sinonimo lá dentro, que em menos de algumas horas já nos havíamos simpatizados. *“Papai deveria aproveitar para conhecer um novo amor, alguém como a enfermeira Marta”* —Pensei, pois ele ainda não era tão senhor ao ponto de não, procurar uma rosa nalgum viridário, e para variar a senhora Marta faria um bom tipo de madrasta, para além de uma simples enfermeira. Talvez ele não

tenha se apaixonado, ou talvez não queria quebrar o amor que sentia pela mamãe, ou ele tivesse medo de a ferir mesmo estando ela noutra cosmos, nada deste. — Bem, ele escolhe, ele sabe o porque. Parei de pensar contra papai. E então lá íamos, eu e a senhora Marta, em direção ao grupo de apoio. Ela tinha o dever, de chegar a casa, pelas 7 horas da manhã todos os dias com exceção os dias, Domingo, com o intuito de acompanhar meu procedimento com os antibióticos, e ainda acompanhar-me ao Hospital Geral “Dr. Walter Strangway”, fazendo outros tratamentos, pois só lá tinha os recursos sofisticados para tal sofisticado para irradiação, e outros diagnósticos para a minha LMA.

— Senhora Lauren onde fica o grupo de apoio? — perguntou-me enquanto dirigia.

— Na próxima esquina. — disse. — E acho que seria muito legal chamares-me simplesmente pelo primeiro nome ou então optar pelo segundo.

— Sei, sentes-te na posição de adulto sendo chamada deste modo, compreendo é natural para os adolescentes. Olha! desde sempre cresci com este habito de tratar as pessoas. Muitas das vezes minhas amigas da adolescência, repreendia-me. Acho que é uma boa procedência.

— Ham! Entendo. — Comentei. — Ou poderias simplesmente, velar pelo diminutivo grau. Se não te importares.

— Mas prometo que para ti vou tentar descartar esta palavra. **TUDO BEM STELLA!**

Assenti. Fazendo que sim com a cabeça, quando olhava para ela. — Ok.



No tempo em que senhora Marta estacionava o carro, a beira estrada, carro de Isaac, também estava sendo estacionado a nossa frente, havia fixado bem a estrutura de seu carro que obviamente não erraria que era mesmo o garoto de olhos vermelhos. E estava marcado desde então, que havíamos chegado pela primeira vez ao mesmo ciclo de tempo. Quando senhora Marta estava desligando o carro, eu via pela janela Isaac, que estava fechando a porta de seu veículo, sem olhar para trás, caminhado para a sala do clube. Foi então que decidi descer, e gritei pelo seu nome, ele parou antes mesmo de colocar o seu pé no primeiro degrau da entrada, ficou lá parado com a cabeça virada para trás e o resto do corpo inclinado para frente.

— Stella. — exclamou, e então fez corresponder o seu corpo ajustado com a cabeça, isto virando para mim.

Sorri

— Oi Isaac. — Falei.

— Pelo visto uma nova forma de chegar ao grupo! — comentou quando talvez se apercebeu que eu tinha descido do carro.

— Como assim, é pela primeira vez que nós chegamos ao mesmo intervalo.

Assentiu. Levou seus lábios para frente, e fez que sim com a cabeça, ficamos nos olhando por uns segundos em silêncio parecendo que entraríamos mais num conflito de olhares, até quando me apercebi que senhora Marta estava bem ao meu lado.

— Ham! — desviei meus olhos quebrando o silêncio. — Esta é a senhora Marta, a enfermeira que cuidará de mim.

Isaac, chegou até a enfermeira e começou a apresentar-se:

— Olá senhora, estou acostumadamente respondendo pelo nome de Isaac. Que se dependesse de mim, não assim seria.

Senhora Marta sorriu.

— És engraçado sabias! — comentou. — Eu sou a senhora Marta. — Deram-se as mãos. — Seus olhos...

Antes mesmo que a senhora Marta terminasse. Isaac a cortou:

— Esquisito. E confundido literalmente com os de uma lenda das loucas ficções de um autor fantasiador. Mas graça a garota ao lado e o pessoal lá dentro. — Isaac, disse indicando para o lado do apartamento do clube. — Que estou me sentindo normal.

— Eu não discriminei você, ninguém merece isto. Além disso já vi tanta coisa na vida. Que...

— Nada que é humano me é estranho. — Terminei, pois esta foi a primeira coisa que ela disse quando no primeiro dia que ela chegou em casa disse, então tinha fixado muito bem.

— É. — disse ela. — Gostei de conhecer você.

— O prazer é meu. Que grato fico por alguém estar a cuidar muito bem da Stella.

— Até Logo Stella. — Sr.^a Marta despediu-se.

Assenti.



Logo quando ela se foi, junto carro, eu e Isaac, colocamo-nos a entrar. Fiquei pensando, como e Isaac, simpatiza-se tão rápido, que talvez este fosse seu dom.

— Vai me contar ou não? — perguntou-me desaparecida.

— O que?

— Seu pai. O que ele é.

— Como assim?

— Ele é um artista?

— Meu pai mal sabe cantar. — disse esquisitamente, sem ainda me aperceber do que Isaac, queria com a pergunta. — como ele seria artista.

— Olha! Com certeza ele tem um dom de ter em seu rodeio pessoas espantosamente lindas.

— Por que dizes isto? — perguntei sorrindo.

— Stella! Ele só deve ser um tipo de deus, com “d” minúsculo que torna todas as suas artes em extras paixões irresistíveis isto é sério... acho que eu deveria pagar um credito a ele.

— Sabes talvez eu esteja suficientemente desatenta ou você é que está falando mandarim para mim, que não entendo nada.

— Estou falando da enfermeira como ela é espantosamente linda. — disse. — Aí se eu fosse mais adulto, teria aquela enfermeira do meu lado. Com certeza que já está no lado de seu papai. Ou melhor o Deus da escolha perfeita. — Dei uma cotovelada para o musculo de seu braço, 1) por ter chamado meu pai de um deus com “d” minúsculos 2) porque eu era lindamente apaixonada por ele e não queria que falasse assim deste modo nomeadamente na minha presença, 3) por cobiçado senhora Marta e 4) porque nomeou meu papai como deus da escolha perfeita.

— Uau! — sussurrou ele, segurando no braço onde tinha dado a cotovelada.

— Isto é sério?

— Fica ainda mais sério quando você Stella Lauren é inclusa nesta escolha. — Admito que naquele momento meu coração trovejou. E ele simplesmente sorria.



Enfim, fomos nos aconchegado, quando à quase 10 cm do U, das cadeiras, nos surpreendemos, pós algumas pessoas como Joana e

Orlando, estavam saindo, e outras sentadas desesperadas, então eu e Isaac, para olhamo-nos, paranoicos com o que se passava, e então fui logo perguntando, para um dos idosos, cujo nome me tinha esquecido:

— Então senhor, porque alguns estão saindo, por esta hora bem cedo?

O velhote, espirou uma poça de ar de uma maneira melancólica, antes mesmo que me respondesse.

— Minha filha, infelizmente hoje não teremos, reunião, pois o nosso amigo Afonso esta passando mal. — explicou-me o senhor com a sua voz roca e grossa.

Assenti. Melancolicamente e então fui até Isaac, e expliquei a situação para ele. Abalados com a situação, fomos nos retirando da sala, meios eu e Isaac. Chegando fora daquela sala, estávamos encostados a um poste de iluminação noturna, que ficava bem em frente do prédio.

— Que pena não é Stella! — lamentou o Isaac, desta vez sem sorriso no rosto, logo dava para perceber sua melancolia. Com as mãos presas no bolso de suas jeans.

— São naturalmente os efeitos da vida. — Comentei. — Tomara que ele sai dessa!...

Isaac, encheu sua boca de ar fazendo suas bochechas engordarem, depois soltou o ar todo. Depois ficou olhando para o seu relógio de pulso.

— Estão faltando mais ou menos de duas horas para a sua Enfermeira vir buscar-te. —disse, ainda com os olhos presos no Relógio. — Então que tal aproveitarmos o tempo e divertirmo-nos?

— Mas o quê? —perguntei surpresa.

— Anda. Creio que vais adorar. É só subirmos ao carro.



E então fomos. Enquanto ele dirigia, encarava eu seu rosto, e pude perceber que aquela melancolia que ele havia mostrado pela primeira vez, já havia passado. Em algum espaço-tempo de alguns segundos, e me estava parecendo que ele era daqueles que superam, facilmente uma notícia desagradável.

— Como consegues? — indaguei.

— Quê...

— Como consegues sorrir, quando recebes uma notícia desagradável?

— Ham! Aposto que quando se vê muita fita de terror, o que se ganha é isto, perder medo de tudo, situações tristes já não nos abalam o bastante.

— Mas o que se passa não é uma fita de terror. — Comentei.

— Sei. — disse. — Você deveria experimentar.

— O quê, ver filmes terror?

Outorgou. — É. E tentar não se abalar muito com os males da vida. — disse quando estávamos na estrada fora da centralidade. Uma vez que ele havia dito que não morava na centralidade concluí logo que estávamos indo para sua casa, claro com probabilidade. E na aquela avenida, pareceu-me que ele tinha mudado sua maneira de dirigir aumentando um pouco mais da sua velocidade.

— Notei uma mudança em sua velocidade comparando a da primeira

— Falei.

— Serio. — Exclamou. E agora lembrei-me que estas doente, e por isto que vou voltar a minha velocidade normal.

— Não precisas disso. — Anotei.

— Você precisa ser bem cuidada.



Depois de algum tempo, finalmente chegamos a casa de Isaac, que ficava Bairro Azul, a estrutura de sua casa pelo lado de fora, era linda de cor verde, com arvores ao seu redor, e a cima de tudo era um mini prédio com vidros que não permitiam ver de fora o que havia lá dentro. Então, estava ele entrando pelo portão mais grande que tinha sido aberto por um senhor, que parecia ser o segurança da casa. E então fomos entrando, parando na garagem que no momento não havia mais nenhum carro, mas pelo tamanho da coisa dava para perceber que lá entravam dois carros ou ainda mesmo três. Descemos, e fomos entrando, eu me sentia envergonhada, pois nunca na minha vida ainda tinha ido em casa de um garoto. Quando chegamos a sua sala, estavam lá Duas meninas de uma faixa etária que rodavam entre 12 a 8 anos de idade. E uma senhora aparentava mãe, que assistiam em uma *TV plasma* que pela fisionomia facial parecia-se com Isaac, só que seus olhos eram pretos, e ela era mulher, e então concluí que era sua mãe. A estrutura de dentro de sua casa era extremamente linda parecendo uma casa estilo americano, pelo tamanho do *tv plasma* donde sua família assistia, pareceu-me que era a mais de 52 polegadas. Isaac, passava na frente do corredor que tinha uma abertura enorme dando espaço a sala, por onde estava sua família.

— Olá! mãe. — Isaac disse. Decorei meu rosto com um riso no rosto um sorriso para elas, e os cumprimentei também.

— Bom dia...

— Oi tudo bem. — respondeu sua mãe. — E então uma amiga! — sua mãe falou surpreendida, com a emoção de que seu filho havia feito amizade, lindamente uma garota.

— Ham! Mãe. — Disse Isaac quando colocava um pé nos degraus que provavelmente davam acesso ao seu quarto que era do lado de cima. ela é minha amiga, Stella. — Apresentou-me,

— Oi Stela, eu sou a Barbara, mãe de Isaac.

Deitei mais um sorriso nos lábios e disse:

— Prazer eu sou Stella.

E de repente, veio uma voz bem fina e simpática:

— Olá amiga do mano. — Era uma das suas irmãs. Que aparentava ter 8 anos de idade.

— Olá. Tudo bem! — exclamei sorrindo.

— Anda Stela vamos subindo. — Falou o Isaac.



E assim fui. O quarto de Isaac, tinha cortinas escuras pela janela, um plasma de 32 e duas pegas coladas na parede, bem na frente da sua cama, um sofá ao pé da janela, um armário com um monte de DVDs, livros alguns troféus de bronze, pratas e ouro do tipo de esporte de Tênis e Basebol e outros que eu não conhecia, e um outro monte de coisas que eu não conhecia bem, seu quarto estava enfim muito bem organizado e decorado.

— Seja bem-vinda ao meu mini *cinema*. — Isaac disse abrindo as mãos.

Soltei uma poça de ar, pois nunca me tinha cansado tanto, não por ter subido aproximadamente uns 20 degraus, para entrar no quarto do Isaac, mas talvez porque os efeitos da Leucemia tentavam se manifestar, por uma tontura.

— Obrigada. — Falei meio exausta. Com a mão pendurada na cabeça.

— Você está bem?

— Estou,

— Certeza?

— Ê... foi simplesmente uma tontura.

— Ok. Pode sentar na cama ou mesmo no cadeirão ali exposto. —
Falou indicando no cadeirão.

E então fui sentando. Quando ele também veio sentar no mesmo sofá.

— O que vimos fazer em sua casa? — Perguntei.

— Queria saber mais sobre você.

— Não há nada que não saibas. Bem eu sou a ultima herdeira do
câncer da minha família. Posteriormente ficarei careca.

— Não, eu quis saber sobre seus interesses, planos para o futuro seus
gostos.

— Ham! OK. Planos para o futuro? Não sei, sempre quis estudar mais
sobre direitos, eu gostaria muito de ser uma defensora do meu povo
dos que mais necessitam, sempre gostei de ajudar as pessoas. Então
a melhor opção seria continuar a estudar o ensino superior num
curso de advocacia para ser...

— Uma advogada! — terminou exclamando. — Tudo-bem, uma boa
escolha! Vamos nos interesses ou gosto.

— Leitura! Escrever, mais leitura e mais escrita. Basicamente sou
muito interessada nos escritos de Shakespeare, continua ele ser
apesar de morto um autor que todo mundo deveria ler.

— Shakespeare. — exclamou. — Sabes eu só tenho um sonho!

— Qual.

— Ser autor de um filme terror, olha eu quero ser uma figura, alguém que miúdos, tenham o desejo de se inspirar, para resumir gostaria de ser um herói.

Olhei para ele, desacreditando em suas palavras.

— Sei. — disse, se apercebendo do meu olhar. — Sei que isto é sonho de fedelho, mas quem liga para um professor, um electricista, ou um doutor, quando que perecem são esquecidos facilmente? Ter uma estatueta uma roupa de herói sendo vendida nos mercados, estar nas revistas, e até mesmo pendurado como uma estatueta numa praça publica, e aí todo mundo ver, o quão foi valente o garoto de olhos vermelhos. É tudo que eu desejo.

— Ninguém pode ir contra a liberdade de outro, só lhe desejo muita força.

Ficamos em silêncio por alguns segundos quando Isaac, mordida seus lábios e balançava suas pernas.

— Sabes, lembrei-me agora. Shakespeare é seu autor predileto. Não?

— Isaac pronunciou.

— É. — e então ele levantou-se e foi caminhando na direção do seu armário.

Quando ele estava mexendo nas suas coisas, eu observava seus trofeus.

— Não sabia que eras fanático por ténis! E basebol. Como ganhaste eles?

— Não fui eu. Na verdade, só estão aqui porque meu pai resolveu, seu foco é me persuadir com seus trofeus para que eu siga seus passos. *Na verdade, sou apenas vencedor dos trofeus misteriosos, que os venci num torneio em online de caça ao zumbi e a saga de um caçador de freiras.* São jogos muito legais. — Isaac, disse olhando para mim e fazendo que um circo indicando o quarto todo disse: por isto chamo ele *cineplay*. Sou um dos melhores de Angola.

Sorri. Sem comentar nada. E ele foi revirando procurar não sei o quê.

— Na verdade trouxe-te até minha casa pelo seu autor.

— Como assim? — indaguei quando ele vinha com uma espécie de livro com capa preta. Vindo em minha direção.

— Eu não entendo sua incrível cegueira por um escritor de muitas décadas passadas. — disse quando sentava. Estava certa era mesmo um livro, que tinha a cara de Shakespeare, em sua capa.

— Shakespeare! — Li em voz alta.

— Sim. Foi meu presente de aniversário quando tive 15 anos. Meu Avô, pensava que um dia eu poderia ser um bom leitor como ele foi, mas simples é que não aconteceu, pois não sei de onde eu fui buscando minha incrível preguiça pela leitura, que decidi abandoná-lo e deixar neste estado todo empoeirado. Daí você apareceu, doidamente seduzida por ele por seus escritos, que eu decidi oferecê-lo.

— Serio! — exclamei, com sorriso nos lábios.

— Ele é seu. — disse dando-me o livro.

— Isto é sério você nunca leu mesmo nenhum livro? —perguntei.

— Dizem que assistir um filme é ler um livro. —respondeu. —e se for o caso eu leio os livros na sua pratica. — justificou-se.

— dizem isto, mas ainda assim você devia ler um livro na sua vida.

— Falei. — Sabes ler mesmo a serio.

— esta bom, eu vou tentar, mas se for o caso será um livro de contos de terror.

— Bom que não é nada. — Comentei. — Olha parece melhor eu ir.

— Stela Laureen, tens certeza? — Perguntou quando levantou-se olhando para mim. — Eu gostaria que almoçasses aqui.- falou quando levava os braços, para o seu ombro.

— Sim. Sabias que eu tenho um pai muito protetor, uma enfermeira cuidando de mim que provavelmente vai a minha busca em menos de 50 minutos, e um monte de medicamentos para tomar. Na verdade, eu gostaria.

Isaac dobrou um lábio por entre outro, ao tempo que se segurava na cintura. tinha encolhido seus lábios.

— Está bem Stella. — Proferiu quando baixava seus braços e balançando a cabeça.

8

Recusei almoçar à casa de Isaac, não porque eu não queria ou porque tinha medo, mas porque presumivelmente meu pai ligaria à senhora Marta, saber do meu estado, e que por outra, se a enfermeira chegasse no grupo de apoio e não me encontrasse, era possível que papai se irava, talvez mandar o SIC a minha procura, ou ainda punir senhora Marta. Mas botei Isaac na perspectiva de algum dia almoçar em sua casa, quando isto estiver combinado com a minha enfermeira. E claro! Caso ele me faça um novo convite. Porém, antes mesmo da hora em que tem culminado a reunião, Isaac, estava levando-me a casa. Enquanto ele ia dirigindo, eu observava o livro que me tinha ofertado, na verdade era um livro versão traduzida, que compunha vários sonetos do autor, apesar de estar empoeirado percebia-se que era novo, que nunca antes tinha sido lido por alguém. Também enquanto caminhávamos, o garoto contou-me que eu tinha ainda muito para conhecer com ele, coisas que eu nunca talvez tinha visto cá no Bié, ou já, disse também que ele era um grande aventureiro, mesmo sozinho sem amigos, ele nunca deixou de ser feliz, ele nunca deixou de sorrir de conhecer lugares novos, e fazer turismos, contou-me também que apesar de assistir tantos filmes de terror e que mostrava-se valente diante das situações sentia medo de uma coisa, mas que não me contou qual era. Comentou ainda sobre o seu sonho de ser um herói, que na verdade eu achei estranho, pois que ninguém sonha em ser herói, todos querem estar empregados no estado ou numa empresa de extrema relevância, todos sonham ter um bom estatuto, boa casa, bom carro ou talvez uma ilha. Concluiu que seu sonho era o que mais lhe movia, o que mais lhe tornava a pessoa que ele é. — Na verdade pude conhecer muito mais bem Isaac durante o transcurso de hoje. Porém, estava

ele estacionando na frente do prédio onde ficava minha casa, quando parado, então fui descendo, com o livro carregado nas minhas mãos.

— Adeus, Isaac. — Falei, olhando-o pela janela.

— Ok.

Quando me virava em direção os degraus, com a esperança de que ele me disse, alguma coisa, do tipo até logo, beijos, tchau Stella Lauren, meu nome que soa bem sua boca. Virei de repente novamente mostrando o livro para ele e fui dizendo:

— Ham! Grata pelo livro.

— Obrigado você, pela sua incrível amizade e por tudo. — falou mansamente.

Sorri.

Quando me virava, senti que de repente tudo havia mudado, o clima, o sol parecia estar túrbido, o ar parecia estar em uma temperatura de -1°C , e estive começando a sentir falta de oxigênio correndo nas minhas narículas, meu peito começou a ficar quente parecendo que tinha percorrido 100 metros num campo de atletismo, estive perdendo a força de permanecer em pé, fiz o livro cair, quando um som que soava tão longe de meus ouvidos, rugia meu nome. E quando aparentava, eu estar caindo assustei que uma mão me segurava, não conseguia ver visivelmente quem era meus olhos estavam opacos, estava me parecendo que era o Isaac, e pelo aroma do perfume senti que me era familiar, e concluí logo que era Isaac.

**Isaac*. — Murmurei num tom baixo e doentio. E então meus olhos se apagaram e não conseguia nem ouvir nem sentir mais nada.



— Stella, Stella. — Soavam meu nome duas vezes acaçapada num intervalo diferente doutro, quando eu abria os olhos com a visão ainda turva.

Não me tinha lembrado de como chegara ali, como fui parando no sofá, simplesmente lembrava apenas de ter visto uma o mundo a ficar escuro de repente e meu peito arder como se fosse fogo. Passado alguns segundos já conseguia enxergar melhor, e quem me chamavam eram Isaac, e a Sr.^a Marta, ambos com rostos pálidos, e melancólicos.

— O que foi o que se passa. — Falei, quando tentava sentar. — Porque estão todos pálidos? Isaac! Você...

Antes de terminar, surgiu um nó na minha garganta. — O que fazes aqui? Mas o que aconteceu diz Isaac.

Ambos se olharam, como se algo de tão ruim estivesse acontecendo. Ninguém queria responder. E logo, as lembranças começaram a surgir, lembrei-me de que tinha apanhado uma reação de que tinha sido transportada para casa por alguém e que este por sua vez era Isaac.

— Ok. Já sei. — Falei. — São os efeitos da Leucemia, não senhora Marta?

Ela assentiu. E sentou-se ao meu lado. — Infelizmente você teve uma recaída e Isaac trouxe-te até aqui...

Antes mesmo que ela terminasse, lembrei-me de nossa conversa sobre seu sonho de ser um Herói, fui falando, baseando-se nele, ainda que não fosse tão saudável minha voz e meu sorriso:

— Foste um herói!

Ele simplesmente sorriu. Se apercebendo do que eu queria insinuar.

— Você vai ficar bem. — Falou ele com seu sorriso ainda lá em pé feito um soldado.

— Isaac, você poderia chegar a cozinha e pegar num copo com água.
— Falou senhora Marta.



— Cá está o copo de água. — Isaac, disse entregando a água, que não tinha feito nem um minuto, parecendo que tinha a planta da nossa casa em sua mente. Ele dava o copo de água para a enfermeira.

— Stella beba está água. —Marta, falou, quando me dava o copo de água.

Segurei o copo de água, e me coloquei a beber. E passando alguns minutos, após eu ter bebido água, comecei a sentir-me melhor, e coloquei-me a sentar, no mesmo sofá.

— Eu vou ligar para o seu pai. — A senhora Marta falou, levantando-se do sofá.

— Não. Não senhora. — falei, no mesmo to de voz fraquinho. E entusiasmada com a minha intervenção, ela perguntou-me:

— É seu pai, e por que não posso ligar para ele? —
Papai é muito sensível e protetor, logo ele se aperceber, vai querer vir de imediato para aqui. —Falei. — Ele ficará muito deprimido, e eu não gosto quando ele fica neste estado.

— Stella eu até poderia não ligar para ele. De qualquer modo ele vai saber. E melhor que eu o dê a noticia se não ele me dispensa. E este é o meu primeiro emprego. — Proferiu, Marta.

Respirei fundo, olhei para ela, quando apoiava minhas mãos no sofá, fazendo com que os braços todo se esticassem. E pensando na situação dela, concluí que talvez seria melhor papai saber, talvez ela perderia mesmo seu emprego, e talvez não viesse mais uma outra que possa ser tão legal quanto ela.



— A senhora tem toda a razão melhor mesmo ele saber. esta bem. Mas por favor diga que não foi algo tão ruim e para ele não se preocupar que vou ficar bem. diz para ele que não foi nada grave.

Assentiu. — Esta bem. E foi assim, foi ligando, pegando no celular fixo que ficava preso na parede do corredor. E foi então que Isaac veio sentar ao meu lado, levou uma das suas mãos ao meu ombro e disse:

— Stela. Você deixou-me bastante preocupado.

Soltei um leve sorriso. E eu sorri, segurando sua mão, presa no meu ombro. — Isaac! Não te preocupes, foi simplesmente um cansaço.



Passando algumas horas, após o Isaac já ter ido, estive já no meu estado normal, quer dizer no estado onde os sinais da Leucemia mieloide aguda, não faziam efeitos, então fui relaxando no meu quarto, deitando-se na cama ao mesmo tempo navegando no facebook. — Papai, apesar de tudo, não chegou em casa, senhora Marta, parece que o tinha convencido a não se preocupar. — Neste dia eu pude perceber a intuição do doutor de ter, nos aconselhado contratar uma enfermeira. Parando de navegar, fui segurando o livro de Shakespeare por cima da minha banca, e pus-me a lê-lo, na mesma posição que eu estive quando estive navegando.



9

Meu novo dia havia começado com diferentes tipos de medicamentos diferentes, leitura ora pelo sofá ora no meu quarto por entre uma manhã, que estive vestida de um manjuco preto, uma camisa, de cor verde marcada do símbolo da *Nike*, bem no peito, um ténis branco da *vans*, e na cabeça estava presa uma toca também de cor branca. O clima estava normal, não tão normal do tipo menos frio ou menos calor, estava normal do tipo que não se poderia distinguir se era o frio ou o calor que perdurava. Um dia sem que houvesse uma reunião por motivo de saúde do senhor Afonso, — seu câncer que estava acelerando o bastante, parece que os tratamentos não estavam mais surtindo efeitos e seu pulmão esquerdo estava ardendo que nem um vulcão pronto a estourar, talvez ele não tenha a sorte de sair desta.

Quando olhei para o relógio analógico fixo na sala bem na frente do sofá onde estive deitada fazendo leitura, batiam 8:13, E senhora Marta estava chegando entrando pela casa, — ela tinha se atrasado hoje, por razões que não tinha eu nenhum conceito, porém, quando ela se aproximou, cumprimentou-me, levantei do sofá e pousei o livro a mesinha, logo, senhora Marta disse-me que teria me explicado seus motivos, quando a caminho do Hospital com o Objetivo de fazer minha primeira radiação. Sendo que a quimioterapia, ficou adiada para o dia seguinte alegando-se o caso de que há outros doentes que fariam, então disponibilizaram, simplesmente para este dia a radiação. Então subimos ao carro e senhora Marta, ligou o motor, e então foi dirigindo.

— Não foi nada de mais, só o transito é que estava mesmo muito apertado.

Senhora Marta, morava no Kunje, uma comuna do Kuito, possivelmente fazendo um transcurso de sua casa à centralidade, teria de percorrer uns cinquenta minutos, ou aproximadamente uma hora e dez minutos. Dava para entender, uma vez que ela vinha de lá para cá com táxi, muitas das vezes difícil de aparecer, também em muitos dos casos, alegando-se a razão muitos dos taxistas atualmente apresentarem uma percentagem elevada de dívidas sobre a taxa de circulação, por isto, é óbvio que os trânsitos deveriam exercer seu trabalho no duro.

— Este é o facto? — espantei. — Entendo, não há tanta razão para te desculpares. Como me disseste que, se explicarias no caminho, pensei que houvesse um problema... do tipo familiar ou seu marido, filho ou irmã tivesse algo...

Antes que eu terminasse, Senhora Marta ainda com as mãos no volante, soltou um sorriso. Olhou para mim e disse:

— Onde tiraste esta História?

— Qual.

— Marido... — disse.

— Isto implica que a senhora não tem...

— É, sou solteira.

Na verdade, só mencionei, no princípio marido, para ter uma conclusão, se ela poderia ficar com papai, pois da última vez que estivemos todos juntos, notava uma chantagem por parte da senhora Marta, senti que ela sentia uma atração pelo papai.

— Não acredito. — Falei só para ter certeza.

Ela sorriu.

— Por que?

— Jovem, linda. Ótima pessoa. — disse eu. — Realmente são várias qualidades que não correspondem. E por que a senhora Não...

— Estou numa relação. — Terminou a frase. — Bem, já faz um imenso tempo que decide não me envolver num relacionamento, não porque eu não quis, mas por que não cheguei ainda a me apaixonar. Na verdade, tenho uma filha, de 9 anos de idade, poderia eu assim dizer que sou quase mãe-pai para ela, teoricamente.

— E o pai?

Quando mencionei esta palavra, *pai*, senhora Marta ficou que meio melancólica e arrependida.

— Simplesmente se perdeu do mapa. Como uma gota de água doce no oceano. Ele nunca quis saber da criança, no princípio da gravidez ele já se mostrava distante, ele recusava-se da gravidez, não se importava, ele, simplesmente... abandonou-me, na verdade nunca se interessou pela filha, nunca ligou e nem sabe se quer o seu dia de aniversário.

Quase que minha alma chora de tanta emoção, que injusto foi. E na maior das hipóteses deve ser por esta razão que ela esteja solteira por não confiar mais a nenhum homem.

— E como ela se chama. — Falei vendo s e ela conta-me coisas agradáveis.

— Ela é Liane. — Sorrio. — Ela é incrível, inteligente, linda, e calma, no ano que vem fará a sua 5 classe.

— Uau! Lindo nome e aposto que ela herdou a doçura da sua mãe. — Comentei. — A senhora vai achar alguém que lhe será fiel.

— Brigada.



A expedição não foi tão longa, mas foi agradável, conhecer realmente mais a história da senhora Marta, saber que ela é solteira e tem uma filha especial alegrou-me. Mas lamentei-me do facto de que no meio da história haveria um lado melancólico. Porém ela acabou de estacionar o carro dentro do estacionamento do Hospital. Lá dentro,

chegamos a recepção perguntando pelo doutor que nos haviam recomendado por outro doutor da clíca raiar da vida, e mandaram-nos aguardar nas cadeiras de espera alegando-se de que ele estava ainda ocupado. — Talvez, eu tenha sorte que a radiação e quimioterapia, possam vir fazer que, eu viva simplesmente como dantes, antes dos primeiros sintomas se manifestarem, e também, se Deus permitir não venha eu precisar de uma doação de medulas, como diz a maior parte das histórias de pessoas desfrutando esta jornada, e provavelmente isto seria difícil para mim, até conseguir alguém compatível para a doação, uma vez que é mais eficaz para com os familiares, seria que meio complicado contactar eles, pois já faz décadas que papai não apresenta boa relação com eles, e até chegarem a resolver suas diferenças talvez venha a ser tarde de mais, então vale simplesmente colocar nossos corações na sorte e e crer no observador do universo “o ser supremo Deus”. No entanto pós ter aguardado aproximadamente 15 minutos, chamaram-nos até a sala do doutor. Lá, fez-nos algumas perguntas em relação a minha doença, fez uma análise em mim, depois levou-me até uma sala bem equipada, e fez-me a radiação.



Depois do Hospital, tinha recebido uma notificação de Isaac, comunicando que todos os filiados, integrantes do grupo, poderiam reunir-se na habitual sala de reuniões, afim de todos unirem-se, e dedicarem uma oração profunda endereçada ao nosso querido e amado líder Afonso. Então lá estive quando eram 10 horas, eu junto Isaac, encostados em seu carro olhando em direcção a entrada da sala. Senhora Marta havia me deixado lá, já consciencializada de que Isaac me levaria para casa, após um encontro que novamente ele queria marcar comigo. Ele estava vestido de uma calça jeans azúis, e uma camisa vermelha junto o seu casaco castanho. Por outra a natureza estava maravilhosa, com um sol bem romântico, um arejar apaixonável, um clima puro a suave, céu ornamentado de alguns pedaços de nuvens bem branquinhas e um azul-claro mais bonito do

conhecido. Alguns ainda não tinham vindo, simplesmente era eu e Isaac que ainda havíamos lá estado.

— Então Stella, você acha que o senhor Afonso vai sair desta? — Isaac, perguntou.

— Ele é forte, um homem cheio de fé. Bondade no coração. — Comentei. — Sim acredito que ele vai sair desta.

Isaac, não comentou mais a respeito do senhor Afonso, simplesmente foi balançando a cabeça, e assim foi mudando de assunto.

— E Verónica, como ela está?

— Chega hoje de viagem. — Dei uma olhada ao ecrã do meu telefone e estava marcada 10:12. — dentro de uma ou duas horas.

— Ela, é boa pessoa. — Comentei. — E aposto que vocês se amam muito.

— É. E embora sermos de progenitores diferentes, nossas células, nosso DNA, estão ligados.

E então o garoto virou-se para o meu lado, olhando-me com cara de apaixonado, novamente com aquele sorriso, sincero, e eu fui o olhando também e assim nossos olhos ficaram presos num do outro, e então eu sorrindo perguntei:

— o que foi, Isaac, porque me olhas assim? — Por nada, simplesmente, deu-me vontade de olhar assim para você.

— Ok. — Falei, concordando com o movimento da cabeça.

Porém, os outros membros já tinham chegado, e então fomos entrando também, seguindo o Orlando.



— Amém. — Melodiamos, quando todos estávamos de braços dados, em pé, em forma de um circo.

A oração foi dirigida por um dos membros idosos, que por sinal estavam também a despedir-se, pois teriam de ir a outra província, — segundo eles gostariam de acabar seus suspiros em suas terras natal. Esperavam simplesmente que Afonso se recuperar-se para melhor despedirem-se.



Quando terminamos de orar, Isaac, levou-me até um lugar que eu não conhecia, um sitio verdejante, um local onde respirava-se oxigênio diretamente vindo das arvores, era um lugar lindo, em forma de um parque, na verdade era mesmo um, com rio separando um lado do outro uma ponte que permitia atravessar o rio. Era um lugar que muitos teriam de explorar, um espaço que atrairia ou muitos turista, segundo Isaac, chamava-se o *Parque da Séria Revelação*, que segundo sua história, o parque tinha sido responsável de muitas relações, saudáveis, uma região que muitos casais se conheceram e se revelaram, um lugar onde não se revela simplesmente questões amorosa, mas também segredos, paixão, onde se faz um compromisso, que deveria ser cumprido, e caso isto não venha surgir, os ventos de lá puniriam você, os ventos fariam com que você se arrependa, e nunca mais volte a pisar lá, caso não seja para cumprir o que pretendes se comprometer.

— Então esta é a história? — perguntei quando ainda estávamos por ente o meio da ponte observando o fluxo das águas. — Agora entendo o por que do nome. Parque da revelação séria.

Isaac, assentiu. Quando ainda estava com as mãos no bolso de seu casaco. Simplesmente balançou a cabeça, com os olhos ainda preso no fluxo. — Na verdade, comecei a desconfiar de que Isaac, queria me dizer alguma coisa a) do tipo estou apaixonado, b) ter uma relação séria, c) que sou uma grande amiga e que pretende ser meu amigo até a eternidade, e por isso trouxe-me cá.

— E então o que vimos fazer aqui? — perguntei desviando meus olhos. Da água para ele.

E então ele também se virou e nossos olhos ficaram paralisados num do outro, admito que olhar em seus olhos vermelhos me estava a animar muito, e que preferiria olhar para sempre, nele. Houve um tempo de silêncio, simplesmente ouvia-se o som dos pássaros, e do fluir do vento.

— Estou apaixonado por você... — Disse, e meu coração quase que sai do lugar. — Eu estive esperando pelo momento certo, eu... eu, eu não sei, talvez teria esperado mais, teria aguardado mais uma ou duas semanas, mas é que..., é que simplesmente meu coração, meus olhos minha alma, ficam... olha a um colapso a cada dia que passa e senti que talvez se eu não me revelar, sinto que estes elementos se revoltarão contra e podem causar uma nova enfermidade não estudada pelos melhores cientista da história, poderiam talvez colidir, eee...

Não terminou, deu um murro numa outra mão, parece que suas palavras estavam terminando. E simplesmente, fui de imediato beijá-lo, pois minha alma já não mais aguentava, a fervura, e ele simplesmente correspondeu. Beijamo-nos não por muito tempo.

— Não fale mais nada, foi por isso que me trouxeste aqui? — falei. — Olha Isaac, eu... eu sinto, este... este fogo ardendo em mim já a um bom tempo, também não mais aguentava...

— Stella, eu amo você, e quero construir uma vida inteira contigo.

De repente fiquei meio que triste quando Isaac, mencionou uma vida inteira. Desviei meus olhos para o rio.

— O que foi. — Isaac, disse segurando-me no queixo, e levando minha cabeça ao seu lado. — Por que ficou assim de repente.

— Desculpe-me, mas não tem haver contigo, ou talvez tenha.

— E?...

— Olha, você tem uma longa vida para frente. Olha pra mim, sou apenas um Objecto que depende da sorte, pra viver por longo período, e se eu não ficar mais por muito tempo? Já imaginou a imensa dor que vou lhe causar?

— Ei, Stella, quem Liga para o que vem amanhã, no verão ou no inverno, o que importa realmente é o agora, eu não ligo se você está doente, se amanhã é seu ultimo dia de vida, eu só ligo para meu coração, o que ele sente pelas pessoas que amo, e isto é o que basta para ser feliz.

— Olha Isaac, desculpa-me eu não, não queria estragar o momento.
— Falei. — Eu só queria saber se você está mesmo disposto a começar uma relação, com a garota leucêmica e canceriana?

— O que me faria mais feliz realmente é estar contigo. — Declarou.

Então nos abraçamos. Antes, beijou-me na testa. E minha vida ao lado do primeiro garoto, por sinal que eu amava estava começando, e meu maior medo, era mesmo se a doença me permitiria viver por muito tempo.



Depois por entre abraços, ficamos dando algumas voltas, nos diversos lugares lindos do parque, pisando num solo decorado de diversas folhas caída das arvores, fixas em ambos os lados direito e esquerdo, deixando uma passagem tipo corredor. Em alguns espaços, haviam cadeiras, alguns casais canto dos pássaros e um arejar puro. Então nós continuávamos nós a caminhar em silêncio com o braço de Isaac que quase fechava meu pescoço, e eu como os braços que atravessavam sua cintura, quando atravessávamos uma arvore que tinha um desenho de coração com escrita em inglês “*I love your my heart.*”

— Então, o que vai ser agora de nós? — perguntei.

— Eu vou estar aqui, e você do meu lado, vamos simplesmente continuar com o que já começou. — Comentou.

Assenti.

— Então você começou a ler um livro?

— Não, não vejo no mercado o gênero que desejo,

— Olha sei que são seus gostos, eu não discrimino, mas eu acho que você simplesmente deveria pegar um livro que não seja do seu gênero, existem vários autores abordando de diversas coisas, assuntos que deveriam interessar você, para além de... você sabe.

Isaac, balançou a cabeça fazendo que sim. Quando deixamos de nos abraçar, continuando a caminhar.

— Tens razão, eu realmente não deveria simplesmente me focar em um filme, ou em procurar o livro que seja do gênero terror. Veja o por que eu não leio Outros autores, eles estão simplesmente focalizados em manter a sociedade mais serena advertido várias teorias de caracter filosófico ou científico, falar do bem e o mal, isto que é meio aborrecido.

— Tem romances, tem novelas, autoajuda, em fim vários gêneros, e eles abordam diversos assuntos, você pelo menos deveria tentar fugir um pouco de apavorar sua mente com mortes fictícias, zumbis, freiras maldosa.

— Mas eu não estou a afirmar ou renegar sua proposta. — Comentou.
— Talvez o que eu precise é mesmo ganha um pouco de filosofia ou cientificidade e romancismo. Quais são seus autores, claro que não seja um de décadas cheirando anos 80, sem ofensas.

Sorri.

— Ok. Tem Mário Sérgio Cortela, os escritores angolanos: José Neto e Mário Bragança.

— Ok. Vou tentar hoje mesmo procurar seus autores, e ver se consigo comprar seus livros.

— Você não te vai arrepender, verá que valeu apenas.



Depois de algumas horas, isto pelas 15horas, Verónica tinha chegado de viagem, porém, ficamos por matar as saudades, então ficamos batendo o papo, ela contou-me sobre sua viagem que tinha sido o máximo, contou-me que sua família havia gostado muito de sua presença e que possivelmente ela venha passar o natal lá, ainda me disse que já estava começando a conhecer um garoto, que seu primeiro encontro foi no autocarro da viagem do huambo para aqui. E então deu-me à luz de contar sobre meu primeiro dia em relacionamento com Isaac.

— Olha Vê, estou muito feliz por você, olha e só espero que este garoto venha a ser legal. — Comentei sobre o que ela havia me contado. — Hoje está sendo o dia mais esperado de minha vida.

— hum! Só porque eu cheguei, estive apenas dois dias fora.

— Não, não é por isto, é que eu e Isaac...

— Sério. — exclamou. — Me conta onde e como foi o primeiro beijo.

Balancei as mãos, imaginado na parte elétrica em que nossos lábios colidiram, dei um sorriso, ainda balançado o braço contei:

— Isaac, foi tão romântico, ele levou-me ao parque da revelação séria, e foi tão... tão doce. — Falei baixando as mãos.

— Dá para ver que vocês dois têm uma conexão. — Falou a senhora Marta.

Eu havia deixado a porta aberta, e possivelmente ela tinha ouvido nossa conversa, Não nos apercebíamos de sua aproximação até que ela articulou, ela trazia mais um sumo natural, de laranja e acerola, que também, é um remedio caseiro, que ajuda a complementar o tratamento da leucemia, e que fazia parte da minha receita.

— Desculpem-me intervir na vossa conversa, eu sei que não deveria,. Mas Stella é notável que você, e Isaac, são anjos

apaixonados. — Falou novamente Marta, quando colocava o copo de sumo na banca.

— Senhora Marta! Isto é serio? — perguntei embasbacada.

Então, Marta aproximou-se mais a mim, levantando os olhos, e segurando-me no ombro e daí ela veio falando:

— Sim. Eu notei, ontem, quando ele vinha todo pálido trazer-te, quando tiveste aquela reação, e também notei na forma que você olha para ele. E com aqueles olhos vermelhos que ele tem, rosto inofensivo, acredito que farão uma boa dupla.

Assenti. Na verdade, fiquei alegre com aquelas palavras. Fui pegando o copo do sumo, e dei um gole.

— Obrigada senhora, mas só há um poblema. — Falei. — O que papai vai dizer quando descobrir. Na verdade, este é um dos meus medos que eu venha a seguir o que ele determinar, eu sou quase uma subordinada cumpro tudo o que ele fala, e se ele dizer que não estou na idade certa?

Senhora Marta, levou sua mão ao meu ombro, e num tom bem suave, baixo e motivador simplesmente foi proferindo a frase:

— *Nunca é cedo para amarmos, Stella Lauren.*

10

Quando o raio da paixão é naturalmente convertido em uma faísca de amor, na maior das hipóteses, embora o coração fonte da energia vai espalhando sua carga elétrica nos demais circuitos que ligam as veias ao todo do corpo, nosso medo é que talvez venha um estorvo, ou alguém que tente eliminar esta energia, ou fazer com que o coração deixa de receber o alento do raio. — Era isto que eu estava sentindo, medo que talvez papai, venha ser o obstáculo para meu novo circo de vida que estive traçando, junto Isaac. E esquecendo um pouco o medo, concluí que o garoto de olhos vermelhos tinha sido um grande presente que a vida me deu mesmo desfrutando uma jornada que não se sabe quais serão os momentos maíos crucias do jogo.



— Pois teu reino o poder e gloria para sempre, amém. — Terminamos de orar em coro. Pela manhã de sexta-feira, lá no clube, havíamos recebidos um informe, que Afonso talvez n]ao passasse deste espeço de tempo, pois vomitava sangue, e seu pulmão parecia não estar mais recebendo oxigênio, nem mesmo em extrema entubações de oxigênio que implantaram nele, sua família havia perdido a esperança, mesmo tal senhor Afonso perdera, que havia mandado uma carta de despedida, mas que ainda ninguém abrira, pois mesmo eles estando com as suas luzes verdes apagadas, nós cá da mesma jornada, estávamos ainda com a esperança de que o senhor Afonso poderia aparecer, lá, mesmo que não seja de imediato, ainda que seja na véspera do próximo mês ou ano. Mas aqui estamos nós sentados na mesma posição de sempre, com rostos pálidos, mesmo com esperança percebia-se que principalmente o pessoal da sua faixa

heteria, senhor William e outro idoso cujo nome me havia esquecido, sentiam o medo de perder seu companheiro e grande amigos. Em silêncio como estávamos, pós a oração, somente vinha o som de um telefone chamando. Era do senhor William que tirava do bolso de seu casaco.

— Aló! — Atendeu.

Não, saia mais nenhuma palavra da boca do senhor William, seus lábios, estremeceram, um calafrio marcou seu rosto, o que fez com que todo grupo se comovesse, e não precisamos mais de uma palavra para perceber — Então lá estava, a casa havia caído, seu câncer por fim decidiu tirar-lhe mesmo a vida, infelizmente Afonso, não fazia, mas parte do mundo dos vivos. Sr. William, desligara o telefone, seus olhos se enxeram de poças de lágrimas, não só para ele, para todos os membros do clube, enxaguados de lágrimas tomava aquele lugar.



Foram assim se passando dias, e o seu funeral havia se passado. Realmente a partida do senhor Afonso para outro mundo, havia causado tanta angustia no grupo, que nem tempo para escolhermos outro líder tínhamos. Assim resolvemos deixar que as coisas se acalmassem mais um pouquinho, que os corações se conformassem com a nova realidade, até decidirmos se continuaríamos com o grupo ou então ele evaporasse. — Talvez esta não venha a ser uma boa possibilidade porque Afonso deixou sua marca, foi ele quem teve a iniciativa, de encher o coração de pessoas que vivem do câncer ou enfermidades terminais, com esperança de que poderão chegar a Jesus, pois quando se está nesta jornada a maior das hipóteses, é a pessoa desistir do seu Criador. E acredito eu que ele também gostaria.

No parque da séria revelação, estivemos nós, Isaac, Verónica e eu, sentados, em uma mesa que era feita de tronco de árvore, cadeiras também feitas do mesmo tronco e que pela visualidade eram extremamente lindas, com desenhos incríveis de culturas africanas.

— Vocês acham que ele sentiu dor? — Isaac perguntou.

— Eu acho. — Comentei. — Que triste ele morreu.

— Agora que os outros velhotes desejam sumir, o que faremos com o grupo? — Verónica perguntou.

— Talvez um de nós torne-se um novo líder. — Opinou Isaac. Quando mastigava seu *x-búrquer*. — Se quisermos manter a marca de Afonso.

— Isaac tens razão. — Verónica concordou, quando apoiava o seu copo a descartável de sumo na mesa. — Em breve viajo então é provável que eu possa simplesmente volta na véspera de carnaval. Então... vocês, mais os outros deverão acatar as responsabilidades de ser um líder.

— Não é tão mal assim ser dirigente. — Comentei. — Senhor Afonso era um bom, e dava para ver a felicidade dele a quando nós entrávamos naquela sala, todos cheios de esperança.

Verónica sorriu, olhando-me. quando Isaac, estava mirando fixamente, não para mim, mas no que havia de trás de mim foi então que me virei. Surpreendi-me, um conjunto de jovens, crianças e adultos dos dois gêneros masculinos e femininos, olhavam discriminadamente Isaac, e pela leitura que eu tinha feito neles, concluí logo, que aqueles olhares frios estavam contestando os olhos de Isaac.

— O que foi, por que olham assim para nós? — Sobressaltada perguntou Verónica.

— É. — insistiu Isaac. — O que foi?

— *É mesmo, ele é um vampiro.* — Murmuravam o conjunto de jovens e adolescentes. — *Eles são reias, então por que ele está com estas moças?*

— *Só devem ser dá mesma espécie.* — disse uma voz feminina.

— Saíam, ninguém vos quiere aqui. — Protestavam eles, todos em coro fazendo ruído.

O barulho era intenso, e nesse caso lá vinha um vendedor, da roulotte que lá ficava, um *jovem-adulto* gordão, vestido de jeans uma bata de cozinha, um boné verde, nos pezunhos um ténis da *all-star** da mesma cor do boné só que estes exibiam-se já degastados, do tipo queimado ao sol.

— Estão fazendo muito barulho, o que foi? — perguntou ele. Aos protestantes.

— Nós não vamos comprar num local que é laser de vampiros. — respondeu uma voz masculina vinda de trás do agregado.

— Hum. Vampiros onde? — o senhor gorducho disse amedrontado, e olhando embaraçado em todos os cantos de seu espaçamento.

Já não aguentava mais permanecer no silêncio enquanto, eramos discriminados então fui intervindo, levantando da cadeira.

— Não há senhores das trevas aqui. — falei. — tudo isto é ilucinação vossa.

— Você... — o gordão disse, apontando o dedo para o Isaac. — saia da minha roulott ou chamo a policia.

— olha ó senhor. — levantei voz. — nós somos uma garota com câncer e leucemia, uma garota que foi destemperada de pneumonia, e um garoto que não deixa de ser normal por ser discriminado por ter olhos identicos ao de um vampiro, estamos aqui tentando ter uma vida normal com as diferenças que estamos vivendo, nesta jornada.

Os protestantes se calaram, parese que, tinham se comovido com o meu discurso. O funcionário da roulotte parece que bnão se tinha conformado, ele permanecia agitado.

— ei, ó garota, sei lá quem és, não vos quero mais ver aqui neste lugar, eu sou o chefe e decido quem fica aqui. — disse, depois olhou para os causadores do problema, voltou para nós e disse: — eu não estou ligando se eles acreditaram ou não na vossa história eu só quero pirem-se daqui.

— Pessoal vamos. — Isaac disse.

Fiz que sim com a cabeça. Mas antes queria dizer algo ao senhor de gorducho, algo que talvez o comoveria. Eperei que Isaac e Verónica se levantassem e vissem mais proximo de mim, e quando ele se aproximaram. Fui falando:

— É. Nós vamos! mas eu gostaria que entendessem alguma coisa, nós não somos iguais, cada um nasceu diferente, seja de um simples tom de voz até a uma simples forma de olhar. A discriminação é um câncer, um síndrome que pode acabar com a humanidade, ela é atraente, te faz ver superioridade onde há igualdade, orgulho onde você poderia merecer uma ajuda. a discriminação não é um câncer hereditário, ou uma enfermidade que surpreende nosso corpo, a discriminação não escolhe o corpo onde coabitar mas a pessoa é que escolhe coabitar com este síndrome. E a pergunta é quando vocês, o senhor vai tirar a venda que não o permite encher luz num mundo cheio de luz? Talvez quandoo nosso Estado aprovar como crime este que é um abuso contra os direitos humanos, pois o mundo teme mais quando envolve autoridades judicias. E aí vocês entenderão que ninguém tem a ousadia de discriminar, a ousadia de abusar os direitos humanos. Pra terminar eu realmente sinto pena de todos que praticam este acto, sinto pena quando vejo um animal sentir-se superior ao outro, pois é isto que somos animais com ilusão de ver que só é vivo aquele que se sente na superiorida, eu tenho mês tanta pena.

Quando terminei, respirei fundo, pois nunca tinha falado tanto num só discurso quanto hoje. E foi assim que segurei no meu smartphone que estava na mesa, olhei para Isaac que estava surpreso, e então fomos saindo, a medida que alguns dos causadores

do problema no meiado de todos, batiam palmas, talvez tinham reconhecido e se revendo.

— Eu não quero perder crientes, então retirem-se. — insistiu o gordão, e zangado.



— Você mandou bem Stella. — Disse Verónica.

— Realmente eu deveria dar um credito pelas suas belas palavras. — Comentou Isaac.

E eu simplesmente sorria enquanto íamos caminhando até ao estacionamento do parque que ficava alguns metros da estrada de entrada do Parque, algo familiar começou a se manifestar, o clima parecia estar a ficar mais frio e os meus olhos parecia a voltar a estar turvos como da ultima vez que tinha caído bem na frente do nosso apartamento, o ar das minhas fossas nasais, começaram a perecer, e quando a tontura começou a surgir, segurei de imediato a Verónica que estava mais próxima de mim.

— Stella, o que se passa? — perguntou pálida, e foi então que senti que Isaac tinha chegado de imediato.

— De novo não, ande Verónica abra o carro. Isaac disse me segurando, e dando alguma coisa do tipo chave para a Verónica, eu não enxergava bem. Só sentia que Verónica me havia largado e estava correndo Não sei para onde. — temos de a levar imediatamente para casa. Stella, por favor não vá.

Foram as ultimas palavras que ouvi. E de repente tudo ficou preto.



Luz, ar, e coração batendo, bombeando sua gasolina vermelhas nos variados tipos de vasos sanguíneos, permitindo a ativação do movimento corporal, voltaram a estar vivo, quando, entretanto, eu

simplesmente ia abrindo os olhos que nem um andamento de uma tartaruga, mesmo sobre pressão, de um caçador. A visualização melhorava a cada espaço de tempo que passava, desta vez papai estava presente, ele, Verónica e senhora Marta, estavam todos em pé quando eu estive deitada na minha cama. então quando já me sentia capaz de proferir palavras tomei a escolha:

— Hum. Papai? O que... já sei eu tive mais uma recaída.

Papai decidiu aproximar-se e veio sentar bem ao meu lado, segurou minhas duas mãos e as beijou, ele todo pálido, aflito e diferente de sua temperatura normal.

— Estou morrendo não? — olhando pro rosto do papai.

— Não, não filha. — disse papai olhado para senhora Marta que estava bem na sua trás, quando voltou para mim continuou: — você, simplesmente teve uma perda de ar algo que se vai superar com os medicamentos.

— Senhora Marta. — disse eu a olhando. — Seja sincera eu vou ficar bem.

— Por isto é que fui contratada para saber de todas as suas situações. — disse. — Mas se as coisas continuarem... é provável que passaremos um bom tempo deitada numa cama de hospital com tratamentos mais ásperos.

Assenti.

— Isaac, eu me lembro que você... — Falei olhando para Verónica e continuei: — ele segurou-me e... por que ele não está cá.

— Isaac, — papai exclamou, quando Verónica tentava falar. — eu o mandei ir embora, ele não merece ficar aqui.

Eu não queria mais naquele momento minhas células nervosas, parece que tinham provado de um molho cheio de gindungo.

— Por que o senhor, fez isto? o senhor não deveria...

— E por que te importas tanto com a quele moleque.

— Eu o amo. — respondi de imediato antes mesmo que papai, fechasse sua boca.

Papai, não irava-se comigo, ele era um tipo de pai que talvez muitos garotos gostariam de tê-lo com progenitor, mas ele era cheio de regra, e era bastante sensível, e com sua calma, simplesmente levou suas palmas da mão na minha cabeça, era — Filha, esquece aquele garoto, você ainda é adolescente e tem muito tempo para isto.

— Não. Não eu não vou esquece-lo. — falei. — dizes isto por ele ter olhos diferente, ou há um outro motivo?

— Minha filha entenda, você ainda não tem...

— Esta bem papai, eu ainda não tenho ,18 anos. — os autores do livro namoro blindando; eles escrevem que idade certa para namorar não existe; só basta estarmos preparados; espiritual; emocional; e psicologicamente.

— Filha, você tem de esperar por favor me ente...

— Mas como eu posso esperar! — cortei-o. — o senhor sabe que tempo é coisa que provavelmente a vida pouco me deu, então eu não posso esperar entrar na porta dos 18 anos quando o tempo a abrir e o senhor sabe que eu estou morrendo, então simplesmente eu não quero passar deste espaço de tempo, sem ter uma vida com alguém.

— Filha pessoalmente não falarei mais sobre isto. — Não baixou a guarda mesmo com o que eu lhe disse. — eu sou seu pai e sei o que é melhor para ti.

— Se é o caso, gostaria simplesmente de ficar com Verónica. — Comentei triste. — Por favor educadamente peço para o senhor sair do meu quarto.

— Querida você terá o momento certo.

— Quando? — comentei. — Quando eu estiver numa tumba decorada das mais variadas flores não? Por favor senhor não o quero ver mais no meu quarto.

Na verdade eu já estava suspeitando que ele poderia dizer isto, que sou menor de idade, e que ainda não poderia namorar, e talvez ele tivesse razão, mas a questão é que, vai chegar um dia que talvez não vivamos para contar história, dar um abraço, as pessoas que amamos ou para dar um ultimo adeus.

11

— Vê, — falei apertando as mãos com tanta força. — só me dá vontade bater em algo, ou partir qualquer coisa, porque estou cheia de raiva.

— Ele é seu pai. — Disse quando sentava na cadeira da banca. — Olha não sou contra, mas e agora como...encararás isto? Talvez ele teme que você se envolva sexualmente com ou para resumir ele tem medo que você fique grávida nesta idade.

Uma das teorias sem sentido, o facto de muitos pais por serem protetores excessivamente, chegarem a pensar que, namorar é simplesmente uma questão de se envolver sexualmente, e que o primeiro resultado vindo deste relacionamento, é a gestação, — dá-se assimilação porque atualmente, gravidez na fase da adolescência vem a tornar-se uma distribuição pandémica em sociedades diversas. Não se descarta também o facto de muitos adolescente ou jovem-adolescente!, pensarem que namorar é meramente uma questão de relação sexual, ou se encher de uma rima emparelhada de beijos, quando deveriam pensar que, ter um companheiro ou companheira, vai além de tudo isto, que moderadamente, namorar é estar junto a quem nos faz sentir bem, a quem nos torna uma pessoa diferente, é ter alguém para partilhar momentos, sejam eles bons ou ruins, é contar uma piada, uma história, que namorar, nunca foi simplesmente um facto de ter relacionamento sexual, pois quem ama, quer cultivar um bom convívio para um futuro mais doce quando estiverem casados. — Pensar na veracidade de papai ser um desmedido protetor, não asserenava meus nervos.

— Não sei. Ele deveria muito bem saber que namoro não é meramente uma questão de sexo... e bhummm, aparecer confinada nove meses de barriga cheia. — comentei. — Mas isto não vai acautelar minha raiva, porque ela não era provocada simplesmente por papai, primeiro o senhor gorducho no parque, e agora papai com medo de que eu me engarvide. — Disse quando apoiava minha costa no suporte da cabecira, enquanto Verónica balançava-se de um lado ao outro com a cadeira, e ela perguntou:

— O que faremos?

— Talvez uma retaliação para o senhor gorducho, me acalmaria. — comentei massacrando o travesseiro. — Você tem ali uma nota de 1000 kzs?

— Pra que?

— Vamos até o senhor gorducho muito cedo amanhã.

— Andas esquecida que amanhã seu pai é sábado? — disse, ela, e a entendi perfeitamente que ela referia-se no papai, que provavelmente depois da cena de hoje não me dixeria sair.

— Não estou ligando. Para ele, alias, teoricamente já estou na 1.8 da minha vida.

Verónica não acreditava em mim. Que simplesmente sussurrou:

— Ok senhora S . L



21:45, quando eu simplesmente escrevia, sem parar no meu diário, ideia que me vinham em mente, ideias que nem mesmo eu acreditava que era eu mesma escrevendo, numa noite de meia lua, com estrelas lindas, e eu sentada bem na frente da janela com vidro e cortina aberta, pensei eu que talvez contemplando as estrelas e escrevendo ao grau que elas permitiam que eu as visualizasse, meu telefone vibrava. Quando segurei, era Isaac.

— Oi Stella. — disse quando atendi. — Falei com Verónica você está melhor?

Respirei fundo.

— Minhas células nervosas ainda continuam ardendo.

— Se acalma Stella. Não é para tanto estar tão alterada pelo se pai.

— Não é simplesmente pelo papai. — Justifiquei. — Acho eu que são os efeitos da discriminação que levamos, parece que meu estado psicológico no momento que eu estive... sei lá onde a leucemia me levou causou um colapso.

Houve um suspiro por parte de Isaac.

— Stella Laureen, escuta aqui. — disse. — Você já tentou tomar um chá, ou... tipo sei lá algum tipo de acalmante?

— O gordão amanhã nos paga...

— Então me conta qual é seu plano... o que deseja fazer amanhã cedo no quarteirão do senhor Alison, pois é assim que ele se chama.

— Está mais para senhor gordão, que Alison... alias o nome não combina com o tamanho da coisa.

— Eu não acredito. — Isaac cantarolou, — parece que houve uma fórmula química, de bandos de jovens-adolescentes *discriminadores + senhor Alison*, juntos, resultando numa *Stella não aprovada química nem cientificamente, pelos melhores estudiosos do plante*.

Não quis ouvi-lo.

— Então me diz se vai participar dela ou não?

Assentiu. — Se for para ver, no que vai dar esta reação química...estou dentro.

— Então amanhã é o dia.

— É... é o dia

Desliguei o telefone.



Levantei-me ao som do despertador que eu tinha programado para 5:25 da manhã, tomei banho, vesti-me de uma toca, jeans, uma camisa pesada de cor verde mangas cumpridas, depois fui ao quarto de banho frente ao espelho do lavatório, fiquei escovando o dente. Depois segurei na minha chave que eu tinha da porta, segurei também na chave do carro de papai, que ficava no vaso de flores da mesa de jantar, e fui até ao estacionamento. Lá segurei no meu telefone, liguei para Verónica, bem agasalhada, não fez 5 minutos e ela já ao meu encontro estava. Verónica havia feito carta de condução quando tinha os seus 16 anos de idade então como eu ainda não sabia dirigir, ela teria de servir d motorista hoje. — E para variar papai, não precisava saber do que estava acontecendo, provavelmente ele quando ele ir abrir a porta do meu quarto não me encontrará.

Então fomos. Expliquei-a antes que tínhamos de passar ao super mercado nosso-super, e enquanto ela estava dirigindo, segurei na lista de compras que eu tinha projetado, para realizar minha vingança ao senhor Alison gordão, desdobrei o papel e comecei a leitura para que ela soubesse:

Duas cestas de ovos

Um quilo de farinha

E 6 saquinhos.

— O que faremos? — Perguntou. Quando entrava no estacionamento do Super mercado *nosso-super*

Desci do carro, com ela me esperando no estacionamento, não fiz mais de 8 minutos, e já coutava com uma sacola com todos os requisitos necessários. Então quando íamos a caminho do Parque,

fui explicando para ela sobre todo o plano. E ela entendeu perfeitamente, e por mais que ela achava aquilo uma loucura, não tinha mais como remigrar, pois, estávamos mais próximo a realizar a vingança, ultrapassando o rio Kuquema.

— Isaac. concordou, ele vai aparecer? — Perguntou Verónica.

— Aposto que ele já lá está.

— e seu pai? Ele sabe disto?

— Não há razões para se preocupa, ele simplesmente vai entender que minha raiva por ele permanece ainda firme. — Comentei, quando ela entrava já na esquina do estacionamento do parque. — Talvez isto lhe faça mudar de ideia.

— S.L... — disse. — você está diferentemente da Stella que eu conheci até antes do dia de ontem.

— São ventos que estão de passagem. — disse, tranquilamente. — Você verá que brevemente a Stella Lauren da primeira mão revertida. Você vai adorar depois do dia de hoje, só tenha calma que não perderei meu fio.

— Espero. — Murmurou, parando o carro, bem ao lado ao de Isaac.



Descendo do carro, Isaac, estava apoiado ao seu veículo, então eu ia com a sacola, até ele, dei-lhe um beijinho.

— Então pronto.

— É. —confirmou ele.

— Agora vamos a roulotte. — Falei.

E então dei alguns passos para frente, parando de frente do portão de entrada, fiquei contemplando as varias e enormes árvores de calípicos, que gemiam a força do vento. Quando sentia que Isaac e Verónica simplesmente olhavam-me, não os via mas os ouvia

perfeitamente, alias o vento produzido pelas arvores me estava facilitando:

— *Você tem que aconselhar a sua namorada.*

— *Eu estou surpreso. Alias estou com medo no que isto pode resultar.*

Me virei, e Isaac e Verónica pararam de cochichar.

— Eu estou vos ouvindo. — Comentei. — Eu estou bem. Vocês... efetivamente querem deixar o senhor gorducho impune?

Ambos trocaram olhares, e simplesmente deram seus passos colocaram-me no meio.

— E então... — Isaac disse.

— Ovos, farinha, distribuída em diferentes saquinhos...pra resumir... só nos falta terminar o serviço. — Falei.



Quando, porém, caminhávamos pelo corredor das arvores, em silêncio, simplesmente, ouvia-se o som dos pássaros, a corrente do rio Kuquema fluindo suavemente, o som das folhas vibrando a força do vento, e de repente uma voz roca vinha de trás de nós:

— O que duas garotas, um moleque... — antes de terminar a frase nos viramos, era um senhor quase idoso, vestido de um macacão, verde jeans, barba branca em seu queixo, e sapatos pretos meio que acabados, ele parecia-se com um jardineiro, e continuamos a ouvi-lo: — fazem a esta hora, 6 da manhã, no parque para onde vão?

— É senhor sabemos pois..., mas o assunto é que minhas companheiras aqui. — Isaac disse, apontando para nós. — Só estão levando esta sacola, como o senhor vê para um dos comerciantes.

— Vocês realmente não sabem que a esta altura, ninguém abriu seus estabelecimentos? Não posso deixa-los continuar. — disse o senhor.

— Por favor voltem.

Tínhamos perdido quase que cinco por cento da missão sair bem-sucedida sem deixar nenhum rasto de suspeita, dos cem que tínhamos, e a cada tempo que passasse, aproximadamente 10 dos noventa e cinco porcentos estavam caindo, e talvez trinta, por Isaac e Verónica acharem-me louca, e que simplesmente não se poderia fazer nada. E foi então que Verónica deu uns passos ficando mais próximo de do senhor, e disse:

— Senhor, nós cursámos na verdade sensivelmente 900 metros de rodovia, para chegar aqui...com o objetivo de garantir que um dos lojistas, que por sinal, cometeu uma injustiça contra duas garotas inofensiva, uma de câncer, outra que também não é tão normal, e num garoto de olhos vermelhos que felizmente a natureza não lhe deu força para revidar aos insultos. Então se o senhor tem o consentimento da dor causada, quando somos injustamente discriminados, deixar-nos-ia simplesmente passar, e garanti que ninguém esteve cá. Ou que apenas não viu ninguém vindo muito cedo para qui.

O senhor jardineiro, ou guarda do parque simplesmente assentiu, acenou com a cabeça sinal que sim podem continuar, meramente nós continuamos, logo, concluí que a missão ainda tinha noventa e cinco por cento de sair bem-sucedida. Na verdade, também, fiquei com a garganta seca, Verónica realmente me surpreendeu. Parece que nós fazíamos um belo trio.



— Então, lá está a roulotte. Do gordão. — Verónica disse quando, encaravamos, a roulotte, e averiguando se havia alguém ao redor do parque, olhamos por todos os compartimentos, simplesmente era som do vento, folhas vibrando, e um caldal de rio a uns oitenta metro de distância do outro lado.

— Que comece o jogo. — falei jogando um ovo bem na roulotte. Dei um sorriso assim que rebentou, as gemas do ovo ecorrendo para baixo.

Isaac, olhou-me. e disse: — então está. — Quando baixava para tirar um ovo, segurou-se no peito. — ai.

— Você está bem? — perguntei quando Verónica baixava.

— Não foi nada. — afirmou. — . Já se jogou a primeira pedra, porem vamos terminar.

— É. — Verónica, concordou jogando o ovó.

Foi então que começamos a tirar dos ovos que estavam, na sacola, fixa no chão a uns trintas centímetros, da nossa frente. E a medida que iamos jogando os saquinhos de farinha, junto ovos, comecei a me sentir num estado normal, a raiva estava baixando. E a lata toda da frente, estava toda suja inves de azul clara brilhante, estava mais para branca noduas amarelas, parecendo fezes de um fedelho, borrando toda a sua descartavel. Todas as peças, haviam acabado, e missão concluida. E para ele ter no minimo uma ideia do porque da cena. Segurei no saco, cobri minha mão direita, cheguei a chaparia, e escrevi com tadas letras maiusculas a frase: **VAMPIROS NÃO EXISTEM.**

— Stella vamos! — chamou-me Isaac. quando escrevia as letras: **S T**, — despacha-te.

Terminei a frase com as letras **E M**, e fui me virando para eles.

— Vamos.

No estacionamento, estavamos de despedida, quando Verónica já estava dentro do carro, então antes de eu ir ao seu encontro, ficamos por nos beijar eu o meu garoto de olhos vermelhos, quando enfim nossos lábios colidirão e nos beijamos por um bom tempo. Terminando, dei a volta, em direção ao carro, olhei para o meu telefone estava já marcada 6:47, seis, da aurora do sol estar mais linda, seis da manhã do sol ser mais romantico. Entretanto, Verónica já tinha ligado o motor, que quando botei meu pé e o resto do corpo nele ela pus-se a dirigir. Na medida que curvava para a avenida, entrava estava entrando um outro carro.

— Satisfeita! — exclamou Verónica. — Senhora S.L?

Assenti. — não há mais para se preocupar já voltei a ser a mesma. Ela simplesmente acenou que sim com a cabeça. E centrou-se novamente na rodovia.



Alison gorducho, havia palntado uma camâra de vigilância num dos lados de sua roullote, toda nossa fita jogando ovos e saquinhos de farinha, parou na mão da policia cívil, o senhor gorducho queria que nós pagassemos uma multa, a cena entre nós e ele parece que estava a tornar-se um *jogo de punidades*, quando contamos toda a história à policia, o caso ficou encerrado, eles disseram que não haveria razões, para manter activo o caso, mas o pagamento da multa, não tinha sido descartada, por ilegalmente invadir a privacidade do logista, papai havia pagado, e nós o trio, queriamos que o mesmo acontecesse, que Alison Grducho, mas infelizmente eles não puderam, simplesmente que não convencer Alison, a acreditar que não existiam mesmo vamppiros, que tudo era ilucinações de varios filmes terror que ele, havia assisitido exageradamente. Felizmente niguém do trio, havia sido punido. — e nossas diferenças com o logista foram resolvidas, já podiamos voltar para lá sem discriminação, até chegamos a começar uma relação sudavel.

Mas cá, ainda, continuava zangada com papai, por ele ainda insistir durante este percuro, que minha relação teria de acabar, eu disse para ele, para não se preocupar, que eu não ficaria grávida, mas ele protetor de mais insistia tremendo.

Na manhã de segunda-feira, dia de chuva, frio, segundo o INADC, vivenciávamos uma temperatura de 8°C, o que na minha visão não parecia real, pois o clima estava mesmo dar na pele, que eu ficava agasalhada de um cobertor muito pesado feito para calor, desfrutando de uma leitura em **O OLHO E O CORAÇÃO III**, soneto do meu

autor favorito, este poema foi escrito em três versões, já tinha lido a as duas primeiras, e decidi conclui com o terceiro:

*Olho e coração fizeram um elo genial
De um para com o outro em associação,
Quando meu olho precisa de um visual
Ou o coração se detem por uma emoção,*

*Meu olho comemora uma imagem de amor
E propõe ao coração para se festejar,
E o olho é convidado como expectador
Se pensamentos do coração irão falar;*

*Um ou outro, meu amor ou tua pintura,
Estarão comigo mesmo estando ausente,
Meus pensamentos têm tal envergadura*

*Que te trarão comigo permanentemente,
Se dormem, tua imagem em minha visão
Acorda o coração e ambos têm afeição.*

Me enquadrei no poema, os olhos, me fizeram pensar que fosse uma metáfora ao de Isaac, e o coração dele que também era rico de mais de afecto amoroso.

— Então Stela, o que estas fazendo? — Senhora Marta, perguntou quando estava entrando no quarto. Ela que estava agasalhada, de um casaco preto.

Antes de a responder, virei-me respirando fundo e então a respondi:

— Ham! Senhora Marta estou lendo Shakespeare.

Quando ela se aproximava, apoiei o livro na cabeceira, e fiquei sentada, ainda resguardada do cobertor

— Ele é bom escritor é ele... — Argumentou cantarolando. — E...como te estas a sentir? — interrogou sentando na cama. — Bem... — afirmei.

— Stella. Você não acha que deverias se resolver com seu pai? Ele ama-te muito, eu sei que você está verdadeiramente apaixonada por Isaac, mas ele é seu pai.

— Sei que ele é meu pai, tem toda autoridade para mandar em mim.
— Comentei. — Ele é muito protetor, está com o pensamento de que eu possa engravidar-me nesta relação...já tivemos uma conversa, expliquei-o que, teria cautela, que namorar não é simplesmente uma questão de sexo. Mas ele não quis me ouvir, então...simplesmente estamos assim.

— Já vi, que você não vai mesmo, ceder não. — Assenti. — Vosso amor é recíproco, e você de qualquer jeito vai fazer qualquer coisa para seu não estrague este amor. — Assenti outra vez.

Conversamos, por mais longo tempo, ela disse que me ajudaria a convencer papai, a mudar de ideia e não se impor as minhas questões afetivas, e combinamos ainda que teríamos na terça-feira, começar com a quimioterapia. Explicou-me sobre a divergência dos sintomas de leucemia, argumentando que havia sintomas de redução de glóbulos vermelhos, no caso de fadiga, respiração encurtada, falou de sintomas de redução das plaquetas, estes que por sinal ainda eu não tinha apresentado. Que estive ainda na fase da redução dos dois glóbulos.

12

As nuvens, não paravam de borrifar o dia, deixando ruas lotadas de águas, escorrendo para as esgotaduras e fossos, ruas desertas, uma pessoa em cada dez minutos, passava pela rua, alguns carros passavam com uma alta velocidade, e as águas se abriam, apesar de curta medida, parecendo Moisés repartindo as águas, na ápice que levava seu povo a terra prometida. — Eu gostava da chuva, alias vendo a quietude das ruas, sentindo o cheiro da terra molhada, fazia-me lembrar das épocas em que eu e Verónica, tínhamos apenas 7 anos de idade brincando nela, correndo por de trás dos nossos barcos de papais, que vazavam sobre as águas a falda da rodovia, agasalhadas daqueles casacos azuis de napas, e grandes, que não deveriam ser para uma criança, lá na rua Miguel Bombarda, onde na altura residíamos. Botei um sorriso nos lábios, a quando observava tudo pela janela, e aquelas imagens habitando comigo naquela hora, lá no quarto olhando pela janela. Deu-me graça quando um jovem tropeçou, e caiu no fosso, ficando todo embebido, não era para rir, mas foi cómico como ele fazia momices, ele todo irritado como se alguém o lançasse para lá.

— *Aí que doideira!* — Murmurei.

Na mesa eu, o meu pai e a senhora Marta, estávamos jantando, arroz acompanhado de feijão preto mais frango assado. Vivíamos com a regra que enquanto se estiver a mesa estávamos a mesa nada de telemóvel, mas eu quebrava a regra, pois estava se passando um dia sem que eu visse Isaac, sem trocarmos uma mensagem, ou uma

chamada, enquanto meu pai e senhora Marta, estavam em uma conversa, eu digitava uma mensagem endereçada para Isaac. Eu os ouvia, mas não percebia do que eles estavam falando. Não tardou, e a luz de meu telefone acendia ao tempo que vibrava, era Isaac que estava me ligando. Então, dei um empurrão no meu prato, e os pedi licença. O assunto que eles iam conversando, parece que era muito intrigante, que simplesmente assentiram se me interrogar que o que tinha comido, era o suficiente. De imediato, cheguei ao no meu quarto, fechei a porta.

— Como vai a garota dos meus olhos? — Isaac, perguntou quando atendi. Ainda encostada na porta.

— Oi. — Falei, sorrindo. — 20 horas sem efeitos da Leucemia... é eu acho que estou bem. Então me conta como foi seu dia, repleto de chuvas?

— Só, fiquei pálido. — Fui sentando a cama. — Melancólico, por sinal todo mal-estar viveu comigo quase o dia todo.

— E por que? Você não tem tipo algum de câncer pra te preocupares.

— Talvez... meu câncer, esteja no coração que dói simplesmente quando meus olhos vermelhos não enxergam Stella Lauren.

Sorri.

— Vai chegar um dia que talvez eles não verão mais Stella Lauren, isto quando minhas células meu pulmão pararem de funcionar.

— Que morrerá sou eu aqui, de uma simples camiseta, encostado no carro, sendo batido injustamente pelo frio da natureza, debaixo da janela, de uma garota do segundo andar, que por sinal é uma diva de estrelas.

— O que você está falando? — Indaguei, perplexa.

— Stella, será que você poderia dar um pulo a janela?

— Janela! — exclamei.

— É.

E então fui, fiz uma pequena diagonal, abrindo a cortina, para minha surpresa! lá estava Isaac, com o telefone tolhido em seu ouvido, e com os seus incríveis olhos vermelhos, encostado no seu carro olhando para a minha janela. De primeira ele não tinha me visto, e então abri mais a cortina, e assim, nossos olhares colidiram, Isaac, botou sorriso sensual nos lábios.

— Isaac, o que você está fazendo aqui a esta hora? — indaguei surpresa. Apenas ele, deu uma olhada pra o chão e quando voltou para mim, novamente com o sorriso sensual ele disse:

— Eu não estava conseguindo, tomei diferentes tipos de calmante, mas a ansiedade em ver você só crescia. E você deve conhecer que a paixão aumenta em função dos obstáculos que lhes impõem.

— Ei você andou lendo meu autor! — cantarolei. — Quem deu-te a ousadia. — outra vez cantarolei, com um sorriso sensual.

— Ser ou não ser eis a questão.

Fiquei embaçada. Pois conhecia muitas frases de Shakespeare, e esta, também era uma delas.

— Espera aí, você veio cá simplesmente para me impressionar com uma gama de frases de Shakespeare, ou...

— Eu amo você. — disse tão suavemente. —

— Hum! Sei...

— Calma ali Stella, — desencostou-se do carro, pálido, como se estivesse vendo um mostro no top do prédio.

— O que foi?

— Não sabia que você sofria de hemofilia,

— Não, eu não sofro, e por que pensas isto.

— Espontaneamente você começou sangrando.

Levei uma mão ao meu nariz, e lá estava estive sangrando, não tinha me apercebido. — Mas a questão não é que eu sofria de hemofilia, a questão é que eram os sintomas da redução das plaquetas, que vinham com facilidade de formar hematomas, e sangramentos anormais que podem ocorrer no nariz ou então nas gengivas, segundo a minha enfermeira.

— Não. É hemofilia são os sintomas da leucemia. — Falei.

E num estreito espaço de tempo, outros sinais começaram a parecer, fadiga, dores de cabeça, tonturas, e meu corpo parecia estar ardendo fogo, não consegui falar, de repente meu telefone caiu, simplesmente ouvia pelo telefone Isaac chamando por mim, mas eu não tinha força, não conseguia nem se quer respirar, nem proferir qualquer palavra, Isaac gritava no telefone, alertando-me para chamar por alguém, papai ou senhora Marta, mas eu não tinha força para isto, e foi então que o vi ele correndo, não sei para onde. Eu fazia esforço para desta vez não me apagar, forçando o fôlego, sentada ao chão aproximada a parede da janela, quando de repente, abriam minha porta, parece que Isaac, tinha tomado a coragem, batendo a porta alertando para meu pai e senhora Marta. A tontura não me permitia enxergar bem, mas, percebi, que havia no quarto três pessoas. A pulsação de uma mulher dando-me os primeiros socorros. E Não tardou e já ouvia a sirene do INEMA. Houve mais uns paramédicos entrando correndo para o quarto. E já não mais conseguia controlar a tontura todos os sintomas de uma só vez, e tudo ficou preto.



Por um momento eu achava que seria meu fim, que minha história cá ao lado de papai, Verónica, senhora Marta e Isaac, simplesmente, e que começaria uma outra história num mundo onde mamãe estava. E de repente meus olhos começaram a abrir, lâmpadas acesas, ouvindo som de máquinas do hospital, corpo pesado, parecendo que eu tinha ficada em coma, e para piorar, já não sentia o meu cabelo. Vestida camisa de barras azuis e brancas, lençol cobrindo meia parte do meu corpo. Uma sala com variados tipos de equipamentos, e

concluí logo que estive internada no hospital. Havia um médico, que segurava um cardápio, olhando pelas maquinas.

— Hum, senhorita Lauren! Você acordou. — disse o Medico lá na sala.

— É. — assenti. — Parece que ainda minha história não está completa.

Perguntei ao medico o porque estive me sentindo tão pesada, e ele explicou-me que estive em coma de dois dias. Entendia agora o motivo da dor, de meus olhos ainda estarem doendo.

— Você quer que eu chame seu familiar? — perguntou o médico.

Dois dias presa não sei em que mundo, o que me daria mais vontade de ver é são as pessoas que amo. então, assenti.

— Admito que..., vê-los, me faria...acreditar que não estou numa ilusão.

O medico percebeu muito bem, o que eu quis dizer. Foi então que ele se retirou da sala.

Papai, chegou junto senhora Marta. Deitada na cama ainda assim, abracei-o bem forte, com lágrimas tombando de meus olhos, papai estava pálido, chorando, e correspondeu ao abraço como se eu tivesse ressurgido dos mortos, como se nunca mais teria me visto, como se eu estivesse perdida em Marte durante 30 anos, na verdade eu também estive me sentindo na mesma condição. No fundo, tudo isso é não passa de um grito: de alegria, como se de tanto a procurar uma coisa difícil de achar, e no final ela diz “Olha eu aqui” E aí o stress fica no declino.



O medico receitara-nos a ficar uma semana lá na UTI. As semanas passaram, com quimioterapia, radiação, medicamentos, modificadas sopas por dia num horário estabelecido, radiação e mais quimioterapia, e para não me sentir só, meus livros, de Shakespeare

e Mário Cortella, minha amiga Verónica, flores que eram mandadas pelo Isaac, — por mais que fosse lá na UTI, não foi assim tão mal. Apesar da nova realidade sem cabelo, me sentia alguma mudança em mim, parece que os tratamentos surtiram realmente muitos efeitos. E finalmente o dia da alta chegou, e papai, estava levando-nos para casa, eu e senhora Marta mais Verónica. Quando olhei para o relógio do meu telemóvel, estava marcada 9:34 da manhã. Papai estacionava o carro, bem na frente da casa. Senhora Marta, desceu, foi até o camarote, e foi tirando algumas das coisas que havíamos levado no hospital. Da janela do carro, via o Isaac, parece que ele estava lá a tempo esperando pela nossa vinda, ele segurava um marso de flores laranjas e rosas, levantando de um degrau. Botei um sorriso nos lábios, então fui descendo, quando senhora Marta passava por ele, o cumprimentou, ele respondeu sorrindo.

— É. Sério...! — exclamei sorrindo, e poeticamente acrescentei: — Eu nunca sonhei ter uma flore-cultura.

— Acredite, tive que ir ao fundo das cidades para achar, achei que fossem as melhores..., mas não é o caso acabei por estar presenciando aquela que já mais será achada em todas as flores-culturas do universo. — Falou versejando.

Balancei a cabeça. — Não mereço um forte abraço?

E então ele veio. E deu-me um abraço intenso e mais romântico do que antes. Ainda abraçados, vi senhora Marta, indo ao camarote novamente. Então, ficamos nos beijando.

— Vocês terão tempo para o vosso romance. — Era a voz de Verónica. E paramos, Isaac deu-me as flores, e fitamos nossos olhos nela. — Fala sério... você esqueceu que seu papai está cá e que ele ainda não aceitou Isaac como seu...

Antes dela terminar, papai estava junto senhora Marta, maneando, alguns materiais hospitalares, eles conversavam não sei do quê, — Papai, resolveu comprar alguns equipamentos para socorro, de futuros novos efeitos.

Assentimos, e sorrimos simplesmente.

— Que tal umas voltas amanhã? — perguntou Isaac. — Stella hoje em de descansar, então poderíamos ir amanhã lá no senhor Alison, e comeremos uns X-burgues, sanduiche, Champanha sem álcool, em comemoração do regresso da Stella Lauren?

— Eu gostaria mais... estarei agendada amanhã. — Comentou.

— Serio!

Assentiu. — Seria mais romântico se vocês estivessem a sós.

— Ok. — Falei.



Papai, mandou Isaac, ir embora, o que fez com que minha ira com papai ainda aumentasse, envergonhado e educado ele se foi, mas que estava combinado amanhã nos encontrarmos no parque. Chateada, fui simplesmente para o quarto, junto Verónica, num piscar de olho, papai tinha que quase estragado meu dia, mas fiquei tranquila, porque ainda eu, queria me adaptar por esta nova vida sem cabelo, mudando desde minha foto de perfil do facebook, e então...

13

Preferentemente mais tarde, junto Verónica, fizemos algumas selfies, depois ficamos sentadas na cama visualizando todas as fotos através do meu telemóvel, achando a ideal para mim postar no facebook, quando batiam a porta, e gritei para que entrasse, então lá vinha papai entrando, com o rosto de quem estivesse arrependido, enquanto, Verónica mostrava a foto que poderia eu postar, papai, pediu-me um espaço para falarmos em particular, mas eu não o queria ouvir, no entanto Verónica incentivou-me, assenti, e depois despediu-se dando-me um abraço.

— Tchau. — Falei quando ela ia.

— Adeus senhor Thomas. — Verónica despediu papai. E ele balançou a cabeça fazendo que sim. E então Verónica retirou-se do quarto.

— Querias tanto... este momento, nê, de..., voltares em casa, e...

— Ninguém escolheria viver numa sala da UTI.

— Então como...como te sentes?

Botei um sorriso irónico. 1) não por que eu me sentia mal, ou que achasse aquela pergunta meio tola, sabendo papai, que eu nunca estive perfeitamente bem. 2) porque, justamente no dia que eu poderia abraçar por longos momentos Isaac, pós um estado de coma, vem ele a expulsa-lo como se Isaac, fosse um ladrão ou um marginal. Então não achei outra forma se não dizer a verdade do como eu me sentia se não:

— Espera aí. — exclamei, olhando-o. — O senhor veio simplesmente, cá para perguntar-me sobre meu estado quando o senhor sabe

perfeitamente que... o que o senhor quer na verdade depois de expulsar como se fosse ladrão Isaac. — disse, apoiando minhas mãos a cama, e continuei: — Como o senhor acha que me estou sentindo, foi uma semana sem o ver e depois... pronto ele é obrigado a estar longe de mim porque é visto como um ladrão ou sei lá...

Assentiu. Pelo visto baixou a guarda, cruzou os braços e respirou fundo.

— Meu bem eu estive pensando... — sentou na cama levando sua mão no meu ombro. — Que... talvez estive errado ao agir daquela maneira com aquele garoto, que, fiquei pesaroso.

— Já aconteceu. — Comentei. — O senhor deveria pelo menos parar de ser muito protetor, sei que deve ser difícil quando se tem uma filha... jogando esta temporada.

— Está eu sei querida. E tens razão eu fui protetor demais que... tentei afundar seu lado afectivo...

— Que ainda é cedo para damejar, que vou simplesmente realizar este prazer quando eu completar os meus 18 anos. O que mais tem?

Ele, deu um sorriso nos lábios. — Mas como você é durona em..., mas meu amor, eu pensei sobre isto. e gostaria de saber se ele te faz feliz?

No todo do discurso a pergunta, tocou-me, e senti que aí havia um talvez de uma junção química de senhora Marta, que um discurso, daqueles que a pessoa é capaz de ver seus erros e reconhecê-lo é o que estava acontecendo com ele.

— É, Isaac, me faz bastante feliz. — respondi, e que era verdade absoluta.

— Ele é um garoto corajoso. — Disse o que era verdade. — e eu devia agradecer-lo por... sabes o dia que você foi parar na UTI? Ele batia a porta como se estivesse fugindo de um ataque de extraterrestres, que ele não conseguia respirar, e o que sua fala saia com falhas, mas o percebermos e hoje estas aqui. — Concluiu maciando minha costa

depois respirou fundo e foi falando calmamente: *no entanto se vocês se amam tanto assim, e sentem-se muito feliz estando um com outro... Bem... eu sou seu pai, mas ninguém pode obstruir as pessoas de amarem o que é de bom para elas, o que seu coração e sua alma aceitam, tudo porque achamos que não nos convém, ou por tentarmos ser protetor demais ainda como pais. Então se vocês se amam, vocês se apaixonaram quem pode impedir vocês de estarem juntos!*

— Isto é sério. — Falei pestanejando, olhando-o fixamente nos olhos.

Ele assentiu. E do seu rosto veio um sorriso sincero, e ao mesmo tempo balançando a cabeça. — Para ser sincera esta é uma das coisas mais agradáveis que já ouvi do meu pai nos últimos dias.

— Mas gostaria de marcar uma audiência com ele, talvez amanhã.

— Sem problemas papai. Descobrirás mais sobre ele. — Argumentei. E depois o abracei.



Eu queria dizer que, por um intervalo, minha alegria estava habitando novamente em mim, que quase que não respirava de emoção, pensar que poderíamos por muito tempo estar junto eu e Isaac. Contei para Verónica sobre a cena e ela desejou-me felicidades e que nosso amor dure por longos tempos. Também mereceu saber Isaac, que preso na emoção ficou, mesmo lhe informando que meu pai, queria falar com ele, por um momento sua alegria vacilou, simplesmente ele assentiu, não achando que problema algum teria, em falar com o progenitor de sua garota, que por um momento, ele voltou a chamá-lo de um deus, com *d* minúsculo. No agendamento de comemoração a minha saída da UTI. Não estado marcado ainda um retorno ao grupo, na manhã de quinta-feira, Isaac veio buscar-me quando batiam no tempo 9:04 da manhã, e então fomos até ao parque no lojista Alison gorducho, comemos, bebemos, rimos, e ainda falamos sobre diversas coisas em relação ao nosso futuro e nosso presente. Estava sendo realmente um momento para recordar, um momento que deveria ser repetido por muitos dias mais. Depois fomos à beira do rio, começamos a

jogar pedrinhas sobre a água, fazendo elas saltitando. Beijamo-nos ainda a margem do rio, depois ficamos deitado sobre a relva que ficava a vizinhança do rio, olhado para o céu, que estava maravilhosamente deslumbrante.



Em casa de Isaac, conheci sua mãe, melhor que na verdade era uma senhora bastante legal, que desta vez para além de uma simples Stella Lauren, amiga de seu filho, me tinha como namorada de Isaac, foi legal conhecer senhora Barbara Routers, na verdade é incrível, quando nossos pais começam a aperceberse e conhecer nossos parceiros quanto cedo, o que aconteceu comigo, ela deu-me alguns conselhos que todas as mães deveriam dar, eu acho, em suas filhas. Ainda lançamos, na mesa tivemos momentos cómicos, épicos com senhora Barbara, Isaac, incluindo as duas meninas que as vi no primeiro dia que fui em casa de Isaac. — Admito que estava sendo a melhor aventura de minha vida. Num outro momento, fomos até ao quarto de Isaac, jogamos playstation4, a um jogo que se chamava *WWE SMACK DOWN*, mesmo sendo novata em 4 explicações ainda consegui ganhar dele três rodadas, num jogo que não era terror. Como disse! Estava sendo um dia, um momento em que vale apenas escrever num diário.



Na manhã, de sábado, Isaac tinha chegado em casa, ficou lá conversando com meu papai, na minha ausência, enquanto eu e senhora Marta íamos dando algumas voltas pela cidade, depois fomos ao Kunje em sua casa, conheci sua filha que é incrivelmente linda. Pelas 9 da manhã, na rodovia, quando estávamos nos abeirando de casa, toscava Isaac e papai conversando, pelo visto, estavam a despedir-se, e pelos gestos, a linguagem corporal que eles passavam, levou-me a concluir que sua conversa tinha saído bem. No entanto, senhora Marta estacionava o carro, atrás da viatura de Isaac, quando papai dava algumas palmadas no ombro de Isaac, linguagem dizem *bom rapaz é você garoto*. Era isto que eu entendia

e que pelo panorama era verdade. Devo admitir que levaram muito tempo de conversa, fomos e ainda voltamos e os encontramos juntos deve ter muita coisa no cenário.

— Deve ter sido uma longa entrevista. — Falei, quando Isaac estava caminhando, com intenção de entrar em seu carro e pirar-se. Eu, ainda continuava no carro, falava com a cabeça atravessando a janela, simpaticamente.

Ele assentiu. Botou um sorriso, girando a chave de seu carro por meio do circo onde perdurava ela. Quando eu descia do carro.

— Olá papai. — Falei olhando para ele.

— Oi Meu doce. — Proferiu.

— Isaac, tudo bem? — Perguntou senhora Marta, ao nosso lado.

— Vai tudo na boa! — cantarolou, calmamente.

E então senhora Marta junto papai, foram para dentro e ficamos simplesmente nós,

— então como foi a entrevista? — indaguei, com os olhos fixos no seu.

— Um monte de conselhos e avisos. — Argumentou. — Lá bem no fundo ele é uma opima pessoa. Você sabia que quando disse meu nome completo para ele, sabe o que veio depois?

— Quê?

— Que, foram colegas do ensino médio, contou-me sobre algumas diferenças que eles tinham em questões de argumentos em sala de aula... — parou de falar, fitou seus olhos em mim apaixonadamente.

— O quê, é só isto?

— Stela Laureen, ficaste mais linda ainda, neste estilo.

— Sério! — exclamei, e ele assentiu. — Sabes, é que por um instante eu queria duvidar de você, quando me visses careca, que acharias isto

como um defeito, e como muitos garotos simplesmente, correrias para uma outra garota.

Isaac, segurou minhas mãos, e calmamente foi dizendo:

— Duvida da luz, dos astros, de que o sol tenha calor, duvida até da verdade, mas confia em meu amor. Stella Laureen, “ser ou não ser eis a questão” eu amo-te tanto que não me importaria encarar suas diferenças,

Fiquei perplexa, quem diria que o Isaac estava mesmo lendo tudo sobre Shakespeare, aquele garoto que somente gostava de filmes de terror, pudesse mudar daquele jeito até mesmo citar suas frases, que ele considerava como rabiscos arcaico.

— Uau! — exclamei. — Esta citando o meu autor novamente. Sabes fiquei vazia de palavras, não sei o que dizer...

— Não digas nada, simplesmente, fixa seus olhos aos meus vamos junto imaginar, que estamos em uma montanha russa que só vai para cima, com nós lá se amando intensamente. — Versejou. — Eu... Stella... isto aqui dentro é grande demais do que se pode imaginar.

— Não vai me contar o resto da entrevista?

— Para manter a confidencialidade tal como você e minha incrível mãe, não me contaram... melhor manter entre mim e seu papai, ou melhor o que é para homem é para homem, e para mulher para damas.

Sorri. — Ok. Então o que faremos por hoje?

— Vai me desculpar, mas hoje tenho uma agenda com o oftalmologista é que ontem tive uma enorme dor nos olhos...

— Ok. Boa sorte, tomara que não se tornes num número quatro.

— Tudo ficará bem. — Garantiu. Quando ia para o seu carro. —E simplesmente assenti, e fui para dentro.

14

Uma das questões, importantes que deixaria de fazer sentido, é quando se teve a iniciativa de criar algo que poderia de forma alguma mudar ou fazer bem a uma geração, tornar-se num facto de abandono da coisa, pela simples consciência em pensarmos, quanto o fato da pessoa que teve a ideia de começar a coisa, perecer ou pensou em abandonar o grupo.

Assim, na semana seguinte dia quarta-feira, assinalado para uma nova reunião, no grupo com o objectivos de eleger um novo líder, manter a marca de senhor Afonso viva, e despedida dos dois Idosos, apesar de o dia apresentar um clima chovedio, sol escondido num céu nublado, temperatura parecendo rondar entre 5°C, na sala as lâmpadas estavam acesas, deixando uma luzência mais amarelada quanto o habitual. Neste dia todos tinham se agasalhado, e eu, de um cascol preto girando meu pescoço, uma toca vestindo minha careca, e um casaco branco.

As aparências do tipo não quero ser um responsável, tava na cara de muitos inclusive eu que contemplava a bondade de ser líder, no momento em que nos foi passada a informação que um de nós jovens teria de ser para manter o bom nome de senhor Afonso, eu me vi na condição de que não estive preparada, além disto eu era novata então, por mais que estive preocupada, meus instintos me diziam que eu estive de fora não seria eleita.

— Como sabem meus jovens. Eu e Alfredo estamos para ir de viagem ainda amanhã. — Falava senhor William. — Então sendo hoje nosso ultimo dia, não queremos seguir a nossa viagem sem primeiro, estarmos garantido que o grupo tenha um novo líder...então entre vós caros jovens quem se disponibiliza?

Como previa nenhum de nós levantou as mãos, ninguém, se disponibilizou. Quando senhor Alfredo que agora tinha seu nome, olhava para todos nós, surpreso, então de seu bolso, tirou um envelope.

— Ninguém, nenhum de vocês quer continuar com o projeto de Afonso. — Alfredo disse, e todos nós, assentimos fazendo sobe desce com a cabeça. — William, se for assim eu acho melhor ler a carta, que nosso amigo Afonso deixou se calhar há algo lá.

Senhor William fez que sim com a cabeça, então Alfredo, desdobrou o envelope e começou fazendo a leitura:

Queridos amigos, filhos e membros do grupo, estou escrevendo esta carta, não para expressar meus sentimentos por vocês, sei que vos amo muito, e este afecto é infinito. Se estão lendo esta carta na verdade é porque minhas verosimilhanças estavam certas, eu estou num mundo diferente do vosso. Sei que fui eu quem tive a iniciativa de organizar este pequeno clube, no entanto, gostaria que minha ausência não descrevesse o fim do mesmo, eu peço-lhes meus jovens, que elejam um novo líder, poderia muito bem ser William ou Alfredo, mas eles se vão embora, mas onde vão creio que levarão esta iniciativa, certamente formarão um grupo por onde eles estejam. Por isto deito minha eterna confiança em vocês, e que farão deste pequeno grupo, numa grande família. Adeus e um forte abraço, e que Deus o pai todo poderoso Sê sempre connosco, nos guarde em seus braços por hoje e sempre.

Atenciosamente: Afonso Gaspar

A mensagem foi profunda, se ele disse as palavras que a carta diz, então é porque teríamos de nos rever bem e pensar melhor, pois acredito que onde quer que ele esteja, sentir-se-á feliz vendo seu grupo ainda vivo. Senhor William, bufou o ar acumulado em suas bochechas. Olhou para nós e disse:

— É, depois desta carta, eu creio que vocês já pensaram melhor, então quem será o próximo líder?

Silenciamo-nos, olhando um para o outro.

— Bem. — Isaac quebrou o silêncio. — Eu acho que melhor o senhor escolher. Uma vez que o senhor é idoso tem boa visão... é, creio que faria uma boa escolha.

Por um momento achei que Isaac, discursaria, que estav pronto para líder.

— Têm certeza? Todos vocês concordam com Isaac.

A maioria assentiu menos eu. Que tiveram como resposta “SIM”, em coro.

— Ok. Neste caso, eu escolheria a nossa querida Stela Lauren.

— Eu! — Exclamei perplexa.

Por mais que eu achasse legal ser um líder, não estive disposta para encarar responsabilidade. A escolha realmente me intrigou, então pensei ainda em tentar mudar as coisas.

— Senhor. desculpa-me, mas...eu não acho que não estou pronta para assumir a liderança. 1) porque não vivo ainda na idade da responsabilidade. 2) não sei, mas... talvez eu venha estar mais em coma, e não durar com da ultima vez. 3) porque também sou novata, estou nem a um mês encarando o grupo, então seria melhor que alguém que veio antes de mim liderar.

— Está. E em sua opinião quem você sugeria senhorita Lauren?

Fiquei, por um instante com esperança de fugir da responsabilidade, com a pergunta que o senhor William me pus olhei para a Joana, para o Orlando, olhei por todos os garotos e garotas, e pela cara suas faces ninguém aceitaria. então fui olhando para os outros dois idosos, lembrei que eles estão apenas aqui para satisfazer o pedido de senhor Afonso, porém sem chance, acabei olhando Isaac, e sem hesitar...

— Bem. o Isaac eu acho.

— Não! — Isaac exclamou. — Eu não me encacharia bem.

— Por que Isaac? o que te impede? — Perguntei.

— Tarde ou cedo vão perceber o porque. — Falou num tom baixo, que talvez eu seja a única que a tinha ouvido. E então novamente ele falou balançando a cabeça. — Olha ninguém pode mudar o destino Stella...

Parece que algo bateu em mim que de repente quando ele mencionou destino, e a forma como ele tinha pronunciado, como se fosse um sinal de despedida, por mais que não estava nos meus planos, lembrou-me duma vez quando minha mãe estava acamada tão doente lá na UTI da clínica Raiar da vida, em que eu lhe dei uma nota positiva dizendo que ela ficaria bem, e que câncer não seria apare para ela, e sabe como foi sua resposta! Foi idêntica a de Isaac. Me lembro que primeiro ela sorriu e disse-me o seguinte: *Filha, minha campeã este é o fado no qual nós estamos destinados a viver, ninguém pode alterar isto, você deve aceitar que tarde ou cedo vou partir.* E eu com a minha inocência disse a ela. Mãe não, desta vez não estas certa porque eu acredito que irás viver ainda mais tempo. — E então ela sorriu novamente e disse-me: *filha um dia vais crescer e terás de aceitar o que o destino lhe der, mas nunca ligar muito se ele for ruim, alias se ele for ruim, você vai aprender a lidar com isto, pois daqui eu partirei para uma vida eterna, ao lado de meu senhor Jesus Cristo.* Então parando de imaginar na minha mãe, juntei as ultimas frases pronunciadas por Isaac e concluí que ele me escondera alguma coisa. Deixei para lá nalgum momento saberei, e então fui respondendo:

— Está bom. Eu aceito, mas preciso que deem-me um tempinho para poder convocar a primeira como chefe do grupo, e quando esta dia chegar, eu ligo para todos vocês

Todos assentiram, e então estava para vir a uma nova vaga em minha temporada.



Nunca, parei de pensar nas palavras de Isaac, ligarem-se com as de mamãe, durante a rodovia para, estávamos todos em silêncios, o que

me incomodava não era na veracidade as palavras o padrão de fala convergirem, mas o facto De pensar na possibilidade de ele ter um segredo comprometido com sua saúde, lembrei da semana passada quando ele ia ao oftalmologista, e depois de lá ele simplesmente me disse que tudo estava bem, nesta perspectiva, pensei, na possibilidade de ele mentir para mim e que o medico que ele consultou, o tinha dito que ficaria cego. Ou talvez tivesse uma outra coisa dentro da possibilidade de ele ir ao médico. Nosso destino desta vez não foi para o parque, mas para um refeitório da cidade, antes do parque. O refeitório tinha uma placa com os seus contactos, e seu nome CAFÉ-STAR*, na verdade eu não o nomearia como um refeitório, mas como um restaurante. Tinha um pátio muito lindo com mesas guardadas de guarda-chuvas, algumas arvores de palmeiras nas laterais, janelas enormes de vidros fumados. Isaac queria tomar um café, ele disse-me que o local tinha sido aberto no sábado passado, então gostaria de provar o café, o hambúrguer, do café-star*. Então sentado no pátio, na mesa que fica perto de uma palmeira, estávamos lá lanchando. Eu permanecia sempre no silêncio, na praça de minhas dúvidas.

— O que foi? Não vai dizer nada, Stella o que se passa?

— Isaac, seja sincero, você realmente está bem de saúde?

Ele sorriu, não como antes, deu para perceber que houve uma pequena falha, um pequeno grau de falsidade. Depois deu um gole no seu sumo.

— Você disse uma coisa lá no grupo, que me fez pensar na minha mãe, ela estava morrendo, eu tentei dar uma nota positiva para ela..., mas infelizmente ela disse-me que era o destino, e que ninguém poderia mudá-lo, e hoje...você, falou no mesmo tom e quase as mesmas palavras. Eu só gostaria que fosses sincero comigo, estas me escondendo algo do seu estado de saúde?

Ele parou, chocado, e então fui dizendo:

— Talvez ninguém mais tenha ouvido, você disse que tarde ou cedo iremos perceber.

— É. Stella. — Articulou calmamente. — eu não achei o momento certo para te dizer...é que durante os últimos dias fui sempre ao medico. Eu deveria contar desde o primeiro dia lá no grupo de apoio..., mas eu não queria que ninguém soubesse além de meus pais, eu não queria que... fosse visto como um fraquete, que para além de ser um fio, sem valor para muitos, que... era alvo de discriminação...olha na verdade não fui somente o grupo por esta causa, mas porque...

— Quê?

Quando assim o perguntei, um silêncio, uma melancolia tomou conta dele e então disse:

— Stella eu estou doente, estava tudo bem, mas...meu coração, acelerava, minha bexiga, quase que não conseguia urinar, a placa de gordura e colesterol estão cada vez mais a acumular-se dificultando a circulação de sangue.

Lágrimas começaram a sair de meus olhos, fiquei triste quase quebrada em pedaços.

— Stella Lauren eu tenho a Cardiopatia Isquêmica. — Falou melancólico.

— E isto é muito grave? — indaguei melancólica, não sabendo cientemente, apesar de ser uma doença de coração.

— o doutor disse-me que as placa de gordura, colesterol estão cada vez mais a acumular-se dificultando a circulação de sangue.

Fiquei pálida, e lágrimas começaram a cair espontaneamente no meu rosto, e então quando as limpava, perguntei:

— E quais são as chances de superar?

— Menores!

Fiquei sem palavras, enquanto o Isaac, veio tentado me consolar mesmo com a sua voz de uma alma perdida.

— Stella, não fiques assim, elas podem ser menores, mas nossa história ainda tem muitas páginas para folhear.

Tudo que eu queria na altura, é ficar sozinha, por mais que eu estivesse chateada com ele, não consegui gritar nem expressar grosseria, foi um momento triste, que...

— Leva-me para casa, falei melancolicamente, com olhos apinhados de lágrimas.

...●●...

— Eu sei que deveria conta. — Disse Isaac. — é que estive esperando...

— Quando? — interrompi. — Quando pensarias em me contar?

— Eu... — Murmurou. — Não precisas ficar chateada.

— Eu já estou chateada está, você devia contar-me isto eu sou sua namorada e tenho o direito de saber sobre o seu estado de saúde assim como você sabe do meu.

Eu estava a me conter, para não proferir algo desagradável.

— Ok. eu entendo Stella. — Falou.

— Eu só quero ir para casa

Então fomos.

...●●...

Eu queria dizer, que quando entramos num estado psicológico de raiva, a melhor das hipóteses para evitar cometer besteira, o melhor método era procurar de qualquer maneira fazer um exercício mental que ajuda a manter a calma. E por mais que seu estive zangada ao ponto de querer quebrar verbalmente a cara de Isaac, por ele ter me guardado um segredo e segredos que eu nunca gostei na vida, permaneci forte. Durante a rodovia, nada proferi para ele.

Em casa, fui isolando-me no meu quarto, deitada na minha cama, virada para o teto, o Isaac ligava para mim varias vezes, mas eu não atendia, deixava simplesmente ele vibrando, foi quando a senhora Marta, tinha se apercebido que eu estive muito fechada no quarto, que decidiu aparecer, ela entrava pedindo licença pois a porta estava encostada. Mas eu não a respondi, nem olhei para ela, e ela simplesmente entrava, e então veio aproximando-se sentando na minha cama.

— Stella o que tens, não mudas de posição desde que chegaste.

Eu não achava como pior dia da minha vida, isto porque eu não acreditava num presente pior, eu considerava este tempo como uma dádiva preciosa, e que deveria se a aproveitar muito dele, mas...a questão é que eu estive triste, não ao ponto de considera-lo péssimo, mas ao ponto de querer que tudo isto seja uma mera ilusão. Por que pior na vida é ter vida e não viver para contar história.

— Podes crer senhora Marta eu escolheria sempre estar alegre na vida, com o meu presente, não que ele esteja sendo pior, eu não creio nisto..., mas como a história pode ser tão complexa surpresas, e mais surpresas, enfim, enfim e... enfim.

— O que foi, seus colegas do grupo rejeitaram-te?

— Não, não tem nada deles. — Falei. levantando-me, sentando apoiando-se na cabeceira da cama.

— Então o que foi?

— Primeiro me elegem como nova cabeça do clube. E em segundo gostaria de saber se a senhora sabe o que é a Cardiopatia Isquémica?

— Sim. É uma doença causada por uma aterosclerose coronária em que se verifica Isquemia do miocárdio. Esta doença, acontece quando alguma coisa atrapalha a irrigação do coração que além de bombear sangue para o resto do corpo, também é movido de sangue.

— E ela pode matar? –indaguei com os olhos fixo na senhora Marta.

— Infelizmente. — Comprovou. — Quando as placas de gordura, cálcio e colesterol, ou colagénio se acumulam nas artérias dificultam a circulação de sangue e atrapalham o ritmo do musculo mais importante do seu corpo, suas células começam a morrer, e a probabilidade de chances de cura torna-se muito restrita. Para resumir... a pessoa acaba mesmo por bater as botas.

Calmamente, olhando para a janela, toda pálida. falei:

— Então ele esta mesmo morrendo!

— Então o....? —perguntou-me a senhora Marta.

— Isaac... seu coração escolheu fazer este jogo

— Mal... — comentou. Quando meu telefone estava vibrando, dei uma olhada, era novamente Isaac, já tinha perdido as contas de quantas vezes ele ligou. E não era desta vez que eu poderia atender. Senhora Marta olhou para o ecrã do telefone, e possivelmente tenha visto a foto que eu coloquei de Isaac quando ele me ligava e seu nome, e disse:

— Não vai atender ele?

— Estou tentando fazer a coisa certa. — Ela pestanejou. — estou tentando não ser cruel, com ele por mais que eu esteja tão...

— Irritada. — Concluiu, e o que era verdade.

Eu tentava seguir o padrão de meu autor, ele que escreveu a frase: *“aprende que quando está com raiva tem o direito de estar com raiva, mas isso não te dá o direito de ser cruel.”* Senhora Marta segurou em minhas mãos, passou uma delas em meu rosto com se estivesse limpando uma poça de lágrima e começou falando:

— Você só esta chateada com ele, há um motivo que o levou a guardar este segredo. — A olhei.

— Ele não tinha motivos. — Argumentei.

— Todos nós temos um motivo, um propósito que nos leva a realizar ou não executar qualquer coisa, senão não haveria lógica, ou significância em querer algo sem propósito algum para nós. E..., talvez Isaac não contou para ti porque ele tinha medo.

— Medo? Por que teria?

— Talvez seu motivo seja o facto de não querer ver você preocupada. Ou que as pessoas sentissem pena dela. Você mesmo me contou que ele era discriminado pelos olhos, então... — respirou fundo, olhou para o telefone que a luz já tinha se apagado, e disse: — você tem de o ouvir. Perdoar será o melhor remédio para ti agora.

Assenti.

15

Segurei o conselho de senhora Marta, mas não retomei a chamada, porém ainda queria ter certeza de que esta coisa era real, que em um tempo houve uma mudança comportamental de Isaac, queria saber de seus respectivos sintomas, e se já tinha encarado algum deles no garoto de olhos vermelho, então, quando batiam 19:23 no relógio, segurei no meu computador, e sentada na cama, abri o site da Google, na barra de pesquisa escrevi Sintomas da Cardiopatia Isquêmica, e como resultado de pesquisa, dei um clique no link: [“minhavidá”](#) como matéria, apareceu em primeira instância, o conceito da doença, indo mais abaixo, achei alistado os sintomas na ordem:

Sintomas de isquemia cardíaca

- *Dores no peito*
- *Batimento cardíaco acelerado*

Parei para pensar, na conversa de hoje Isaac me tinha dito que já teve a sensação, de uma aceleração nos seus batimentos cardíacos, estava então para ser mais que verdade não era uma mera ilusão. Então continuei:

- *Falta de ar ao fazer exercício*
- *Náuseas e vômitos*
- *Dor ao andar*
- *Dificuldade para urinar*
- *Isquemia cerebral*
- *Fadiga*

Mais resultados...



Fechei o computador. Levantei da janela, segurei no meu telemóvel, marquei o número de Isaac, decidi por fim retornar a chamada, o telefone dava alguns cliques quando eu caminhava até a janela.

— Pensei que seria o fim de nossa pequena fábula poética... — atendeu no terceiro quando eu abria a cortina. E entendi perfeitamente o que ele queria dizer.

— Construir uma história, com o garoto de olhos vermelhos é o que mais quero, você sabe...Olha, Isaac eu sei que deveria me ter dito antes, sei que a uma razão por detrás de tudo...por favor me perdoe, só que... não conseguia encarar que esta coisa dentro de ti era real.

Ele, explicou-me o motivo, disse que não queria me manter preocupada e não queria que o mundo o visse como um cara que valia não viver, um cara que Deus deveria dar-lhe outra oportunidade de vida em um outro corpo, para pelo menos ver se na próxima encarnação, seja visto justamente igual as pessoas normais, enfim um cara filhinho de mamãe, e que sua mãe era tenebrosa em ficar uma longa distância dele, por isto seria tido como o melhor babaca da história. Assenti, seu motivo e na verdade era mesmo profundo. Depois perguntei se ele tivesse apresentado os sintomas frequentemente, ele justificou que... nalgumas vezes, não todos os dias, em uma vez e outra, e que por isso, ele acreditava em sairia desta, mesmo o médico lhe dando o uma possível percentagem de solução de sua doença, e possivelmente realizará seu sonho, ser um herói.

— Stella, você já não está chateada?

— Sim. Pode dormir tranquilo, que nossa fábula poética ainda tem muito para se contar.

Houve um suspiro de alívio por sua parte e veio dizendo:

— Agora estou mais aliviado. Obrigado Lauren

— Está...eu amo você...

E então calmamente disse: — Eu amo-te.

— ok.

— ok.

— ok

— Ok. — Feliz noite Stella Lauren...

16

Bufe o ar aglomerado em minhas bochechas, depois deitei o telefone a cama, botei um suspiro, fiz o sobe e desce com minhas mãos, em meu rosto. Comecei a me sentir, meio que conformada, mas ainda, queria de forma alguma ajudar Isaac, a não entrar em estado crítico, e pensei: “maior parte das pesquisas, demonstrou que exercícios físicos ajudam muito na questão de saúde, corporal, incluindo o coração, então concluí que esta era a única maneira de mim contribuir, também porque nunca mais eu tinha feito exercícios” então fui para a sala onde estava a senhora Marta que assistia *Rosa de Ferro* uma telenovela, que exibia no canal *Telemundo*, — eu não era muito daquelas garotas que gostavam muito de novela, para mim era exclusivamente marcante viver minha vida. A senhora Marta estava estendida no sofá maior, e nesse caso cheguei, me aproximei ainda mesmo em pé, para ter a certeza perguntei:

— Senhora Marta, gostaria de saber se... nente meu estado e de Isaac, quais são os exercícios físicos recomendáveis.

Senhora Marta, virou-se sentando no cadeirão.

— Há sim exercícios recomendáveis...mas porque você quer, fazer, não te posso permitir, não que eu não queiró mas vê se de repente você toma mais aqueles sintomas, realmente eu não quero que isto piore, para você.

— Eu sei que estou morrendo, pelo menos vou me sentir bem em fazer uma ótima coisa, ajudar alguém, eu simplesmente não posso ficar aqui parada enquanto ele está... morrendo.

Respirou fundo. Pus-me em pé, de braços cruzados.

— Stella há tratamentos específicos para ele...

— Eu já nós já combinamos de nós encontrar, pelas 5 da manhã. — disse o que não era verdade. — Eu não quero ser novamente vencida pelo destino.

Levou os ombros para cima, ao tempo que fez que não com a cabeça.

— Lamento Stella, eu me preocupo demais contigo para colocar-te a um risco.

— Droga! — exclamei, nervina. — Eu só quero que desta vez seja diferente, mostrar que, há alguma coisa que se possa fazer para o destino não me tirar mais alguém...

Inspirou fundo. E foi dizendo:

— Stella eu sei que você quer ajudá-lo, que você é namorada dele e se importa muito com o seu estado, e sei que exercícios são fundamentais, eu só temo pelo que pode acontecer.

— Eu não me importo no que pode acontecer comigo, mas que amanhã vou eu vou.

— Aí Stella você não vai mesmo ceder não?

Fiz que sim com a cabeça, e argumentei: a senhora sabe que os exercícios far-me-iam bem, que as pesquisas revelam a prática de exercícios físicos, pode ser uma forte aliada no tratamento da Leucemia. Então eu só queria que pelo menos a senhora me recomendasse os ideias.

Respirou fundo, vibrou suas bochechas e disse:

— Está bem, mas vê se te cuidas, vê se corres com serenidade.

Finalmente tinha persuadido ela, porém, ela começou a indicar-me um monte de exercícios adequados e as normas que deveria eu seguir a quando, praticava num período intercalado de dois dias por semanas. Explicou-me também sobre Isaac. — Conquanto, eu sabia que ela não era tão durona, que num bom argumento ficaria persuadida e convencida.

Depois fui para o meu quarto e enviei uma mensagem para Isaac, e por mais que eu não tinha certeza que ele aceitaria, eu evidenciava que ele aceitaria, alias ninguém vacila, quando a questão é um bem para sua saúde. ele confirmou e estava mesmo marcado pelas 5 da manhã. muito embora, fui até ao quarto. —Uma verdade é que eu queria mesmo que desta vez o conceito de mamãe e Isaac sobre o destino tivesse errado, queria que desta vez as coisas saíssem de acordo com o meu espirito de positividade.

Por uma causa papai tinha chegado cedo a casa, então na mesa enquanto jantávamos, pensei na questão de ele ser o chefe de um dos departamentos do SIC, e talvez ele fosse a pessoa que eu precisaria para me dar algumas orientações sobre liderança ou no caso sobre como é estar na responsabilidade de um grupo.

— Papai, como é ser um líder? Ou como é estar na chefia de um grupo? — nunca o tinha ainda colocado esta questão, porém razão de seu espanto.

— Bem. — disse terminando de mastigar seu alimento. — é uma enorme responsabilidade, ter que lidar bem com todos, tolerar algumas falhas dos chefiados é loucura...mas o por que da pergunta? Você nunca me perguntou sobre meu trabalho, muito menos sobre o meu cargo.

Pousei o garfo ao lado do prato, respirei fundo e falei:

— O senhor acredita que fui eleita nova líder do grupo de apoio?

— Humm! — cantarolou. — Meu amor isto é realmente uma optima novidade. Quem diria... você ser líder. — Balançou a cabeça, enquanto monitorava com faca e garfo o ovo que estava no seu prato. — é um bom começo, mas como escreveu Lance Secretan professor e especialista em liderança, uma boa liderança é sobre experiencias humanas. Não é uma formula ou programa, é uma actividade humana que vem do coração e levas em consideração os corações de outras pessoas. É uma atitude, não uma rotina... hum enfim ser líder significa integrar-se em sua equipa, coordenar com precisão as Actividades que ela desempenha e incentivar seus companheiros. O

segredo é não ter receio de colocar a mão na massa e ajudar os membros do grupo...

Assenti. Na verdade, foi uma boa dica para mim, e prometi em mim mesma ser uma boa líder, mas antes, porém não estive mesmo para agendar a primeira reunião. Contei para papai sobre os exercícios que eu começarei a praticar ele, quase que hesitou, até que senhora Marta persuadida, explicou-lhe os benefícios. Então ele aprovou por fim.



E então fui...

Pelas 5:03 da manhã, céu clareado, sem pingo de sol, em roupa desportiva, de meu olímpico verde, um capucho verde com a marca da Nike estampada no peito, e um ténis uma sapatilha, fiquei esperando por Isaac, sentada em um degrau ouvindo musicas no meu fones de ouvidos sem fios, que estavam conectado ao meu telefone, em um momento que observava alguma pessoas com fardas brancas e cintos de variadas cores, passando a correr, pelos vistos pareciam que pertenciam a uma academia da arte marcial japonesa jiu-jitsu, e para além deles passava também um carro vermelho de marca Rav4. Nos pontos das valas haviam pássaros parecidos com um corvo, mas não eram cegonhas, todas elas brancas, de bicos viradas para o chão. E de repente o carro estacionou bem na minha frente, era Isaac, por um segundo não havia reconhecido que era ele. Depois ficou baixando o vidro.

— Então, Stella. — Falou sorrindo, olhando para mim enquanto segurava no volante, e calmamente acrescentou: — EIS A QUESTÃO.

Levantei-me, olhando fixamente nos seus olhos, não resisti ao seu incrível sorriso sensual e sincero e então deitei também um riso, subi ao carro, e então fomos.



por uma viagem espaço temporal, poderíamos certamente ir ao parque da seria revelação, ao invés disto, chegamos no largo das escolas, que era assim chamado devido ao seu arredor, que embrulhava diferentes escolas, como é o caso da antiga, assim nomeada UJES-Universidade José Eduardo dos Santos, os institutos médios, do IMS, uma escola de formação de técnicos de saúde, a EFP-Escola de Formação de Professores Marista São José, o instituto Liceu Rei Ndunduma, e em fim o complexo escolar 4 de abril.

O Isaac, tinha estacionado seu carro a beira da estrada ao lado do Parque frente a escola de Formação Técnicos de Saúde IMS. Após darmos uma volta, como o Isaac, estava de frente, estive notando que ele não estava a sentir-se bem, sua velocidade estava desacelerando, a cada segundo que passava parecia que seus pés ficavam mais pesados, ele continuava, insistia, e então fui acelerando os meus passos chegando a ele.

— Ei, você está bem? — indaguei, quando parava, Ele também parou, olhou para mim quando, baixava, ao mesmo tempo colocando suas mãos sobre os joelhos, disse num tom meio exausto:

— Estou bem, Stella, pode continuar, vou seguir você.

— Tens certeza? —perguntei, e ele suspirou de alívio, olhou para frente, olhando novamente nos meus olhos, disse:

— Tenho.

— Ok. — Falei e me coloquei a correr.



Continuei a matutina, e quando tinha corrido já uma longa distancia de Isaac, olhei para trás, e vi que o Isaac, estava me seguindo, então fiquei tranquila, e continuei a correr. Quando cheguei do outro lado, voltei a olha para trás, e desta vez quase que meu coração sai do lugar, Isaac estava deitado a estrada, esforçando a respiração, ao tempo que segurava no seu peito ao lao de seu coração, segurando no seu peito esquerdo, dei a reta guarda, e comecei a correr gritando pelo seu nome:

Isaacccc
Ai meu Deus!

Eu corria, corria e ansiedade era tanta que, estava parecendo que a distância só aumentava, a cada segundo, mas não era o caso, e lá cheguei, e Isaac, parece que seu quadro clinico estável tinha caído, ela não conseguia respirar, e parece que seu peito estava ardendo em chamas.

— Aii... você esta passando mal. — comentei melancólica num tom de voz que não era o meu. Isaac não conseguia falar, e então segurei no meu telefone do bolso, e continuei naquela voz que não era minha: — eu vou chamar a ambulância, falei.

— Não, Stella. — Esforçou. — não eu vou ficar bem sem eles. — Eu não posso permitir que você lute com isto sem que tenhamos que fazer alguma coisa.

Me levantei, marquei 111, caiu a primeira linha e ninguém atendia, atendeu. E eu murmurei que droga! Quase que deito o telefone de raiva. Outra vez marquei novamente.

— *Você esta ligando a parti do Bié, aguarde que sua chamada será transferida para atendimentos mais próximo de si.* — Era uma operadora, não demorou e a chamada já estava sendo transmitida a partir do Bié.

— Aló! –atenderam o telefone parecendo a voz de uma mulher. Oi o meu nome é Stela Lauren, eu estou aqui no parque das escolas, meu namorado esta passando mal, seu coração, está

parecendo que vai furar seu peito, eu peço-lhes que mandem uma ambulância de imediato parece estar a bater fora do normal.

— Senhora Laureen, obrigada por nos contactar, e já esta sendo mandada uma ambulância para ali.

— Ok.

Fui novamente para o Isaac, ajudando-o a segurar no seu peito, ele estava ficando cada vez mais pálido.

— Stella, eu estou com medo morrer. — Falou melancolicamente, ainda se esforçando.

— Não. — Não você não vai morrer, Isaac, não te preocupes, eles estão chegando. — Falei tensa. Com os olhos cheios de poças de lágrima que não caíam.

Não demorou, e a ambulância, estava chegando, e em fim os paramédicos desceram rapidamente, do carro e viram segurar o Isaac. E então lá estávamos indo, eu dois paramédicos, dentro da ambulância INEMA, em direção ao Hospital. — Eu queria dizer que por um instante, eu vi a coragem do garoto que eu o achava como o garoto com mais senso de humor e simpatia vacilar, naquele momento. O medo estava mais intenso em relação a sua sensibilidade de humor.

17

A ambulância, não sustinha seu aviar emergencial, a sirene, ainda tocava, mas longínquo de meus ouvidos, os paramédicos, revestiram o nariz e a boca de Isaac com um canal ligado a uma garrafa de oxigênio. Céus! Eu não queria admitir, mas o rosto de Isaac, já não era o dele, a pele, sua mão, estava parecendo um cubo de gelo saindo do congelador, já não eram aquelas mãos macias, e sensuais. Na verdade, eu me sentia culpada, pois nada disso teria acontecido se eu, ouvisse os conselhos de senhora Marta. — E eu que pensei, que por um instante ou desta vez poderia mudar o destino, provar para à memória da minha mãe, e ao Isaac, que de forma alguma é possível mudar o destino. Mas parece que isto teve graves consequências.

No hospital, os paramédicos o levaram de imediato para uma sala da UTI, liguei para a mãe de Isaac, informei-lhe sobre a fita, e ela, depressivamente, adiantou dizer-me que, colocar-se-ia já a caminho. O tempo ia passando e nenhuma informação havia recebido de nenhum dos enfermeiros, dos médicos e nem de qualquer outro funcionário. Então fiquei sentada nas cadeiras de espera, toda pálida, e com lágrimas escorrendo em meu, rosto. Entretanto, algum tempo depois, senhora Barbara Routers estava chegando toda precipitada, ela, não me tinha visto, chegou a recepção, perguntou pelo seu filho, no entanto me levantei e fui me aproximando. Seus gestos só mostravam que ela não conseguia controlar a depressão, eu entendia, pois papai, passou ou tem passado quando os efeitos da Leucemia se manifestavam. Mesmo pálida, segurei a senhora Barbara nos braços, e fomos sentando pedindo-lhe para manter a calma ter pensamento positivos, ela não se acalmava e chorando, perguntou-me:

— Filha, como isto foi acontecendo?

— Eu... — Gaguejei. — Nós estávamos correndo...a maior parte das pesquisas, demonstrou-nos que fazer exercícios, conservaria nosso bem-estar, no entanto, eu...nós pensamos em passar a praticar, mas infelizmente, quando estávamos correndo. — Limpei-me as lágrimas, com o antebraço direito, segurei novamente as mãos de dona. Barbara. — Ele, tinha parado e eu perguntei para ele, se algo estava se passando. Orgulhoso de mais!..., disse que nada se passava, então, ele. Ele continuou, e depois de um tempo vi-lo estendido no chão, com as mãos, apertando no seu peito. Eu sinto muito senhora...

— Está querida... — falou abraçando-me, depois segurou minhas mãos, olhando-me nos olhos. e disse: — agora vai para casa, Stella. Você está doente e precisa tomar medicamentos...

— Eu não me importaria ficar aqui, caso isto não lhe importa.

— Não, não filha...claro que sua presença não me entedia, só que... pense no que ele ia querer.

Desviei meus olhos dela.

— Ok. — Falei baixinho. — Se importa se eu ficar mais um pouquinho?

— Claro que pode.



Diferente de mim, Isaac não jogou o entretenimento de estar em coma, ele estava vivendo, ele não precisou ficar ao hospital durante uma semana, meramente precisou de apenas dois dias, mesmo dentro de uma recuperação parcial. Eu não ia ao Hospital nos últimos dias, mas senhora Routers, informou-me que os médicos disseram que Isaac, teria de passar numa cirurgia, e caso isto não aconteça, fatalismo será a matéria que Isaac, meditaria. A evidencia de a cirurgia sair bem-sucedida, eram ao contrario, da informação

que Isaac Routers tinha recebido de que seriam menores, as possibilidades, rondavam entre os 80%, na verdade, isto é o que pousava meu espírito de esperança firme, meu espírito de esperança, acreditando que desta vez o destino não me tirará o garoto, por mais que os dias não eram os mesmos sem um contacto físico como o garoto de olhos vermelho.



Na manhã, de sexta-feira, seu dia de alta, pedi a senhora Marta para deixar-me ao hospital, e que teria de passar mais tempo com Isaac neste dia, porém, estive sentada nas cadeiras de espera, senhora Routers, estava caminhando pelo corredor de braços cruzando, vindo em minha direção, o seu corpo, ainda comunicava a síndrome de depressão. levantei-me, quando ela se aproximou.

— Senhora, Bom dia, como ele está? —perguntei.

— Ham querida! Tudo bem? — disse num tom melancólico.

— Estou. Isaac, onde ele está?

Senhora Routers deu uma olhada de trás de si no corredor e disse:

— Ele esta vindo.

Não o tinha visto, mas ele estava lá vindo, não esperei que ele chegasse, e fui de imediato ao seu encontro.

— Então Stella, como vai? —indagou-me, quando eu o abraçava.

— Nós ainda vamos viver Stella Lauren! — disse calmamente. Quando eu ainda o abraçava fortemente.



Senhora Barbara, mesmo vendo seu filho, estava ainda deprimida, papai passava pelo mesmo, então deu para entender é uma questão afectiva dentre pais-e-filhos, e logo concluí que ela era igual a papai sensível demais, e talvez maior, e quanto, o seu estado, eu queria

dizer que esta, é uma daquelas situações que a síndrome de pensamento acelerado, mesmo tentando ser positivo na maior parte das vezes, nosso cérebro, não consegue controlar seu poder por uma percentagem aproximadamente a 60%, quando pensamentos negativos, permanecem, governado o quarto emocional de sua história, mas enfim, fomos nos retirando do hospital em direção a casa da família Routers.

18

Não era muito desigual para Isaac, Ele não tinha o mesmo senso de humor, do conhecido, por mais que ele estivesse sorrindo, não me parecia tão erótico e verdadeiro como das ultimas vezes, estava parecendo que havia uma sensibilidade oculta nele, mesmo ele fazendo esforço para não revelar seu estresse.

Depois de sua casa, Isaac Rous, levou-me a um lugar oculto do parque da séria revelação, este, diferente do parque, este era mais recheado de distintas arvores, arvores de diferente naturezas, estava mais para um bosque, do que um lugar oculto do parque, havia folhas frescas e secas estendidas no chão, algumas verdes outras amareladas, ainda outras já secas a cor castanha, a atmosfera da coisa, era muito pura, eletrizava de alegria a alma de quem estivesse lá, estávamos andando abraçados, em silêncio, por entre bulha do vento e das folhas secas que pisávamos, cantadas de pássaros parecendo corvos apaixonados. Na nossa frente havia uma espécie de lagoa enorme, bem no meio do espaço.

— Não sabia que dentro do parque havia um lugar tão lindo. —
Comentei.

Por um minuto antes de responder-me, deu um daqueles seu sorriso, mesmo com angustia, e respondeu.

— Chamo ele, de bosque oculto.

— Lindo nome para um bom lugar. — Só nunca imaginei que cá no Kuito tivesse tantos lugares ocultos para mim.

— É natural, 1 dentre 7 pessoas conhecem este lugar.

Chegamos a um ponto mais próximo do pântano, ventilava um fluxo puro das águas, em sua beira, havia um assento que era como aqueles bancos que são postos nos parques, mas estas erram de lenho, ele era coberto de uma sombra causada por duas arvores cruzadas, cujas folhas eram tão verdes e bela, para além disto, nela havia flores lindas de varias pigmentações parecendo o arco-íris. Nunca ainda tinha estado numa região como esta, incrivelmente linda, o assento dava uma boa vista a lagoa, e do outro lado haviam varias arvores.

Sentamos, avistando os fluxos das águas. Perguntei sobre como ele tinha descoberto aquele lugar. Ele explicou-me que tudo começou com seus pais, quando o traziam ali, apenas quando era moleque, e que eles comentavam que se a um lugar onde poder-se-ia inalar oxigênio puro, era este. Que se havia um lugar onde a alma pudesse refrescar, um lugar para melhor meditação era o *bosque oculto*. Que o bosque oculto era o lugar de refugio quando as pessoas o especificavam ainda sendo um infantil inofensivo. Contou também que seus pais faziam isto porque eles sabiam de seu incrível coração, pois seu câncer nasceu consigo, e muitas das vezes ele precisava era mesmo de tomar oxigênio cristalino. Ele disse-me que achava aquilo chato, visitar o mesmo lugar quatro vezes por semana, e 5 horas ao dia, pois crianças querem explorar o mundo, querem estar em carrossel, montanha-russa gigante, ser como *Spider-man*, pular de um lugar ao outro, ou ainda ser como o *Flash*, correr pelo mundo. Ele não contemplava boas razões em seus pais por o manterem distante do universo, mas que chegar antes de sua primeira década, aos 9 anos de idade, ele começou a compreender, porque quando se aproximava de garotos que poderiam ser seus amigos, os pais do mesmo os tiravam de imediato ao lado dele, e depois era o centro de olhares frios. Ninguém quereria ter uma história assim, seus vocábulos eram muito profundos, mas o interrompi:

— Vai correr tudo bem Isaac. — Falei baixinho.

— É! — exclamou. — Mas hoje eu entendo, e estou aqui, contemplando novamente o mesmo lugar. Tentando esquecer-me

desta coisa, da operação que vai ocorrer, e talvez fazendo minha última contemplação a natureza...

— Isaac são 80%. — disse olhando para ele, enquanto ele contemplava o fluxo das águas. E ele percebeu exatamente o que eu estava dizendo. — E lembra do que aprendemos lá no grupo de apoio sobre a fé. Além disso, onde está aquele garoto que sorria sempre mesmo em momentos de melancolia, em, onde?

— Toda aquela coragem, não passava de uma ilusão, de um cinematografe. — Ficou um tempinho em silêncio de boca aberta, e depois continuou: — Stella eu aprendi que o mundo não é um palco onde se pode vencer o apetite da morte.

Assenti, quando ele olhava para mim nos meus olhos. Sem dizer nada.

— E seu desejo de ser um herói?

Ele respirou fundo, ficou pestanejando, a medida que me olhava e depois respondeu-me com a frase de Aristóteles:

— *A esperança é o sonho de um homem acordado.*

Suspirei. — Você não pode simplesmente, parar de atrair pensamentos negativos? Eu não estou te reconhecendo, você não é o garoto que eu conheci, pelo menos até aqui. — falei toda melancólica e zangada.

— Desculpa Stella.

— Você mesmo me disse que este é um local para refrescar a alma, tentar fugir de coisas negativas, e o que você está fazendo?

Engoliu saliva, a medida que pestanejava.

— Foi mal. — disse segurando no meu queixo. — Você tem razão, não gosto de te ver zangada.

— Então não me faz ficar zangada.

— Ok. tudo bem, eu vou ter de novo minha esperança.

Parei de o olhar, fitei meus olhos a lagoa, e passando alguns segundos, ele segurou novamente no meu queixo e arrastou meu rosto na visibilidade de seus olhos. Botou um sorriso, que estava quase ao dele e disse:

— Ei, será que poderíamos nos beijar agora?

Foram aproximadamente três dias que não sentia a corrente elétrica de seus lábios, então assenti, por mais que estive meio zangada com ele. E então nos beijamos....



Ficamos olhando o fluxo das águas que ficavam com o brilho dos raios solares, ouvindo o som dos pássaros que vinham de cima das árvores, e sentíamos o vento batendo em nossos rostos, não falávamos nada, até, que o percebi que o Isaac, estava novamente fora de si.

— Então o que foi mais? —perguntei. Olhando-o.

— Nada! — exclamou, ficando com a boca meio aberta, como se quisesse falar algo.

— Tens certeza?

— Stella! você lembra, que uma vez... eu disse para escrevermos uma história?

Houve uma vez, que Isaac, me disse que seria ótimo termos uma história, uma história escrita de um garoto de olhos vermelho, e a garota de câncer e Leucemia, uma história que saísse nos livros, uma história que talvez possa vir ser encenada. Isto eu achava legal, mas que ainda não estava agendada a data de colocar as primeiras tintas no papel.

— É. lembro, por que?

— Não estou a ser negativo, mas eu só gostaria que você me promettesse que se a cirurgia der errada, você vai escrever.

— Isaac, isto não vai acabar agora...

— Promete para mim?

Assenti.

Depois de um tempo, ficamos caminhando, pelo bosque-oculto como assim se chamava, demos algumas voltas. E explorei mais o espaço com ajuda de Isaac.



“Deseje o melhor e prepare-se para o pior”. Esse é um daqueles princípios inteligentes que tornam as coisas mais fáceis: almeje o que há de bom, mas esteja preparado para imprevistos, pois eles acontecem em todos os lugares, mesmo naqueles ambientes que você supostamente domina. “Mário Cortella” — Um dia antes da cirurgia, de Isaac, estive, pensativa, deitada na minha cama, olhando para o teto, cujos braços estavam postos de trás da nuca. Quando de repente o meu telefone começou a vibra na minha banca. Fui para lá e era o Isaac.

— Isaac — atendi.

— Oi Stella Lauren, será que você pode dar um pulo para o *Bosque-oculto*? —perguntou, e parecia que a comunicação estava falhando, pois, o som vinha com ruído.

— Bosque! — Exclamei.

— Eu amo você Stella. —falou, mesmo com ruído, aquela frase chegava de forma sensual aos meus ouvidos. Assenti. E desligou o telefone, e deitei o telefone a cama.

19

Tirei o meu calção, e pus uma calça jeans, e um tênis da *All-Star*, e uma camiseta. Depois, pedi a senhora Marta dar-me uma boleia a té lá. Quando estive caminhando, estava um clima, misterioso, parece que ninguém estava lá. Continuei simplesmente caminhando com o objetivo de chegar na beira da lagoa, ouvia o mesmo som de folhas sendo pisadas, canto de corvos, e som das folhas tremendo a força do vento. Surpreendi-me, vendo lá a Verónica sozinha sem o Isaac.

— Vê. — Assustei-me. — O que fazes aqui? E por que estas vestida assim?

Ela que estava vestida de uma roupa social, um fato, de cor preto e branco, com um laço encruzado sobre o seu pescoço. E o sítio estava decorado, sobre flores de diversas cores, um tapete vermelho estendido no chão. Tudo por volta da cadeira.

— Pergunte para ele. — Respondeu sorrindo.

E de repente, ouvi uma voz tão suave e erótica vinda de trás de mim:

— Oi Stella. — Era o Isaac, que estava escondido por de trás de uma árvore, vestido de uma camisa vermelha quase marrom, e uma calça azul escura social e um laço, também de cor vermelha volteado em seu pescoço. E um sapato preto. Não sabia qual entretenimento eles estavam fabricando, mas que surpresa há em Isaac? Sim existe.

— Isaac! — exclamei. — O que é tudo isto, você, Verónica... flores, tapete, e...e porque estão vestidos assim? Alguém pode se explicar!

— Vá conte para ela Isaac. — Verónica sugeriu.

— Isto aqui Stella Lauren. — Falou levantando os olhos, enquanto se aproximava caminhava em minha direção. — Digamos que é uma simulação de um enlace.

— Enlace!

— É. — afirmou. — Quer dizer, eu espero poder casar contigo no futuro. Mas pensei! Talvez ele chegue daqui a vinte ou cinquenta anos. Então, realizar esta pequena cena muito antes, é o que eu concluí, caso algo ocorra mal na minha cirurgia. Pelo menos eu vou me sentir desejado, vou me sentir completo mesmo que estas sejam as minhas ultimas horas desta incrível e bela temporada. Mesmo que este casamento não seja tão oficialmente verdadeiro..., Stella Lauren, eu quero, quero casar contigo antes mesmo da cirurgia. Como disse, não oficialmente, gostaria de apenas, partir conscientemente ao hospital casado literalmente com a dama que comoveu meu doentio coração....

— Nós ainda temos muito para escrever Rous. — Comentei.

— Possivelmente, Stella, eu só queria realizar um ultimo desejo. Este de matrimoniar com a mulher mais linda do universo. — Olhou para Verónica e disse: — Não é para invejar Verónica, você também é linda.

Verónica sorriu. E disse bem devagarinho: **SEI...**

— Eu acho ser surpresa de mais. Olha do jeito que estou vestida. Pelo menos você me avisaria, e eu teria outra indumentária. — Falei.

— Não enrole demais, vá logo, você teve a sorte de pelo menos estar comprometida antes dos 18, e alias você esta como cara mais romântico que um dia existiu na humanidade. Pare de enrolar sua chata... — Argumentou Verónica, e eu sorri.

Isaac, levou os lábios para frente, segurou-me nas mãos, e suas mãos estavam tão frescas, que me deu um pequeno arpeio. E nos beijávamos.

— Então vamos começar logo? —Verónica falou. Então paramos de nos beijar, Isaac balançou a cabeça de cima para baixo com o seu belo sorriso sensual, e disse sem mais comentário.

— É.

Posicionamo-nos de frente da cadeira, quando Verónica estava de frente de nós, desempenhando o papel de um padre, na posição dela uma pastora, dando a cerimonia de um casamento, e por mais que não fosse tão real era o que estávamos prestes a fazer. Então começou a cerimonia.

— Estamos aqui hoje para celebrar as melhores coisas da vida, a confiança, a esperança, o companheirismo e o amor entre esse par. Não há convidados quando deveria haver, mas isto, não nos impede de compartilhar este momento com a Stella Laureen e com o Isaac Routers porque são as pessoas mais importantes para eles. O respeito, a compreensão e o carinho que sustentam o relacionamento deles têm suas raízes no amor que todos vocês deram a este jovem casal. Por isso, é uma honra para os noivos contar com a sua presença, aqui, hoje.

— Por que enrolas tanto... vai logo ao fim. — interrompi sorrindo.

— Vê se cales a boca, falas muito cale, a interromper a minha cerimonia! — falou brincando e eu sorria. Assim foi continuando:

— Eles escolheram um ao outro como como fonte para produzir gerações, futuras, mas hoje estão celebrando o amor que já começou e que vai continuar crescendo ao longo dos anos, porém, Isaac Routers é de livre e espontânea vontade que você se compromete a Stella Laureen, como sua futura e eterna companheira?

Isaac, sorriu, olhou para mim e disse sensualmente:

— Sim.

Verónica foi novamente prosseguindo:

— Stella Lauren, é de livre e espontânea vontade que você se compromete em ser fiel, não desamar, não se desviar da ponte que tu e Isaac Routers, estão construindo até ao dia do casamento e virem tornar-se num casal exemplar que se manterá firme até a eternidade?

Acolhi. — É. — falei

— Desta feita vamos, venho a dizer que chegamos no momento de trocas de aliança. — Verónica disse.

E com isto, Isaac, estava tirando do seu bolso dois anéis e um colar. Todos dourados. E entregou-os a Verónica. Depois, ela colocou num pano branco estendido em suas mãos, levou a Isaac, e este escolheu um, e enfiou-o no meu dedo anelar, ainda pegou o colar e enfeitou no meu pescoço, — o colar era de uma espécie de coração, ele abria, e dentro dele tinha uma foto minha e de Isaac abraçados, concentrados na câmara, e doutro lado esta escrito em forma de um poema:

*eu amo-te
de manhã
de dia
no cintilar da lua,
até em fortes tempestades
Pra sempre eu te amarei,
Stella Lauren.*

Evidentemente, Isaac tinha planejado tudo, desde cedo, o nome, a fotografia, os versos, só explicavam que ele tinha tudo isto na manga de suas mãos, porém, posteriormente, fui fazendo o mesmo. E enfim nos beijamos por uns dois ou três segundo, e então a Verónica veio dando o pronunciamento final:

— “O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com

a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.” (1 Coríntios 13:4-7)

Por mais que não fosse um casamento de verdade, em uma Igreja, com padres convidados padrinhos, estava parecendo um casamento de verdade a se realizar no bosque-oculto, com Verónica sendo a madrinha e pastora ao mesmo tempo, a fim de que sua cerimonia saiu identicamente a de um profissional, que até a carta de Coríntios citou. Realmente Verónica estudou a cena completa do que se diz num casamento. Admito, foi, bom, o discurso da Verónica, sua retorica, gestos e matéria, concluí que ela seria uma ótima pastora um dia, se ela quisesse.

A cena do casamento, me fez esquecer por um momento, a situação trágica da nossa temporada eu e Isaac, e só me fez acreditar ainda mais que o presente é a melhor dádiva do mundo, mesmo que ele esteja rodeado de momentos pesados, isto não o tornava pior.



Assim, terminamos a nossa aventura. Fomos nos retirando do bosque-oculto. quando estávamos passando pelo parque da seria revelação, a caminho do carro do Isaac, para levar-nos para casa, Isaac elogiou a Verónica, pela sua e incrível cerimonia, ela simplesmente explicou que havia levado cinco dias e uma noite de ensaio, no entanto minhas evidências estavam certas, Isaac planejava esta cena mesmo a muito tempo, talvez muito antes de ir ao hospital. E sinceramente este é um daqueles dias que também deveriam ser escrito no diário, alias será contada na nossa história.

Porém, quando estávamos saindo, caminhando entre as arvores, o Isaac, começou a passar mal novamente, seu peito parecia estar ardendo fogo, sua respiração, seu ar parecia estar a vazar, foi quando de imediato, Verónica foi ligando de imediato para o a Ambulância. — Cortella tinha razão, a quando falava sobre os imprevistos. Por esta, ninguém esperava, o momento que a minutos atrás era de uma

história de aventura, transformou-se num momento mais agonia, e logo antes mesmo do dia seguinte, e possivelmente eles poderão ainda operar hoje.

Ele não conseguia proferir nenhuma palavra, até que, a ambulância, chegou e o oxigenaram, a caminho da UTI. As lágrimas no meu rosto não terminavam de cair, a decréscimo era cada vez mais intenso.

— Stella! — Chamou-me o Isaac, calmamente, com sua voz sendo interferida pelo canal que ligava a garrafa de oxigênio. Então fitei meus olhos nos dele, quando ele também me olhava, em seu rosto também saia lágrimas. — Stella.

— Sim. — Respondi.

— Eu...eu, quero que você me prometa algo, pode ser?

— Não é momento de promessas Isaac. — Falei olhando para o um dos médicos que o examinava.

— Por favor Stella!...

— Tá. O que é?

— Olha, se eu não voltar a ver a luz do sol, ou, ou a luz dos seus olhos, me diga que você vai viver!

— Eu sempre digo Isaac, você vai sair desta. —Proferi.

— Stella vai promete para mim.

Fixei os meus olhos nos dele, por mais que eu não queria, e acreditava que tudo poderia correr bem, gesticulei que sim com a cabeça, e ai acrescentei quando lágrimas iam tocando nos meu lábios:

— Ok...

E quando, estava parecendo, que ambulância já estava parando, o tom tão sensual, parecendo-se mais com um de despedida, vindo do Isaac, disse:

— Eu, amo-te Stella Laureen

Assim, os paramédicos o levaram de imediato para a UTI. Não tardou, e a senhora Barbara já chegara na clinica, encontrando-me junto a Verónica na cadeira de espera. Seus olhos estavam como os meus inchados de lágrimas, rosto pálido e fora de si.

Mais tarde eu tive que sair, não porque queria sair do Hospital, mas porque passei mal, por um momento, e porque teria de tomar medicamentos. Isaac tinha novamente desmaiado, e foi colocado em na UTI com diversos aparatos, oxigênio, intubações, e os médicos, explicaram-nos que teriam mesmo de antecipar a cirurgia, pois o seu estado clinico estava instável de mais, ao invés de 80, baixou para 30% sua chance de sair desta. Recomendei a senhora Marta que pernoitaria no hospital me avisar das notícias pós-operação, ela estava ciente disto.



As cirurgias cardíacas são procedimentos complexos, que costumam a durar cerca de 4 horas ou mais, que na terceira hora, o coração de Isaac vacilou, quando, da cardiopatia que era feito dele, criou espontaneamente uma hemorragia, que parou seu coração, que também era feito dele. Ele estava com seus pais, lá no hospital, pelas 22h34, quando eu ligava para a sua mãe. E quando ela me disse que as possibilidades, dele sair dali, não passavam os 29%. Que talvez ele não pudesse respirar no dia que se avizinha. Meu telefone estava na banca, e eu deitada na cama, sem sono, virada para o lado da janela, quando, de repente mãe de Isaac, ligava para mim. Atendi-a, e ela não conseguia proferir sequer uma palavra sem, que visse, com um grito de choro. Não falei nada, fiz cair o telefone. Fiquei ali chorando, chorando, apavorada. De repente, acenderam a luz do meu quarto, e uma mão segurou-me, ao mesmo tempo dizendo:

— Filha eu sinto muito. — era, o papai, sentou, levantou minha cabeça, e apoio-a no seu colo., provavelmente ele tinha se apercebido por meio da senhora Routers, suponho que ligou para ele, uma vez que eu não falava nada aquando ela ligou para mim.

20

A dor era insuportável, eu não resistia, um segundo pior do que o outro, meu peito estava parecendo receber uma enorme carga bura de energia elétrica, e eu não conseguia distinguir se era o efeitos de meu estado clínico, ou a dor da perda do garoto de olhos vermelhos. E estava concluído, mais uma vez levou alguém que eu amava e eu que pensei que desta vez poderia ser diferente, não, não era...o destino simplesmente me venceu outra vez.

A noite estava marcada de chuva, que começara pelas 21h, chuva de trovões e relâmpagos, tudo parecia um filme de terror para esta noite. Eu não parava de chorar, papai tentava de tudo para me consolar, mas Shakespeare tinha novamente razão, quem sente a dor jamais a conseguirá dominar.



Eu me lembro duma vez, lá na UTI, quando saí do estado de coma, o médico me dizendo que metaforicamente eu tinha feito a caminhada de Jesus Cristo, — ele disse que eu tinha sido uma heroína, igual a ele por estar..., sei lá num mundo obscuro, presa durante dois dias, e no terceiro voltei aos vivos, pois eles, no hospital, não tinham em seu calculo o dia específico que eu poderia estar desapagada, por mais que a metáfora fosse verdade, eu não me sentia uma heroína, eu me sentia...mais do que estável, me sentia uma garota que só queria abraçar as pessoas mais próximas. E sabes, não sei como, mas ele me contou sobre os três filhos do tempo, explicando assim que o futuro e o passado, são na maioria das vezes melhor que o presente, o presente é a fonte da tristeza e da dor, e eu discordei, 1) uma vez

que o futuro não existe é tudo uma ilusão humana pensar no amanhã, criar várias perspectivas e 2) doutra porque o que passou já era, e não se pode reflectir no actual momento, então não haveria argumento rigorosamente aceitável a afirmar que estes tempos são por vezes melhores do que o presente. Eu estava acostumada de ter bons momentos no presente, que pensar no passado, seria bizarro, daí eu disse para ele que, o presente é a melhor dádiva nos dada pelo maior e poderoso observador do Universo. E então ele voltou a chamar-me de corajosa. Mas este adjetivo qualificando-me não tardou até que...

Por uma imprevisibilidade, num espaço de tempo minha coragem e meu heroísmo vacilaram, e então eu concluí que o médico tinha razão, porque o enorme e inacabável presente veio.

O funeral se aproximou, e estávamos todos prontos para dar o ultimo adeus a Isaac, mas a vida me ensinou a dizer adeus as pessoas que eu amo, sem tirá-las do meu coração, meu amor pelo Isaac, vai morrer comigo, e ainda terá uma outra versão noutra vida. Este 5 de dezembro, é o dia de luto para todos aqueles que foram próximo dele, seus pais, Verónica, suas pequenas irmãs que eram tão pequenas para suportar a dor de estar em luto, como todos os funerais, este não mereceu diferença, padre, flores decoradas em sua urna, cemitério que era o municipal do Cuito, tudo ocorria pelas 10 da manhã, o sol não era tão ardente, assistíamos o padre dando as suas ultimas cerimoniais:

— Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias.

— Oremos. —Falou. —Senhor, agradecemos pela vida de Isaac Rous pela sua fé e coragem, senhor pedimos que estejas connosco hoje para conformar sua família e amigos, e pedimos ao senhor que o tenha em seus braços. Em nome de Deus pai, Deus filho e Deus espirito santo amém.

Me pronunciei em fazer a elegia fúnebre, o padre assentiu, e deu-me espaço, porém, levantei, e fui para a frente da urna, segurei o meu papel, que estava no bolso do meu vestido, onde eu escrevera tudo, e fui desdobrando ele lentamente enquanto todos fixavam seus olhos em mim. Verónica olhou-me e deu um simples riso balançando a sua cabeça de baixo para cima. Parei de abrir o papel quando me lembrei de uma frase de um escritor, francês, e então fui falando:

— A uma frase de um escritor francês, Michel de Montaigne que diz: entre os nossos maiores prazer neste mundo estão os pensamentos agradáveis e a grande arte consiste em tê-los no maior número possível. — Terminei a frase, olhando para os pais de Isaac, que estavam abraçados. Todos pálidos, e fui continuando:

— Isaac, mesmo nos seus últimos dias apesar de ter achado que algo daria errado. Mesm... mesmo estando com medo que o vento o levasse para outro mundo, ele ainda carregava consigo o seu belo sorriso. Ele se apagou, do universo com um coração enorme de amor, muitas das vezes... no principio de nossa relação, ele não tinha medo de nada, ele... — limpei uma poça de lágrima que caia de meus olhos. — O Rous me fez ver um mundo desigual, mesmo na grande e incrível temporada da minha vida. — Não conseguia mais pensar em nada, parece que meus pensamentos tinham terminado, e para conclui, com os meus olhos embrulhados de gotículas de lagrimas, comecei chorando e terminei com a frase:

— Você vai fazer muita falta.



Pós o funeral, fiquei apreciando meu reflexo no espelho. Quando refletia sobre minha pequena fabula de amor com Isaac. E ainda lembro de uma vez que ele disse que nunca saberemos ou que a vida não avisa qual é o ultimo adeus, qual será o ultimo abraço ou ultimo sorriso, eu não ligava naquele dia, mas percebi que desde aquele dia ele estava a despedir-se. Eu me prendi no quarto por mais de 4 horas, não queria falar com ninguém, não estive no clima para conversa. Batiam a porta de meu quarto mais eu não abria. Passaram-se mais dois dias, e eu ainda continuava com o meu vestido de luto bem ajustado em meu corpo, ficava somente olhando pela janela, na maior parte dos intervalos de tempo no espaço. Não queria ficar nem com papai, com senhora Marta, nem mesmo com minha grande amiga Verónica.

Ainda não tinha me acostumado a esta nova realidade. Meu aniversário está próximo, e eu queria que Isaac estivesse celebrando comigo, eu queria que pelo menos esta vez fosse diferente, junto a um companheiro, mas infelizmente, não é o que irá acontecer.

— Stella eu... — era a voz de Verónica, ficou um tempo em silêncio, depois assustei que segurou em meu ombro, mas mesmo assim eu não tirava os olhos da janela. E ela voltou a dizer:

— Eu... sei o quão difícil perder... suportar tudo isto, lembro que você me ensinou que, quando uma despedida está sendo difícil de se esquecer é porque valeu a pena...

— Se eu pudesse eu pegava na dor, colocava em um envelope e depois queimava ele... — Finalmente depois do funeral voltei a falar. — Mas parece que uma dor nova nasce na própria dor, é... simplesmente inevitável.

Verónica, respirou fundo, pediu-me para olhar para ela e eu obedeci, depois ela segurou minhas mãos.

— Quem tem âncoras vive apenas a nostalgia e não a saudade. Nostalgia é uma lembrança que dói, saudade é uma lembrança que alegra. Uma pessoa tem saudade quando tem raízes, pois o passado

a alimenta. Pessoas que têm nostalgia estão quase sempre às voltas com um processo de lamentação.

A citação de Verónica, era de Mário Cortella, eu lembro-me bem, estava escrita no livro que terminei de ler, O que a vida me ensinou. Não sei como, mas talvez ela tinha arranjado um método de ler a frase, ou talvez ela tinha pegado meu livro nas escondidas, a frase tinha me tocado no espírito, e quando eu queria comentar sobre a mesma...

Stellaaa!

Era senhora Marta gritando meu nome. E depois continuou:

Seus amigos do grupo de apoio estão aqui fora.

Espantei, não sei como eles tinham conhecido minha casa, era uma surpresa, me questionei, ainda não os tinha enviado mensagem de confirmação, e então o que eles queriam.

— Grupo de apoio! — exclamei, com meus olhos fitado nos da Verónica e ela nos meus.

E então fui, eram mesmo eles, e estavam todos na frente da porta de casa.

— Vocês...! — exclamei.

— Nós sabemos o que Isaac era para ti, e você para ele. Alias ele nos contou. — Era Joana falando. Ela que estava na frente de todos. E eu assenti, embasbacada não percebendo ainda a que se devia a visita deles.

— Olha pessoal, eu aceitei ser nova líder, mas...eu estou sem fio...

— Não, isto não é uma visita protestante...

— Não! — Exclamei quando senti a aproximação de Verónica.

— É. Nos seus últimos dias, Isaac..., escreveu algo e pediu para que nós lêssemos para você, se tudo ocorresse mal...como ele julgava —

Orlando falou. E num segundo ao outro, eles começaram a ler em coro:

— *Lamentar uma dor passada, no presente é criar outra dor e sofrer novamente, não cito cá o autor, pois ela deve saber quem ele é.*

Botei um sorriso nos lábios, sim eu tinha noção, a frase era de Shakespeare. Então continuei ouvindo:

— *Nunca, e não gostaria de ver você sofrer e nunca quererei, mas sim quererei ver daqui de cima você vivendo sua Vida. Eu amo-te Stella Laureen, também sei que você me ama o quanto pode, mas que a minha ida não signifique a morte de sua vida que deveria ser vivida intensamente, viva Stella Laureen, eu estou te vendo onde estou, por favor me faça estar alegre mesmo numa distância de cem mil milhões de quilómetros ao universo. Adeus, ah! e não se esqueça de escrever. Talvez um dia teremos um reencontro. Um forte abraço Stella.*

Eu chorava de emoção enquanto eles liam, todos no mesmo ritmo em papais diferentes. E depois que terminaram, todo me colocaram ao meio e me abraçaram. Recebi um envelope de Joana, com as letras de Isaac.



Mais tarde sozinha no meu quarto, fui até ao meu computador, entrei no meu blogger, comecei a escreve uma carta, sobre a nossa fábula poética, para realizar um desejo do Isaac Routers, sei que ele queria talvez um livro do gênero romance, mas nosso romance vai morrer connosco, depois de escreve-la publiquei. Escrevi:

Meu nome é Stella Laureen, e esta, uma carta. Ela, é uma história épica de amor, da garota que viveu com dois vícios, clinicamente instável, e do garoto fundido de batimentos acelerados em seu coração, que para complementar, ele tinha olhos vermelhos.

Bem, eu não vou descrever todas as nossas características porque provavelmente levaria muito tempo, e eu estaria fora do objectivo.

Isaac queria ser um herói, que saísse nos livros, em revistas ou como qualquer um outro herói, tivesse um traje que o identificasse, infelizmente ele partiu, consciente de não ter realizado este grande desejo, ele sentiu-se na impossibilidade de o realizar, e ser lembrado por todos, mas para mim ele foi mais do que um herói, e eu vou lembrar dele. Isaac, não precisava de usar vestuários ou um símbolo que o identificasse como herói, ele usou simplesmente seu coração doce, e estava lá, em momentos penosos de minha vida, na verdade o verdadeiro significado de ser um herói, está na valência de nossos corações.

Sei que nossa pequena história, não terminou como nos mais variados, filmes de romance, acabando sempre com um beijo, um abraço entre os personagens, nossa história é de curtas páginas, quando deveria ser de longas, mas como dizia Miley Cyrus: *o verdadeiro amor não tem final feliz porque o amor verdadeiro nunca acaba*. E se ela foi curta e acabou com a morte do garoto, isto não importa pois, nunca é pequeno, o que se faz por amor, quando se ama verdadeiramente, vivesse uma eternidade, vivesse um paraíso, mesmo sabendo que tens algo, que o possa tirar o poder das fossas nasais alimentarem-se de oxigénio.

Com esta carta, espero que o mundo conheça a nossa pequena aventura, nossa pequena fábula de poética, dentro deste e grande calhão azul, em que fomos chamados um para o outro. Deixa-me dizer-vos uma coisa: O amor é uma ilusão, sem a qual não podemos viver, como os relâmpagos, o amor nos liga entre a terra e o céu. Eu sinto isto mesmo estando num mundo oposto, eu adorei viver esta pequena aventura e com certeza Isaac Rous, também. Mesmo que ela não terminou aos meus desejos, mesmo que a natureza tinha para ti um número pequenamente tão finito de vida, uma coisa é certa, Isaac!... meu amor, meu coração será eternamente teu lar.

“Stella Lauren”

FIM

AGRADECIMENTOS

A luz desta obra, deve-se a um ser onnipotente, onnipresente e omnisciente, que com a sua graça, mantém-me vivo e determinado para continuar a enriquecer minha experiência literárias e em fontes da vida a fora da literatura a cada dia que passa.

À minha progenitora Judith Nicolau, pois meu mundo literário não existiria, se ela não me guardasse desde a fecundação até me tornar na pessoa que sou hoje.

Agradeço também a todos os sites da internet, que me forneceram tantas ideias pertinentes, sem as quais também não seria possível o culminar da presente obra. Ao meu predileto romance **A culpa é das estrelas** que foi uma das peças de inspiração para esta obra.

Ainda teço os meus agradecimentos ao grande Wildiberto (Cassiano) Faria, que com suas grandes e incríveis habilidades, também tornou esta obra possível.

A todos que de qualquer modo, seja directo ou indirecto, apoiaram-me.

E sem esquecer-se de ti meu querido e amado leitor, que dispensou do seu tempo para viajar mais num mundo de minhas imaginações. mais uma obra de minha autoria.

OBRIGADO!

Até a próxima obra...

O AUTOR



MÁRIO GALANGUNGA, Escritor do livro de Género lírico(poemas), **VOZES DA ALMA**, dos Romance **FÉ, AMOR, TRADIÇÃO E DOR, UMA ESTRELA BRILHANDO NO UNIVERSO**, e **UM AMOR INESPERADO**. Apaixonou-se pela Literatura no seu primeiro ano do ensino médio, na Escola de formação de professores Marista São José-Kuito/Bié, na opção de Língua Portuguesa e Educação Moral e Cívica no ano de 2017. Começou sua carreira de escrita em 2018 quando escreveu pela primeira vez o poema *Exausto*, e no ano seguinte, escreveu assim o seu primeiro E-book, de poemas. Actualmente conta com 5 livros escritos, todos em formato digital.